

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LEANDRO DAL SASSO MASSON

**CAOSMOSE: ARQUITETURA, URBANISMO E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADE**

Uberlândia – MG

2019

LEANDRO DAL SASSO MASSON

**CAOSMOSE: ARQUITETURA, URBANISMO E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestrado em Filosofia.

Área de Concentração: História, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

Uberlândia – MG

2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M419 Masson, Leandro Dal Sasso, 1988-
2019 Caosmose: Arquitetura, Urbanismo e Produção de Subjetividade
[recurso eletrônico] / Leandro Dal Sasso Masson. - 2019.

Orientador: Humberto Aparecido de Oliveira Guido.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Filosofia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2345>
Inclui bibliografia.

1. Filosofia. I. Aparecido de Oliveira Guido, Humberto, 1963-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação
em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - posfil@fafcs.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

| | | | | | |
|------------------------------------|--|-----------------|-------|-----------------------|-------|
| Programa de Pós-Graduação em: | Filosofia | | | | |
| Defesa de: | Dissertação de Mestrado Acadêmico, 010 SEI, PPGFIL | | | | |
| Data: | Trinta de agosto de dois mil e dezanove | Hora de início: | 16:15 | Hora de encerramento: | 18:40 |
| Matrícula do Discente: | 11712FIL007 | | | | |
| Nome do Discente: | Leandro Dal Sasso Masson | | | | |
| Título do Trabalho: | Caomose: arquitetura, urbanismo e produção de subjetividade | | | | |
| Área de concentração: | Filosofia | | | | |
| Linha de pesquisa: | <i>História, Sociedade e Cultura</i> | | | | |
| Projeto de Pesquisa de vinculação: | DIREITO NATURAL E SABEDORIA CIVIL NA FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE G. VICO: A CRÍTICA AO FORMALISMO DA FILOSOFIA POLÍTICA DO SÉCULO XVIII | | | | |

Reuniu-se na Sala 1 U 134, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Juliana Soares Bom-Tempo - UFU; Thiago Reis dos Santos - UNIUBE; Humberto Aparecido de Oliveira Guido orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Humberto Aparecido de Oliveira Guido, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/09/2019, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Reis dos Santos, Usuário Externo**, em 02/09/2019, às 13:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Soares Bom Tempo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 11/09/2019, às 00:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1504931** e o código CRC **036525D8**.

Dedicado à todxs que pela diferença perceberam múltiplos caminhos.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ao orientador Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido e também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade da pesquisa que aqui se apresenta. Aos aliados os quais a presença consistiu formas alegres de se produzir a vida através do pensamento: Marina Pontin, Fernando Galine, Carlos Eduardo Ruas Dias (Cadu), Guilherme Damaceno, Hênia Duarte e Fernando Borna. Aos encontros proporcionados pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e também pelo Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) que reverberam nestas palavras que aqui se seguem. À Rita e Luiz, jovens da década de 1980, cujo professorado esteve sempre ligado à potência de vida, à vontade de sonho, à busca pela alegria abraçando as diferenças.

Resumo:

Este trabalho desenvolve o conceito de produção de subjetividade assim como elaborado pelo filósofo Félix Guattari, que constrói a problemática do capitalismo pensando como este produz os modos de vida também através da Arquitetura e Urbanismo. Para o pensador a problematização do capitalismo pós-industrial se faz necessário através do projeto crítico cunhado de Ecosofia, que consiste em pensar o funcionamento maquínico-desejante no que se refere, inerentemente, à natureza, ao meio social e o produção subjetiva dos agenciamentos coletivos. Através de tal campo conceitual o filósofo constrói o pensamento sobre a condição dos modos de vida urbanos, bem como onde se desviam e propiciam novos processos, singulares, de produção de funcionamento existencial, ou, Caosmose. Assim nos apresenta o autor que para se pensar as condições de reversões do capitalismo é preciso processos de níveis singulares e coletivos que irão refletir na dinâmica de funcionamento entre a natureza, o meio social e os agenciamentos coletivos, processos estes que se fazem através das máquinasurbanas.

Palavras chave: produção de subjetividade, capitalismo, arquitetura, urbanismo, cidade, agenciamento coletivo de enunciação, caosmose, ecosofia.

Abstract:

This work develops the concept of production of subjectivity as elaborated by the philosopher Félix Guattari, who builds the problematic of capitalism thinking how it produces the ways of life also through Architecture and Urbanism. According to the thinker, the problematization of postindustrial capitalism is necessary through the critical project of Ecosophy, which consists in thinking about the machinic-desiring functioning with regard, inherently, to nature, the social environment and the subjective production of collective assemblages. Through such a conceptual field the philosopher constructs the thought about the condition of urban ways of life, as well as where they deviate and provide new, singular, processes of production of existential functioning, or, Chaosmosis. Therefore the author presents us that to think about the conditions of reversal of capitalism requires processes of singular and collective levels that will reflect in the dynamics of functioning among the nature, the social environment and collective agencies, processes that are done through urban-machines.

Keywords: subjectivity production, capitalism, architecture, urbanism, city, collective enunciation, chaosmosis, ecosophy.

Sumário:

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 11 |
| 1. Primeiro Capítulo..... | 16 |
| 1.1 Natureza, o Real e a Máquina Desejante..... | 17 |
| 1.2 Antiprodução..... | 20 |
| 1.3 Máquina paranóica e Máquina Miraculante..... | 23 |
| 1.4 Máquina Celibatária..... | 25 |
| 1.5 Produção-social e inconsciente maquínico..... | 28 |
| 1.6 Consumidor de intensidades..... | 35 |
| 2.Segundo Capítulo..... | 40 |
| 2.1 Literatura Menor..... | 41 |
| 2.2 Máquina literária..... | 44 |
| 2.3 Enunciação..... | 45 |
| 2.4 Agenciamento coletivo..... | 48 |
| 3. Terceiro Capítulo..... | 58 |
| 3.1 Produção de subjetividade..... | 62 |
| 3.2 Quem são os indivíduos?..... | 68 |
| 3.3 Ecosofia..... | 72 |
| 3.4 Caosmose..... | 77 |
| 3.5 Heterogênese..... | 79 |
| 3.6 Arquitetura, Urbanismo e subjetivação capitalística..... | 86 |
| Referências Bibliográficas | 95 |

Introdução:

Esta dissertação tem como proposta investigar o pensamento do filósofo Félix Guattari a respeito da reflexão sobre os modos de vida cotidianos que se produzem na cidade capitalista. Guattari, em sua última fase de produção bibliográfica, na transição dos anos 1980 para os anos 1990 opera conceitos pensando a cidade e a relação com a “produção de subjetividade capitalística” (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.36). Neste período, seu projeto filosófico se desdobra através do desenvolvimento do conceito de Ecosofia. Pensando a complexidade do funcionamento do capitalismo que se faz em seu tempo, assim como a insuficiência das análises e propostas que o criticam, propõe Guattari, também neste período de produção intelectual, uma leitura ético-política – entendida nesta pesquisa como também estética – sobre o funcionamento capitalístico e sua relação com a natureza, o *socius* e o sujeito.

A Ecosofia, ou as Três Ecologias como apresenta Guattari, consiste em um programa de pensamento que envolve três registros ecológicos que são ligados pelo pano de fundo conceitual da subjetividade: Ecologia do Meio Ambiente, Ecologia das Relações Sociais e Ecologia da Subjetividade Humana. O fundamento deste programa é marcado pela obra *As Três Ecologias* em que o filósofo constrói um campo problemático onde se propõe a reflexão sobre o capitalismo e seus operadores, de maneira que estes três registros ecológicos, ou as três ecologias, são os elementos constituintes deste campo. Guattari mostra-nos a necessidade de pensar conjuntamente – através do conceito de produção de subjetividade capitalística, ou processos de subjetivação capitalista – as três ecologias; o pensador propõe uma cautelosa análise sobre as forças, máquinas e fluxos que operam no funcionamento social, “corporal”, ou seja, nas relações conhecidas pelo senso comum, como “humanas” do cotidiano que compõe o que conhecemos como a realidade.

Em *Caosmose*, obra seguinte a *As Três Ecologias* escrita por Guattari, o pensador acrescenta a Ecologia Virtual como mais um campo conceitual que configura o seu projeto Ecosófico. Nesse caminho, coloca o funcionamento da dinâmica da sociedade e a relação com as dimensões da expressão, ou criação de enunciados e os funcionamentos de produção de sentido de maneira que se pense as práticas estéticas referentes ao funcionamento do capitalismo, bem como a produção material e imaterial que se faz através das suas relações comunicacionais e expressivas: oralidade, comunicação, expressão e escrita no horizonte semiótico e subjetivo caracterizando assim a Ecologia virtual.

A cidade pensada através dos conceitos de Guattari, que também foram concebidos no

encontro com Gilles Deleuze, é colocada em um campo problemático incomum tanto à tradição filosófica quanto às ciências que a tem como objeto de reflexão e pesquisa. O funcionamento destes conceitos através das obras de Guattari e a relevância da problematização da cidade através dos modos de vida capitalista, pensada pela proposta Ecosófica deste autor também é o que se pretende construir com esta dissertação. Assim, tecendo uma reflexão conceitual que se inicia na produção bibliográfica de Guattari nos anos 1970 até a primeira metade dos anos 1990 de maneira que, junto com este pensador, seja possível desconstruir as imagens e os afetos que a sociedade do atual contexto produz sobre o cotidiano da cidade. Onde pensar a moradia, a relação com os seus objetos, a mobilidade, a locomoção, o acesso, a relação com as máquinas técnicas no processo do vivente urbano é refletir sobre os funcionamentos da produção subjetiva e sua relação com o capitalismo. Assim, considerar que essas produções de subjetividades se tratam de processos estéticos, de modelos de criação e existência, que operam sob a égide do capitalismo, onde a normatização ou padronização do corpo do vivente urbano, no que se refere às estruturas e edificações através da urbanização e da arquitetura, bem como as relações de sujeição-maquínicas que compõem as intensidades “móveis” e “estáticas” dentro da máquina-moradia, ou máquina-mobilidade se fazem possíveis através dos conceitos deste autor.

Essa dissertação busca fazer um recorte conceitual dentro da ampla e inquietante trajetória de Guattari, buscando quase que literalmente costurar conceitos com o intuito de construir uma reflexão que tenha a Arquitetura e o Urbanismo enquanto operadores de grande relevância para o capitalismo. O objetivo é valer-se da extensa bibliografia do filósofo para que seja possível cartografar os processos da produção de subjetividade capitalística bem como os limiares desviantes que se produzem através destes processos.

A tradição filosófica lançou-se sempre que possível na reflexão dos modos de vida e dos processos de produção que os constituem. Nos dias atuais, a reflexão sobre a cidade e até mesmo pensar como seria a criação do conceito “cidade” – quando se refere aos regimes dos modos de vida através do projeto urbanístico, arquitetônico e seus funcionamentos como a moradia (ou a não-moradia em alguns casos), mobilidade, organização do espaço público e privado e etc. – são de suma importância para quem procura entender o capitalismo e seu funcionamento, ou em outras palavras, para se pensar as condições e possibilidades de existência cotidiana na conjuntura atual. De modo que neste panorama se faz necessário recorrer ao conceito de produção de subjetividade, onde através deste, e a maneira como é colocado tanto pelo arranjo Deleuze e Guattari quanto pelo agenciamento Guattari, seja fecundo para pensar a relação do sujeito, ou melhor, os processos de sujeição, o *socius*, e a relação da produção dos modos de vida capitalística atualmente.

O que se propõe com este trabalho é munir o leitor – ou quem se encontrar com estes arranjos de palavras talvez por outras vias além da leitura – de conceitos e reflexões que possibilitem vislumbrar, habitar outras formas de pensamento referentes ao próprio cotidiano, o cotidiano capitalista. Este, segundo Deleuze e Guattari, que se faz junto a cadeia de produção e consumo dos processos de sujeição, operando de maneira sutil ou não em nosso dia-a-dia: no desejo, nos gestos, no caminhar, na relação com as máquinas técnicas, e toda a complexidade de escoamento do desejo que implica a produção de subjetividade, ou os processo de sujeição. Funcionamento este que também se encontra latente na relação das edificações e nossos corpos, na relação dos fluxos caoticamente ordenados de pedestres, veículos e o ritmo das grandes cidades, através das moradias e também das ruas; através daquilo a quem chamamos de “nosso” e por vezes de “eu” e que, no entanto, se compõem no mesmo processo-caótico-maquínico: o capitalismo canalizando fluxos, operando máquinas, capturando, desterritorializando e reterritorializando para que suas engrenagens não cessem de funcionar, como forma de vida, porém contra a vida de maneira criadora, infinita e por vezes indizível. Portanto, pensar o funcionamento, a vida, os devires e os desvios da cidade, sejam pela limitação dos desígnios arquitetônicos ou pela finalidade do plano urbanístico é refletir sobre como a vida se põe a serviço da economia do capital, trazendo à tona o quanto a cidade é uma engrenagem central para funcionamento capitalístico como componente de subjetivação, desejo, movimento e produção, assim como as nossas casas, as ruas, a decoração da sala e os objetos da cozinha.

Esta investigação busca – como já foi dito – trazer à tona conceitos que Guattari e Deleuze criaram para pensar os modos de vida através do funcionamento capitalístico. Encontro este que reverbera com inquietante intensidade até os dias de hoje, quase 50 anos depois de *O Anti-Édipo*, a primeira obra assinada por este encontro. De tal forma que a utilização de tais conceitos pensando o Urbanismo e a Arquitetura como operador capitalista da cidade, mesmo se fazendo através das obras que são assinadas “apenas” por Guattari, evidencia-se também as vozes de Deleuze.

Afirmar a importância dos conceitos filosóficos para pensar o funcionamento da vida nos dias de hoje, colocando a cidade e seus modos de existência como campo problemático é o que fez Guattari em suas obras no final da sua trajetória intelectual. Em *Caosmose e Três Ecologias* o filósofo faz emergir frestas, dentre elas uma que se poderia entender como uma Filosofia da Cidade ou, pensando o capitalismo em funcionamento integrado mundialmente, uma Filosofia das Cidades como componente do projeto Ecosófico de Guattari.

A reflexão que faz Guattari sobre o capitalismo mundial a partir da década de 1970, presente no horizonte de suas reflexões e obras, considera o fortalecimento deste na Europa e

na América do Norte, de mesmo modo o seu desdobramento nos países do chamado “Terceiro Mundo”, na América Latina industrializada. Assim, quando o filósofo pensa o funcionamento do capitalismo nestes países do continente latino-americano e a relação da indústria, da economia, das ecologias, da cidade, dos corpos e todos os processos de subjetivação que os envolvem, está também a refletir sobre o modo de vida do brasileiro, ou dito de outra maneira, sobre os processos de produção de subjetividade também encontrados no Brasil.

O projeto apresentado por Guattari, reunido sob o nome de Ecosofia engloba esse campo problemático da cidade e seu funcionamento sobre a égide da máquina capitalista. Ligando a Ecologia da Natureza ao meio Social e ambos ligados à psique, ao corpo e ao agenciamento coletivo de enunciação que substitui o conceito de “sujeito” tanto da história da Filosofia quanto da Psicanálise. Sem perder de vista a proposta crítica à psiquiatria e a psicanálise que atravessa toda a trajetória conceitual do autor que, junto com Deleuze, propõem a subjetividade como processo de se pensar como mais elementos o que erroneamente foi já foi pensado enquanto sujeito. “Sujeito” não mais “historicizado”, individuado e encontrado num inconsciente a priori, ou um inconsciente organizado através da repressão pulsional ou estruturado unicamente na linguagem, mas um agenciamento coletivo de enunciação, como componente do processo de produção social, e este último ligado a processos de produção maquinicas que configuram a consistência do real, da “natureza”, ou entendido com outro nome, os processos de produção desencadeados por canalização, extração e cortes de fluxos que configuram a vida, a existência; quase uma “ontologia” maquinica, para tanto sem começo, meio ou fim capturáveis pelos registros da linguagem.

Constitui-se assim a primeira parte desta dissertação: explorar os conceitos que tecem a reflexão sobre a relação do agenciamento coletivo de enunciação e a “exterioridade” e o real que nos apresentam estes autores, buscando localizar o funcionamento do conceito de máquina e seus desdobramentos na produção social bem como a importância nuclear do conceito de desejo para esta.

Pensar o meio ambiente é pensar também a sociedade e os modos de vida coletivos; pensar o socius é o que permite pensar o agenciamento coletivo como parte importante da natureza enquanto processo constante de produção. Assim, na relação do meio ambiente com o meio social e este último em relação ao agenciamento coletivo é que se permite pensar não só os modos de funcionamento de vida operados pelo capitalismo – através do projeto urbanístico, arquitetônico – mas também como e se é possível desviar-se destes operadores. Emergindo a problemática que norteia esta pesquisa: como o agenciamento coletivo de enunciação se produz na sua relação com o real, a exterioridade, com os objetos, com as relações maquinicas no tecido

urbano? Podemos colocar também desta maneira: qual a condição dos agenciamentos coletivos que se produzem nas cidades capitalistas, levando-se em consideração a Arquitetura e o Urbanismo enquanto dispositivos da subjetivação capitalística?

As mazelas cotidianas, as convulsões sociais, a saúde pública como dispositivo de manutenção do medo e da violência, o campo de guerra que se configurou o trânsito das grandes cidades, as relações servo-maquínicas que são inerentes ao vivente, a poluição e a degradação do meio ambiente como condição dos modos de vida, (habitação, locomoção, produção e consumo) a marginalização como extrato daqueles que não se encaixam na cadeia de produção, desejo e consumo vigente: toda uma constelação de problemáticas que encontramos nos dias atuais no cotidiano urbano se fazem fecundas e pulsantes pela forma como Guattari as coloca em sua trajetória bibliográfica através dos territórios que povoam seus conceitos.

Portanto, mais uma vez, o que se pretende com esta investigação em formato de dissertação é fazer emergir ferramentas conceituais através destes autores que possibilitem pensar o cotidiano urbano, seus modos de vida e as problemáticas de maneira diferente como o modo capitalista condiciona-nos a pensar. Buscando reverberar os autores quando se referem ao funcionamento da economia do desejo e sua relação com o corpo, seu funcionamento com o real, a exterioridade e os funcionamentos maquínicos que configuram a produção de sentido e vida dos operadores atuais, objetiva-se fazer com que outras vozes sejam incluídas nesse processo. Dar voz talvez, a quem nem imaginava que seria possível “alguma voz” quando se trata de uma reflexão sobre o próprio cotidiano, aos afetos e ao próprio corpo, este que em cada gesto configura uma travessia que pode ser entendida como vida. Vozes múltiplas, para além de qualquer regimento que impossibilite a vida enquanto função criativa e produtiva em um processo de transformação contínua.

Primeiro Capítulo:

O conceito de máquina é desenvolvido já no começo do livro *O Anti-Édipo*, de maneira a construir a tese sob a qual o desejo não é tido como falta – considerado pela tradição psicanalítica até o contexto de concepção desta obra – mas sim como produção, processo de acoplamento, conexão constante de fluxos através de máquinas, tecendo desta maneira o real. Tese esta que refaz a leitura sobre a produção do sujeito, da realidade e a relação com o coletivo, a exterioridade, a natureza; construindo neste escopo a relação do funcionamento maquínico do desejo e o capitalismo, ou o funcionamento da máquina capitalista onde coloca o desejo a seu serviço. Argumentação que destitui o inconsciente de uma formação a priori ou simplesmente estruturado em um funcionamento semiológico específico, onde, neste horizonte, o sujeito seria um produto de um processo sócio-histórico sob condições já determinadas, portanto, passíveis de uma interpretação totalizante.

A crítica nesta obra ao conceito de inconsciente – este concebido dentro da proposta psicanalítica lacaniana, vertente de forte influência no contexto da escrita da primeira obra em parceria dos autores – se faz paralelamente ao entendimento do conceito de “sujeito” e sua relação com a exterioridade, com os objetos, o meio social e a natureza através dos processos que os constituem. Em outras palavras, a desconstrução do conceito de inconsciente no bojo da tradição psicanalítica proposta por estes autores se faz inerente à concepção do funcionamento maquínico da vida, de maneira a se construir a reflexão dos processos de sínteses da produção desejante, onde o desejo é determinante para que se possa pensar o agenciamento coletivo, a coletividade, a natureza, o real e certamente a política.

A obra *O Anti-Édipo*, segundo Deleuze e Guattari no prefácio à edição italiana de *Mil Platôs*, abordou três temas, sendo eles: (1) o funcionamento do inconsciente como uma fábrica ou usina em constante produção, contrapondo a interpretação recorrente que o inconsciente remete a uma falta ou se constrói na relação sujeito e objeto; (2) o delírio como produção social, portanto de funcionamento histórico-mundial, diferente do que propõe a psicanálise de Freud e Lacan que enaltecem a família como determinante no processo da produção do delírio no indivíduo; (3) a história ligada a um funcionamento do cosmos, portanto, contingente e independente do processo civilizatório da sociedade.

O conceito de máquina desejante concebido nesta obra é o que nos permite pensar a relação da produção social com a produção material e sua relação com a natureza, o inconsciente, o sujeito, a sociedade e o capitalismo. Assim, neste capítulo será desenvolvido o conceito de Máquina Desejante apresentado em *O Anti-Édipo* para que desta forma se construa

um campo conceitual que propicie em segundo momento da trajetória desta dissertação o entendimento do conceito de Agenciamento Coletivo de Enunciação e sua relação com os modos de produção de subjetividade capitalística através do Urbanismo e da Arquitetura.

Natureza, Real e a Máquina Desejante

Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* apresentam a relação homem e natureza em um horizonte onde Espinosa já transitava, quando não apresentava os objetos externos, a natureza e a humanidade enquanto entidades distintas. São todos de uma só natureza, porém sob regimes, funcionamentos diferentes. Sendo tudo aquilo que compõe o que chamamos de exterioridade ou objetos exteriores ao corpo a quem chamamos “eu”, são elementos de um mesmo funcionamento maquínico do cosmos ou natureza, onde este sujeito, ou “eu”, está em produção neste processo, nessas relações.

O homem e a natureza são “a mesma coisa” uma vez que se constituem no mesmo processo, o processo de produção. Apresentam os autores, já no início da obra, o conceito de natureza como processo de produção constante, através do exemplo do “sujeito esquizofrênico”, este que codifica, interpreta e vive a realidade com referências linguísticas, interpretativas, afetivas, distintas das compartilhadas por certo número de membros da sociedade, a que conhecemos por “normalidade”. Para Deleuze e Guattari, o esquizofrênico vive a natureza como processo, onde não distingue esta, a si mesmo e os demais elementos a sua volta como distintos ou incomunicáveis, inconnectáveis; vivendo um constante processo de vida, conectando-se a tudo em sua volta pelo funcionamento maquínico de fluxos, ou a natureza como processo de produção contínua, produção de produção. “A esquizofrenia é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como realidade essencial do homem e da natureza” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.16).

A relação do sujeito com a exterioridade, ligados pela produção material no horizonte marxista, apresentada já no começo de *O Anti-Édipo* como exemplo, desdobra-se em três eixos: produção, distribuição e consumo. Assim, segundo a linha de pensamento marxista a realidade se configura através da relação que a transformação dos recursos materiais propiciam – através da natureza – para a sociedade e portanto aos seus indivíduos. De modo que atribui significativa importância ao trabalho, onde através deste, o sujeito transforma sua energia física em realidade, ou seja, em produção material. De maneira que o trabalho, no horizonte colocado por Marx, é o canalizador desta energia humana que propicia a relação produtiva do homem com o meio que este se encontra, definido, como dito acima, entre produção, distribuição e consumo.

Todavia, Deleuze e Guattari quando apresentam o conceito de natureza como processo de produção, conexão que se realiza em todos os objetos da realidade, não separam a produção, a distribuição e o consumo. “Tudo é produção: produção de produções, de ações e de paixões; produções de registros, de distribuições e de marcações; produção de consumos, de volúpias, de angústias e de dores” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.14). De tal modo que para os autores existe sim uma produção, uma transformação material que configura o real, a existência, no entanto de funcionamento maquínico, indivisível em esferas distintas como propõem Marx, onde o produzir, o registro ou distribuição e o consumo do produto se fazem concomitantemente. Assim, a primeira parte da obra eles dedicam a construir este funcionamento, o do processo da natureza, ou cosmos, da produção desejante, entendida como as três sínteses do inconsciente: síntese conectiva, síntese disjuntiva e síntese conjuntiva de onde se dá a relação produtiva da natureza, uma organização desta produção entendida como sócius e um “resíduo” deste processo desejante, que outrora será pensado como agenciamento coletivo de enunciação.

Deleuze e Guattari apresentam o real, assim evidentemente também a natureza, como constituídos por fluxos constantes que são cortados, extraídos e canalizados por máquinas através do princípio de acoplamento, ou Máquina Desejante. “Produzir sempre o produzir” é a característica da Máquina Desejante em *O Anti-Édipo*; constante movimento de conectar as máquinas e os fluxos, articulação incessante de produzir mais produção, cadeia infindável de conexões maquínicas, produzindo com essas conexões e operações de fluxos os objetos, a natureza e o real. Ou, dito de outra forma, o princípio ou processo presente em todas as máquinas, ou o processo de acoplamento e conexões constantes, portanto objetos e seres cristalizados no real, de se conectarem mutuamente e incessantemente, desencadeando sempre outras produções e conexões constantes é a Máquina Desejante, ou o princípio do desejo.

Assim nos mostra os autores em *O Anti-Édipo* a importância do entendimento dos conceitos de Desejo e Máquina Desejante como constituintes da crítica da imagem de desejo como falta, segundo a corrente psicanalista lacaniana. Construindo um campo reflexivo onde o desejo é o que impulsiona, conflui, conecta os objetos, engendrando inúmeras conexões no processo da natureza enquanto produção constante, onde ele acontece nas conexões, sendo então impossíveis de remeter a uma totalidade ou estrutura como pretendia a psicanálise. O que propõe os autores nesta obra não se trata apenas de uma nova formulação do inconsciente, que propiciaria através da produção desejante a produção social e a relação desta com o sujeito, mas também uma nova formulação materialista e maquínica do sujeito, levando em conta a sua relação com o sócius e a natureza pensando o real como processo material. Sendo assim, a vida

é colocada como processo de produção e conexão constantes, onde surgem máquinas e através destas os desencadeamentos do que conhecemos como a realidade, os objetos, as relações de produção material, social e de sentido que estas máquinas produzem.

Portanto, o entendimento que temos do funcionamento dos processos em que se dão a vida através das ciências, como a Química – que nos apresenta tal funcionamento entendido por inúmeros processos químicos, que se desdobram, gerando os seres vivos e os demais elementos da realidade – pode ser entendido através do conceito de máquinas desejantes apresentado por estes autores. Segundo estes, existem conexões infinitas de máquinas acopladas umas às outras. Só há máquinas porque existem fluxos a serem cortados, extraídos, canalizados. Exemplificam no início da obra o funcionamento de uma máquina e sua relação com o fluxo através da máquina-boca da criança que corta o fluxo-leite-materno, este último por sua vez que sai da máquina-seio-da-mãe. Sendo que para ocorrer este corte, extração ou canalização deste fluxo, a máquina tem de estar programada, organizada, inscrita, designada a realizar tal atividade. Onde, seguindo o exemplo da boca e o leite materno, a boca da criança carrega uma configuração, uma programação, uma finalidade genético-maquínica para extrair o fluxo-leite. Assim essa máquina-boca, esse órgão-boca, é um elemento constituinte de uma outra máquina à qual está submetida, sendo ela, o corpo, organizado, portanto já programado a um funcionamento enquanto organismo. “Todo objeto supõe a continuidade de um fluxo, e todo fluxo supõe a fragmentação de um objeto” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 16).

O corpo humano nessa perspectiva conceitual seria uma máquina organizada, subdividida em outras inúmeras máquinas também organizadas, os órgãos. Entendido desta maneira, os elementos vivos e inanimados da natureza são máquinas organizadas assim como o corpo humano, portanto – graças ao funcionamento de outras máquinas já registradas na realidade com alguma função, um funcionamento determinado. Assim o que existe como realidade, todo o real e a aquilo que nomeamos de concreto, nada mais são do que uma constelação maquínica, sempre produzindo, conectando, acoplando máquinas através de suas relações com os fluxos, já sob um regimento, portanto, organizado.

Retomando o exemplo da Química, que entende a vida e a natureza como infinitos processos químicos e físicos que desencadeiam outros inúmeros processos, poder-se-á entender que a tabela periódica seria um mapeamento das conexões maquínicas dos elementos químicos. A vida – vista sobre este prisma de uma cartografia de fluxos e máquinas de Deleuze e Guattari – é um constante processo de produção, de conexões infindáveis, onde se produz homem, natureza e sociedade graças ao funcionamento maquínico do desejo na realidade operando os fluxos e máquinas. Operação essa entendida por Deleuze e Guattari como o a natureza em

processo constante de produção, inúmeras conexões de onde destas irão se desdobrar outros inúmeros processos. “Há sempre uma máquina produtora de um fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 16).

A vida como conexão constante de máquinas operando fluxos é o que nos apresentam os autores de *Anti-Édipo*, onde a Máquina Desejante é o princípio que leva a estas conexões, de onde surgirão outras máquinas. A releitura maquínica que os autores propõem da relação com o sujeito, a natureza, a sociedade, a psique e o desejo inaugura um campo conceitual e problemático inédito na discussão psicanalítica. O desejo nessa perspectiva não é um recalçamento que desencadeia uma falta, mas sim movimento, produção constante, onde o inconsciente seria esta usina produtiva de conexões. Assim, ao invés de um teatro onde se interpretaria e nomearia de maneira equivocada os movimentos causados pelo desejo, o inconsciente, visto através destes conceitos, seria uma verdadeira fábrica de movimentos, anseios e vontades se conectando de acordo com os fluxos e máquinas que o compõem, através das experiências e intensidades também atravessadas pela máquina-corpo do vivente. Aqui percebe-se a ressonância da voz de Espinosa sobre o entendimento da natureza e seus modos; corpos que são atravessados e constituídos pelos afectos e os perceptos, que estão a todo momento se compondo e recompondo pelo princípio do encontro. Corpos em constante encontro segundo o princípio da natureza para o pensador holandês. Máquinas e fluxos sempre se conectando graças à Máquina Desejante para Deleuze e Guattari. Não se trata para os pensadores franceses, assim como para Espinosa, de uma relação sujeito, exterioridade e objeto, mas sim de várias formas ou modos do único objeto: a natureza.

Anti-produção

O conceito de Corpo Sem Órgãos é concebido em *O Anti-Édipo* e desenvolvido com mais nuances no segundo tomo de *Capitalismo e Esquizofrenia*, em *Mil Platôs*. Esse conceito é o que permite, na obra em que foi inaugurado, o pensamento sobre a relação da produção social e a produção desejante, ou como o processo maquínico do desejo desencadeia o processo de produção social e este último, por sua vez, é tomado pelas balizas e interesses de outras máquinas, dentre elas a máquina capitalista através da máquina-cidade.

Máquina desejante é a máquina produzida na primeira síntese do inconsciente. Ela opera o princípio de acoplamento ou produção de produção, síntese conectiva ou produtiva. De modo que cada máquina quando opera um fluxo o faz através da configuração que carrega. Esta configuração, esse designo, essa finalidade é o que denomina a máquina quando organizada,

um organismo. A máquina boca-da-criança carrega o código que faz dela um órgão, que imputa sobre esta máquina a finalidade, um funcionamento específico – neste caso – de extrair leite materno da máquina-seio-da-mãe, ou fluxo. Portanto o organismo é produzido por máquinas, quando imputadas de uma finalidade dentro de um funcionamento de inscrição das forças produtivas, organizando os fluxos e as máquinas que estes compõem.

O que se fará nessa parte da dissertação é reconstruir como se dão essas organizações de fluxos através das máquinas. De onde o processo desejante, entendido através das sínteses do inconsciente, funciona concomitantemente como produção de produção, produção de registro e produção de consumo. No entanto para que se opere essa complexidade de funcionamentos de cortes, organização, extração e consumo de fluxos, através do funcionamento de máquinas enquanto operadoras destes é preciso elucidar os momentos destes funcionamentos, ou as transformações da produção desejante.

A produção desejante seria este princípio que opera em todos os objetos e seres, ela seria essa constante conexão e por assim ser, “simbiose”, transformação em virtude dessas conexões e encontros entre os objetos. A produção desejante é entendida aqui como o princípio do real e da natureza, é o cenário material onde ocorre tudo que vive e participa deste processo. Ela é parte que cabe ao nosso planeta enquanto constituinte dos movimentos de transformação do universo, do cosmos ou do caos desconhecido da infinitude. A proposta imanente que propõem os autores se trata de entender as dimensões materiais da vida como natureza, universo, sociedade, indivíduo ou mesmo “cultura” ou sociedade através das trajetórias e desvios dos fluxos, sempre por máquinas. Não se trata de um exercício de abstração, mas um pensamento que permita enxergar a dinâmica energética-material, portanto intensiva, através das relações maquinicas, dinâmicas estas que reescrevem a trajetória da humanidade e da civilização entendida como momentos de produção de intensidades e produções de máquinas específicas da produção desejante.

Tudo está a se conectar: o papel que contém um texto, a tela do computador emitindo signos organizados entendidos como linguagem, os barulhos vindos da rua, o móvel que sustenta nosso corpo enquanto estamos sentados, o cheiro do cinzeiro. Todos estes objetos e circunstâncias constituem a produção desejante. As conexões de fluxos produzem as máquinas. As máquinas são entendidas como os objetos da produção desejante, como a máquina discursiva encontrada nos textos, como as máquinas técnicas emitindo barulhos (fluxos) que serão captados pela máquina corpo (através dos órgãos orelha, ouvido, tímpano); como a máquina cadeira se conectando à máquina corpo, como a máquina de restos de máquinas-cigarros (cinzeiro) se conectando – através do fluxo-olfato – mais uma vez à máquina corpo. No entanto

para que essas máquinas técnicas se componham com as máquinas corpos-humanos foi preciso que a produção desejante se transformasse, mesmo nunca tendo deixado de existir. Essas transformações das máquinas desejantes é o que se construirá como a primeira parte dessa dissertação, onde através destas poderemos pensar como foi produzido no processo de produção desejante a natureza, a sociedade, o sujeito e os objetos adjacentes a estas produções. Tudo é a natureza em processo desejante através das máquinas, porém para diferentes tipos de máquinas e funcionamentos, são precisos processos distintos de organização, escoamentos de fluxos ou designo: inscrição.

Deleuze e Guattari apontam a importância do elemento anti-produtivo que acontece nessa produção desejante – o Corpo Sem Órgãos – como determinante para a produção social bem como a produção do sujeito desta última.

Mas um puro fluido, em estado livre e sem cortes, está em vias de deslizar sobre um corpo pleno. As máquinas desejantes fazem de nós um organismo; mas, no seio dessa produção, em sua própria produção, o corpo sofre por estar assim organizado, por não ter outra organização ou organização nenhuma. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.20)

No processo da produção desejante, de síntese conectiva ou produção de produção, se produz um elemento anti-produção, uma intensidade sem forma e incapaz de ser organizada. Corpo Sem Órgãos é seu nome. Elemento – assim como as máquinas – que se faz no processo de produção desejante, que não remete a uma imagem, não remete a uma organização e finalidade. Não é um corpo, pois o corpo organizado é um organismo, enquadrando-se num funcionamento maquínico, servindo a alguma finalidade advinda de uma produção social que o inscreve, o organiza, graças a esta *parada improdutiva* no processo.

O Corpo Sem Órgãos é improdutivo, sem imagem, assim ele não é codificado, não supõe uma relação fluxo e máquina onde esta última canaliza e codifica o primeiro gerando outras máquinas sucessivamente. No entanto, este elemento gerado na produção desejante – que não remete a nenhuma referência de unidade – carrega a característica que faz dele parte determinante do processo de produção social: ele se torna a superfície de inscrição da produção desejante, superfície essa que servirá para inscrever o delírio – organização das forças produtivas – ou o processo maquínico do desejo de maneira equivocada. O Corpo Sem Órgãos então é aquele que muda o funcionamento do processo.

Às máquinas órgãos, o corpo sem órgãos opõe sua superfície deslizante, opaca e tensa. Aos fluxos ligados, conectados e recortados, opõe seu fluído amorfo e indiferenciado. Às palavras fonéticas, ele opõe sopros e gritos, que são

outros tantos blocos inarticulados. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.21)

Segundo os autores, seria esse o funcionamento, ou gênese, do recalçamento originário que a psicanálise propõe. Não a organização do inconsciente através da repressão pulsional do sujeito, onde o desejo seria oriundo de um processo de projeção nas relações com os objetos exteriores a este. Mas sim a repulsão das máquinas desejantes pelo corpo sem órgãos, pela antiprodutividade do processo sendo assim impossível de ser maquinado, extraído, canalizado. Causando uma invasão das máquinas desejantes sobre o corpo sem órgãos, e este, como incapaz de ser maquinado por elas, reage de maneira repulsiva, sentindo-as como um elemento perseguidor, surgindo neste conflito uma mutação das máquinas desejantes em máquina paranóica que irá propiciar a projeção. O que acontece com essa parada improdutiva, ou esse 'defeito' é a transformação da produção desejante de onde surgem outras máquinas.

Máquina paranóica e Máquina Miraculante

A máquina paranoica é entendida assim como o contra-investimento do corpo sem órgãos diante do processo produtivo das máquinas desejantes, onde o corpo sem órgãos já não as suporta, repelindo-as. Desse conflito entre o corpo sem órgãos e a produção desejante é que surge a máquina paranoica, como uma máquina repulsiva, esta que é anterior à máquina de atração: a Máquina Miraculante.

Assim, o corpo sem órgãos transforma a produção desejante através da superfície de inscrição, ou transformação gerada pela antiprodutividade deste, ou mudança do regime de forças que ele constitui, fazendo com que toda a produção desejante pareça dele surgir. Neste ponto encontra-se a segunda síntese, a síntese disjuntiva ou produção de registro através da Máquina Miraculante, que consiste no momento em que o corpo sem órgãos transforma, organiza as forças, as conexões produtivas, dando a elas um regimento, uma funcionalidade, uma inscrição: o delírio. Forjando nas forças produtivas a ilusão de terem surgido do elemento anti-produtivo que delas se apropria, assim como a religião, assim como o capital, fazendo com que todo o processo produtivo agora funcione a favor do que foi estabelecido nesta superfície de inscrição (organização desejante, produção intensiva) elas são – como nos colocam os filósofos – “miraculados” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.24) por ele.

A exemplificar – ainda se referindo a Marx como criador conceitual – como o elemento anti-produtivo se apropria das forças de produção, apresentam os autores o exemplo do corpo da terra, o corpo despótico, ou o capital, onde estes se promovem como superfície de inscrição

de todo o processo maquínico, produtivo da vida. Organizando as forças produtivas, inscrevendo-as de maneira que pareçam funcionar dentro de uma perfeita harmonia com um todo organizado, já dado e estabelecido nessa produção de inscrição. O processo de produção da vida e tudo a que se refere ao funcionamento desta, visto aqui nesta dissertação como produção desejante, parece ser descrito, justificado, advindo deste elemento anti-produtivo como o organizador, como modulador intensivo desta produção.

Surgindo assim uma questão que os autores respondem ao mesmo tempo em que reescrevem todo o entendimento do funcionamento da vida encontrado na tradição psicanalítica e filosófica até então: como seria possível registrar todo o processo de produção desejante e produção social de maneira totalizante, de maneira em que se leve em conta o universo infundável das máquinas desejantes? Assim, com a sutileza de uma navalha e o impacto de um martelo os autores respondem: através do delírio.

A sociedade constrói o seu delírio ao registrar o processo de produção; mas não é um delírio da consciência, ou melhor, a falsa consciência é consciência verdadeira de um falso movimento, percepção verdadeira do movimento que se produz na superfície de registro. (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.23)

De maneira que, nesta pesquisa, o delírio é entendido através dos autores como toda e qualquer justificativa, discursividade, ou teoria encontrada na ciência ou no senso comum que busque dizer sobre a totalidade da relação do homem, natureza e a sociedade sem considerar o funcionamento do universo das máquinas desejantes. Justificativas, pois, através destas narrativas equivocadas (ou políticas) – produção de registro – que a sociedade se sedimenta enquanto produtora de signos e crenças, que adotam *a verdadeira consciência de um falso movimento* para que assim, coloquem as forças produtivas ao seu serviço. “A síntese disjuntiva de registro vem, portanto, recobrir as sínteses conectivas de produção” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.26). A religião opera através deste funcionamento, o capital opera através deste funcionamento onde se diz “a verdade”, mesmo que transcendente e inalcançável à própria experiência humana, sobre a relação do homem e natureza no intuito de produzir um funcionamento, uma finalidade-funcionamento social. O que nos apresenta os autores através do *Anti-Édipo* é como se dão os processos de produção social em relação à produção desejante, e como nesse funcionamento surgem máquinas que tecem uma esteira onde será produzida a sociedade e sua relação com a natureza, o sujeito e o real. Não se trata apenas de criticar a concepção psicanalítica de inconsciente, mas reconstruí-la, refazê-la como processo desejante entendendo sua dimensão na produção do sujeito, no horizonte do funcionamento da economia

do desejo no que se refere também à produção social.

Máquina Celibatária

Assim, através da parada anti-produtiva da produção desejante, é possível construir o pensamento sobre o momento do processo desta em que surge a Máquina Celibatária. A importância do entendimento desta parte do processo apresentados por Deleuze e Guattari se faz de maneira a construir a relação do sujeito, o real, as produções sociais através das máquinas desejantes e o corpo sem órgãos. Sem que se perca de vista o caminho desta pesquisa, que consiste em pensar como os modos de vida produzidos pelo capitalismo são engendrados também pela Arquitetura e Urbanismo – pensando as edificações e a organização do tecido urbano – nos dias atuais através da produção de subjetividade, sigamos com nossa exposição.

Para pensar a produção de subjetividade capitalística e a cidade através do Urbanismo e Arquitetura, e como o 'sujeito' é entendido nessa produção subjetiva como agenciamento coletivo de enunciação, é preciso remontar o entendimento entre o 'sujeito' com a exterioridade, ou o “mundo externo”. Ou seja, o *socius* e o processo máquinico do inconsciente: as máquinas desejantes no processo de suas sínteses.

É que, na superfície de inscrição, algo da ordem de um *sujeito* se deixa assinalar. É um estranho sujeito, sem identidade fixa, errando sobre o corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejantes, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir ou de um avatar, nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.30)

Apresenta-nos os autores que a oposição oriunda do processo produtivo entre o Corpo Sem Órgãos (doravante CsO) e as Máquinas Desejantes se mantém através dos movimentos de atração e repulsão entre essas máquinas. Assim, o movimento de perseguição das máquinas desejantes sobre o CsO permite emergir nessa tensão a máquina paranoica e a máquina miraculante. A máquina miraculante como organizadora das forças produtivas das máquinas desejantes sobre a superfície de inscrição do CsO. De maneira que no processo de sínteses do inconsciente que se entende aqui como a produção desejante, e no momento em que acontece a parada antiprodutiva desta, ou o conflito entre o CsO e as máquinas desejantes, se constrói o cenário para a produção de uma nova máquina que permite colocar o sujeito para “existir”, funcionar, produzir-se como consumidor de intensidades.

A síntese conjuntiva de consumo é a característica desta máquina, a celibatária.

Acontece que a máquina celibatária produz quantidades intensivas graças às relações de atração e repulsão do CsO com as máquinas desejanter. “O cso é um ovo: é atravessado por eixos e limiars, por latitudes, longitudes geodésicas, é atravessado por gradientes que marcam os devires e passagens, as destinações daquele que aí se desenvolve” (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.34). Assim, nestes estados intensivos será construído o caminho que o sujeito se fará como transeunte, como aquele que pisa, que consome, se agencia, se faz e refaz nesse consumo: “consumindo todos esses estados que o fazem nascer e renascer (o estado vivido é sempre primeiro em relação ao sujeito que o vive)” (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.35).

A máquina celibatária não é o sujeito. A máquina celibatária é entendida aqui nessa pesquisa como o momento do processo de produção desejanter em que o CsO interfere, modifica esta produção fazendo com que além de ser organizada, inscrita, também nela surja uma nova máquina que permita uma nova relação, ou um novo regime de produção que consumirá, se fará através dessas organizações de forças. Nesse novo regime, ou funcionamento do processo, surge um novo elemento que consome e se faz nas disjunções deste processo. Não existe qualquer produto acabado ou finalizado na produção desejanter, tudo se conecta e se coloca a funcionar em outras conexões. Este novo elemento é colocado a funcionar através do consumo das intensidades produzidas junto à máquina celibatária. As intensidades são produzidas pelo CsO, intensidades sempre positivas, portanto voltando ou retomando a zero. Este resíduo, descentrado, consome estas intensidades, estes limiars. A cada nova efetuação de consumo destas intensidades o sujeito volta a se fazer existindo consumindo o próximo limiar sucessivamente. Este resíduo seria então aquele que se faz no consumo dessas quantidades intensivas, e como se trata de uma cadeia, sempre aberta, ou seja, infindável de intensidades, o sujeito seria o “conector” ciclicamente provisório destas. Este consumo, marcado pela máquina celibatária, marca um novo regime de funcionamento, onde o consumir opera como uma nova aliança entre as tensões da máquina desejanter e o CsO. Neste consumo é onde o delírio ganha seu conteúdo, de forma que este resíduo que se faz no consumo dessas intensidades puras não é o “sujeito” como o conhecemos. No entanto, é neste consumo, no momento do “eu sinto” segundo os autores, nesse regozijo, nesse prazer de se “reconhecer”, de se fazer como parte do processo maquínico, que este sujeito transeunte de intensidades acredita olhar para si mesmo ou produz “o olhar para si mesmo”.

Este momento, de parada anti-produtiva das máquinas desejanter é marcado pelo começo da jornada do “resíduo que consome”, lançado a caminhar e a consumir as intensidades produzidas na transformação advinda do CsO, uma caminhada do sujeito delirante, pois crê ser estes registros/consumos aquilo que ele é. Para construir um campo conceitual onde se possa

pensar como acontece o consumo dessas intensidades, sempre passando de uma a outra, compondo através deste consumo o sujeito descentralizado, Deleuze e Guattari colocam a funcionar um recorte do pensamento de Nietzsche através de uma citação de Pierre Klossowski. Neste momento da obra inaugural do método esquizoanalítico, os autores através da citação retirada do capítulo *A Euforia de Turin* da obra *Nietzsche e o círculo vicioso* de Klossowski, buscam ilustrar – no que se refere à máquina celibatária – o efeito da frase transcrita de Nietzsche: “no fundo, cada nome da história sou eu” na carta à Jacob Burckhardt.

O sujeito se estende sobre o contorno do círculo, de cujo o centro o eu desertou. No centro está a máquina do desejo, a máquina celibatária do eterno retorno. Como sujeito residual da máquina, o sujeito-nietzschiano obtém um prêmio que traz euforia (*Voluptas*) por tudo o que ela põe a girar e que o leitor supunha ser apenas a obra de Nietzsche em fragmentos. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.37)

O processo que desencadeia a produção do sujeito, através das relações de produção desejante é no movimento de terceira síntese do inconsciente iniciado. O conteúdo do delírio, advindo da máquina miraculante, só lhe é introjetado após este primeiro momento de consumo de intensidades puras como nos colocam os autores. Há uma diferença entre consumir intensidades e ser as intensidades. O sujeito, quando colocado a funcionar através dos delírios da organização das forças produtivas desejantes, acredita ser a si mesmo que vai recolhendo estas intensidades, no entanto o que cabe a este “sujeito é apenas o consumo, pois a identidade é colocada posteriormente, através do delírio, apenas como caminho para que este consumo trilhe. Ele não tem identidade, ele se identifica através do delírio e este por sua vez é produto de uma organização de forças, a social. Não existe uma estrutura prévia à natureza, à realidade, ou à existência material que propicie o desenvolvimento do sujeito. O sujeito, assim como o sujeito-nietzschiano, não se produz na relação dialética com outros objetos vivos ou não, ele se faz em fragmentos, consumindo intensidades, sucessivas, abertas, que destilam, que trilham o caminho do errante sem destino, ou de “destino” trilhado pelas intensidades inscritas pelo delírio que por sua vez se tratam de organização de forças desejantes pela produção social.

O sujeito visto através destes conceitos, sob hipótese nenhuma, se trata de uma expressão material de alguma entidade transcendente. O “sujeito”, sempre em processo – e processo paralelo, adjacente à máquina celibatária que é advinda da transformação de forças produtivas – é tido aqui como essa reconciliação das máquinas desejantes e o corpo sem órgãos, sendo este o propulsor da mudança de toda a dinâmica do processo maquínico. Nessa mudança, nessa organização de produção desejante, nesse consumo, nesse conectar-se e identificar-se com parte

do processo produtivo é que se inicia a trajetória, através do consumo das intensidades puras marcadas pelo “eu sinto” do agenciamento do desejo, que irá propiciar o entendimento e as dimensões do agenciamento coletivo, e o porquê deste levar consigo a categoria de “agenciamento coletivo de enunciação”.

Através das três sínteses do processo maquínico do inconsciente, onde o desejo é entendido como todo o processo de conexão das máquinas desejantes é que os autores apresentam a produção, a distribuição e o consumo na esteira desejante do real enquanto funcionamento tanto do socius, da natureza e do sujeito. No entanto, ainda junto a esse produção conceitual que nos é colocada através de *O Anti-Édipo* sobre o papel determinante do funcionamento da economia do desejo como categoria política, se faz preciso aprofundar um pouco mais neste caminho conceitual, de onde será possível fazer a travessia de agenciamento do desejo para agenciamento coletivo e assim pensar o processo de produção de subjetividade inerente a este último.

Produção-social e inconsciente maquínico

A psicanálise, segundo a crítica construída por estes autores, seria esta que conseguiu enxergar as produções do inconsciente, a produção desejante. No entanto, cartografou em partes esse processo desejante, de maneira que a partir daí atribuiu aos personagens familiares mais valor simbólico do que a própria cadeia aberta de conexões desejantes. Não são as figuras paternas e maternas, segundo Deleuze e Guattari, que fundam o estatuto moral da realidade e, portanto, a organização do inconsciente no sujeito. São as produções maquínicas do desejo através da organização de forças balizadas pelo socius que estabeleceram as figuras familiares como pólos inscrites de realidade/moralidade naquele. Tentou-se estruturar de uma vez por todas a origem e a finalidade do sujeito através da figura central do pai e os símbolos familiares, produções sociais, portanto também maquínicas. Fez-se com que todas essas conexões e produções desejantes servissem de representação, de manifestações dadas do inconsciente e este por sua vez advindo de qualquer alegoria transcendental que produzisse algum mito, ideal ou justificativa que servisse a seu tempo. Enxergando o sujeito “anormal”, esquizofrênico, ou delirante como portador de alguma imperfeição psíquica. O que os autores nos apresentam através da produção desejante como produção do inconsciente é que estes pacientes, sujeitos-esquizes, “objetos de estudo” dos “cientistas da psique” não portam qualquer deficiência, ao contrário, são mais eficientes em se conectar com a realidade – a produção desejante sem a interface da produção simbólica da sociedade – do que os “normais” e principalmente os

doutores da psique.

A estruturação, a definição do sujeito bem como a de inconsciente apresentados pela psicanálise se trata apenas de um recorte histórico, respondendo a uma determinada época, e por assim ser a interesses de uma organização social. Não se trata da verdadeira e única definição de sujeito e inconsciente. Não existe inconsciente que possibilite o funcionamento do sujeito através de uma origem. Não existe começo, portanto não existe uma origem datada, localizada onde este aconteceria. Existem máquinas, sendo assim, um inconsciente maquínico e por sua vez um sujeito que se faz no consumo dessas conexões, disjunções. A crítica à psicanálise vista através destes autores seria um indicativo de como essa está a serviço não da cartografia das produções do inconsciente maquínico, mas sim como correspondente do etnocentrismo e dos interesses de uma classe dominante, que tenta estabelecer a normalidade através de uma definição equivocada de desejo(ou um tipo político), sociedade, sujeito e inconsciente. Alicerçando de uma vez por todas o tratado do sujeito ocidental domesticado, capitalizado, modelizado, delirante e alheio da verdadeira concepção de inconsciente: a produtiva.

Através do método esquizoanalítico, proposto na obra *O Anti-Édipo* é possível entender o sujeito como uma formação que se dá através da organização das forças produtivas quando acontece a parada anti-produtiva no processo desejante. Este sujeito não é o começo e nem o fim do processo, ele se faz paralelamente, ao lado da máquina paranóica, juntamente à produção desejante, consumindo os restos, ou as quantidades intensivas geradas neste processo.

O que se pode afirmar até então é que o “sujeito”, ou melhor, tal resíduo é correspondente à uma produção social, encarando esta como elemento oriundo também da transformação da produção desejante advinda do CsO. Nesta transformação, organização, o socius ou a produção social “se apropria” da produção desejante, onde tal funcionamento implica um elemento “sujeito” que irá caminhar, consumir os rastros dos registros organizados dessa produção, através das intensidades produzidas pelo CsO. Este propicia não só a produção das intensidades como também propicia o surgimento daquele que as irá consumir, produzindo o caminho e o transeunte que o fará, imergindo nesses registros, fazendo-se nesses consumos.

O sujeito e a organização de forças, entendido como o socius, funcionam, operam e surgem inerentes ao processo de produção desejante e a parada anti-produtiva. Nesta esteira, a psicanálise constituiu o desejo como falta de algum objeto na realidade, falta esta que animava o sujeito numa eterna busca de qualquer objeto que não estivesse ao seu alcance, que por sua vez sendo este sempre externo, diferente, alheio à realidade do sujeito. Máquina teatral é o que nos apresentam os autores quando se referem ao inconsciente psicanalítico, onde apenas se

encena as representações do inconsciente. Apenas as descreve. No entanto, Deleuze e Guattari não definiram o objetivo deste objeto inacabado. Enxergam o inconsciente como a constelação produtiva das máquinas conectoras insaciáveis, as desejantes. Não estruturam a origem do caminho percorrido por este sujeito, sem casa, sem forma definida, sem origem que possa ser estabelecida a não ser por meio de redes infindáveis, conexões, cartografias e – como noutra momento de *Capitalismo e esquizofrenia* – rizomas.

A psicanálise através de *O Anti-Édipo* seria então esta que revelou as dimensões produtivas do inconsciente enquanto as impediu do seu real alcance quando através das definições as engessou, ou tentou engessar. Colocou o desejo ao lado da aquisição, dando continuidade à tradição platônica do ideal, da transcendência ou do plano diferente da realidade do sujeito. Fazendo assim do desejo o primado da falta de objeto na realidade. É como se a vida do sujeito – ou que este sujeito colocado a funcionar através da falta, movendo-se por ela – fosse duplicada entre real (realidade material, física do sujeito) e realidade psíquica do desejo, interiorizada por aquele. De maneira que visto dessa forma o desejo seria uma máquina de produzir fantasmas, estes entendidos como a busca de se obter um objeto almejado, idealizado, produzido pela produção social, porém fora dela. Objeto do desejo fora do alcance real, material, como qualquer fantasma. O sujeito nesse âmbito seria esse avatar que teria como combustível os anseios do desejo pela falta de um objeto no real, objeto tido apenas na realidade psíquica, introjetada. A realidade vista dessa forma seria onde o sujeito buscaria sempre objetos produzidos por uma realidade psíquica, diferente da realidade material. O desejo perderia, ou melhor, perdeu seu alcance infindável de produção em escala industrial constante sendo estabelecido através das necessidades do sujeito, advindas das representações. Onde este, visto pela psicanálise como acima foi apresentado, não se trata de uma categoria econômica, não se faz através do seu alcance de produtor e reproduzidor social, portanto político, ele é restrito aos anseios do sujeito visto unicamente do ponto de vista individual, não coletivo, não social.

Em oposição a esta concepção representativa do inconsciente onde o desejo seria advindo da falta de algum objeto externo à realidade do sujeito, apresentam-nos os autores o inconsciente como usina, ou seja, uma constante produção de conexões com os objetos, pessoas, natureza e coisas onde este seria o que arrasta tudo o que está a sua volta. O desejo por sua vez seria o princípio das conexões, ele acontece onde elas se fazem, ou seja, para cartografar o desejo, seria preciso cartografar toda produção, todo objeto que se faz e estende no real. O desejo é as conexões de máquinas e fluxos no universo das máquinas desejantes, ele percorre todo real, ele produz real e todos os sujeitos e objetos.

O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.43)

Os autores, mais uma vez, levantam a importância de pensar a realidade como conexão e transformação material sob o espectro maquínico-desejante. O inconsciente como fábrica, usina de conexões, e dentre elas as que animarão o sujeito assim como a sua relação com as organizações desejantes sociais. Máquinas, sempre máquinas, se conectando e criando outras, às vezes por ordenamentos, organizações produtivas, ou até as que produzem desconexões, voltando-se contra as conexões que as estabelece. O desejo é visto como máquina assim como o objeto do desejo também é uma máquina acoplada a este, produção de produção. Nessa produção desejante o produto – síntese disjuntiva – e aquele que se fará no produto – síntese de consumo – também se engrenam no processo maquínico. Tudo está conectado à mercê do processo desejante. O desejo se faz nessas conexões, as possibilita, sempre infindáveis ligadas aos objetos e aos sujeitos que são produzidos juntos nessas sínteses. Assim, apresentam-nos os autores que “o ser objetivo do desejo é o real em si mesmo” (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.43) . Ou seja, o que o desejo produz é a própria realidade, onde esta seria o sujeito da produção desejante.

Nesse horizonte a falta seria uma programação destas máquinas, ou seja, uma organização específica da produção social advinda da produção desejante. Não é o desejo que se apoia nas necessidades; ao contrário, são as necessidades que são contraproduzidas no real que o desejo produz. “A falta é um contra efeito do desejo” (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.44). Assim segundo os autores, o desejo, entendido aqui como conjunto de produção das sínteses, foi quem possibilitou a organização das forças produtivas enquanto produção social. As máquinas sociais através dos dispositivos como distribuição de forças onde se fará o sujeito, foi quem organizou, representou, inscreveu o próprio desejo como falta. O desejo como falta não foi quem propiciou o surgimento, os movimentos e anseios do sujeito assim como pretendia a psicanálise desde Freud. Não é a falta como desejo que move o sujeito. Mas sim o desejo como falta que não permitiu que o sujeito seguisse sua trajetória como consumidor do processo produtivo, produção de produção, conexões e criações constantes.

Retomando o que já foi dito: o que se busca construir com esta primeira parte da dissertação é a relação da produção social com o resíduo que se faz também nesta produção que outrora será pensado como agenciamento coletivo de enunciação, levando em consideração o

pensamento que Deleuze e Guattari constroem do universo das máquinas desejanter. É pensar, apoiado nestes autores, a dinâmica das forças exteriores (produção desejanter) organizadas por uma produção social de maneira que nessa transformação o “sujeito” (que se faz no momento da síntese de consumo caracterizada pelo “então era isso”) e também aquilo que conhecemos como sociedade (que se organiza através da máquina miraculante e ganha seu conteúdo – o delírio – com o surgimento da máquina celibatária) se produzem e se relacionam.

A produção desejanter e a produção social são a mesma produção. A produção social advém da produção desejanter em condições específicas pela organização das forças produtivas, conforme dito acima. O desejo produz a realidade mesmo que esta última esteja sob o domínio das repressões. Pois na organização de forças se dá o estabelecimento de verdades e crenças através da inscrição daquelas, entendidas como delírio. O delírio ganha seu conteúdo no momento em que surge a máquina celibatária, mudando o regime de inscrição e organização produtiva por consumo de intensidades. Assim, o sujeito e o socius ganham suas definições quando o consumo se faz como auto-produção do inconsciente, ou, dito de outra forma, quando a produção desejanter se prende à produção social através das definições, categorizações das disjunções intensivas. A sociedade e o sujeito surgem no mesmo momento do processo da produção desejanter. No entanto, a sociedade ganha seu conteúdo, sua definição ao mesmo tempo em que o sujeito vai ganhando suas camadas, seus caminhos, disjunções de intensidades sempre em relação à primeira. O sujeito-paleolítico, por exemplo, é aquele que se fez de acordo com a organização de forças, portanto sociais a aquele período. Não existe uma sociedade pré-existente a um sujeito que nela se desenvolverá, existe um sujeito que através de sua função e consumo das forças produtivas que constituirá o funcionamento daquela. Os sujeitos e seus lugares-funções na sociedade, nas organizações sociais são quem constituirão a dinâmica destas. De maneira que *O Anti-Édipo* surge como uma caixa de ferramentas conceituais onde se permite entender a funcionamento do desejo entre a natureza, o socius e o sujeito.

Uma vez que a produção desejanter é a produção social em dimensões distintas, a produção do delírio da sociedade é vista assim como produção de fantasmas de grupo. Máquinas técnicas sociais são também entendidas aqui como produção advinda do socius. Técnicas, pois foi designado a estas uma finalidade, um arranjo, uma funcionalidade específica, funcionam pois estão organizadas a uma função. Assim, as máquinas técnicas sociais encontradas no mundo ocidental também são estas que produzem fantasmas, propagam o delírio e fazem este de caminho para um sujeito que caminhará sobre, viverá, se fará através do consumo e identificação deste delírio.

Deleuze e Guattari, por meio do campo conceitual das máquinas desejanter, desenvolvem

uma reflexão sobre a problemática do capitalismo e a história do homem ocidental. Pensando o quanto foi propício e iminente o surgimento da máquina capitalista através da máquina despótica, bem como o sujeito-esquizo como indicador deste funcionamento desejante. O pensamento sobre a relação do capitalismo e o desejo percorre toda a produção bibliográfica destes autores não só na fase de “Capitalismo e Esquizofrenia”, mas ressoando desde a década de 1960 até os anos 1990. Porém, não será desenvolvida com profundidade nesta dissertação a tese construída em *O Anti-Édipo* sobre a carga esquizofrênica produzida pelo capitalismo, onde a descodificação e axiomatização de fluxos operam para extrair assim a mais valia que alimenta, recicla este sanguinário sistema. A crítica, construída através dos conceitos destes autores, ao funcionamento capitalístico na produção de subjetividade nos dias hoje será trilhada nas reflexões de Guattari sobre o projeto de Ecosofia. No entanto, ainda será necessário, junto a esta obra inaugural do encontro Deleuze e Guattari, percorrer a reflexão do sujeito dentro do processo desejante e sua relação com a produção social.

A síntese conjuntiva de consumo é o momento da produção desejante quando transformada pela parada anti-produtiva ou transformação da produção desejante pelo CsO. Nesta terceira síntese do inconsciente, como já foi apresentado nesta primeira parte de dissertação, é onde se dá o processo de produção do sujeito e junto a este também o delírio, entendido como categorias de definição e ordenamento da produção social.

Acontece que, de acordo com o pensamento apresentado por Deleuze e Guattari nesta obra, o entendimento sobre o sujeito se dá na relação deste com a produção social e certamente ao corpo sem órgãos e a produção desejante. A construção do sujeito, nesta perspectiva, e o campo social se fazem inerentes à crítica de Édipo, este sendo o conceito psicanalítico de onde a família, construída através da figura hierárquica do pai, socializa o sujeito, dando a este a interface da civilidade através da repressão de suas vontades, anseios e pulsões. No entanto, nos mostra os autores como foi possível esse processo de “edipianização” através da produção desejante quando tomada pela produção social. Desse modo, é pertinente a esta altura da dissertação pensar com mais elementos o CsO como aquele que propicia à produção desejante um investimento na produção social e esta última implicando uma engrenagem, um resíduo ou agenciamento coletivo de enunciação.

Assim, a máquina celibatária indica o momento de transformação do processo de produção desejante, de maneira que surge um resíduo nessa produção maquinica que consumirá as intensidades sobre o corpo sem órgãos.

Não é uma experiência alucinatória e nem um pensamento delirante, mas um

sentimento, uma série de emoções e de sentimentos como consumo de quantidades intensivas que formam o material das alucinações e delírios subsequentes. A emoção intensiva, o afeto, é ao mesmo tempo raiz comum e princípio de diferenciação dos delírios e alucinações. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.117)

Sobre o corpo sem órgãos funcionam as intensidades que darão movimento ao consumo do sujeito, onde se dará a dinâmica em que o delírio e alucinação se preencherão. Essa série de quantidades intensivas consumidas pelo sujeito funciona como estados de emoções a este resíduo maquínico-consumidor. Como já foi dito nesta pesquisa, essas séries de estados intensivos é por onde percorrerá este sujeito, consumindo cada estado, se fazendo através deste consumo ao tempo do limiar de outro estado. De onde, visto através de uma topologia, essas intensidades constituem territórios intensivos, zonas, intensidades de onde os devires operarão a desterritorialização do sujeito através de quedas, elevações, migrações e deslocamentos. Ele se fará no consumo destas intensidades de onde, através destes movimentos, surgirão as camadas que o “sujeito” irá revestir-se em processo contínuo. Entende-se aqui nesta pesquisa que a partir das intensidades produzidas pelo CsO é que se pode pensar o surgimento das máquinas sociais, organizações coletivas e seus “sujeitos” que animarão estas organizações. A partir do funcionamento intensivo da produção desejante sobre o corpo sem órgãos, ou seja, através de uma ordem intensiva, é que se pode pensar os devires, consumos, transformações constantes desse sujeito, de onde esses encontros, momentâneos encontros, advindos dessas intensidades, reunidas, territorializadas, serão o delírio. Ou como já foi apresentado anteriormente nesta primeira parte de dissertação, o delírio consiste na inscrição das forças do processo produtivo, de onde esta inscrição, essa organização de forças, oriundas da transformação da produção desejante, não consiste na constelação produtiva desejante, mas sim quando esta última é organizada, inscrita para ser consumida como limiar intensivo das disjunções. Sendo então o corpo sem órgãos e sua superfície de inscrição, através dos limiares, zonas de intensidades, aqueles que propiciam o consumo do sujeito e o delírio como produção sociais que se farão nestes consumos.

A construção do campo conceitual onde se pensa um corpo sem formas, sem identidade, ou intensidades ou modos da natureza infinitos como o corpo sem órgãos, que mesmo indiferenciado se trata do transformador da produção desejante, e esta por sua vez tomada pela produção, surgindo através daqueles campos intensivos de consumo do sujeito e conteúdo do delírio, não se trata de um exercício de abstração do pensamento. Trata-se de uma prática de vizinhança conceitual que permita povoar o pensamento, ou dito de outra forma, permita-se a transformação do pensamento, ou novas formas de pensar, trata-se assim de uma reconstrução

dos modelos de pensamento, de uma metamodelização (como nos apresenta Guattari para pensar o paradigma estético) ou uma desmodelização do pensamento.

É preciso, para pensar com estes autores, uma prática de descolonização do pensamento, onde seja possível se permitir atravessar, ser transformado por estes conceitos. Seria como deixar a porta e as janelas de um cômodo abertas, para ventilar este cômodo, de maneira que desordene, transforme, povoe essa sala com os ventos que entram por estas aberturas. Assim, através dos deslocamentos dos objetos, oriundos da abertura que se deu ao vento, este cômodo, através de uma nova disposição dos objetos é um novo ambiente, povoado pela diferença que o vento proporcionou em forma de desarrumação, ou novo arranjo. O pensamento destes autores funciona como o vento, que vêm desarranjar antigas configurações de pensamento, enquanto cômodo. Para que consiga pensar onde é que está este corpo sem órgãos – ou como a antiprodutividade é inerente ao processo produtivo mudando esta – na realidade material, é preciso ventilar o pensamento, permitir-se povoar por estes ventos-conceitos que derrubam qualquer alicerce sólido. São ventos que precisam apenas de uma fresta para colocar em risco a solidez de qualquer edificação do pensamento, porém, por estas frestas a desordem entra em curso, e qualquer cômodo não voltará a ser o mesmo.

Consumidor de intensidades

Para pensar em *O Anti-Édipo*, o corpo sem órgãos como transformador das forças produtivas do real, da natureza, do sujeito e que através dele foi posto a funcionar os conteúdos, definições, gêneros e raças da história daquilo que conhecemos como humanidade-não-só-ocidental, é preciso entender o quanto o nosso pensamento faz parte da produção desejante tomada pela produção social. Ou seja, o quanto o nosso próprio pensamento, seja brasileiro-ocidental-em-tempos-de-democracia-militar está impedido de pensar de maneira não-estruturante, não-transcendental, onde a dinâmica conceitual filosófica-maquínica da diferença seja um verdadeiro exercício, não de raciocínio, mas de deslocamentos, de transformações do pensamento e de perspectivas do funcionamento da vida, dos fluxos e máquinas que povoam o real. Pensar com esses autores é envenenar-se. Onde a cada dose, adoce-se as estruturas, ou abre-se as frestas que não permitem que o pensamento se transforme, que o cômodo seja ventilado. Permitir-se pensar, em uma dinâmica molecular-micropolítica-maquínica, onde o corpo sem órgãos seja pensado em relação à produção desejante como determinante nos processo de produção social e do sujeito. Onde o corpo sem órgãos opera na superfície, ou propiciador, dos devires, das potências, dos vir a ser tanto das intensidades que compõem o

sujeito e as individuações, quantos as que possibilitam os conteúdos das organizações sociais. “Através das zonas intensivas na superfície do corpo sem órgãos, é que se deliram as raças, as culturas e os deuses” (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.118). Pois, como nos apresentam Deleuze e Guattari, todo delírio é histórico, portanto coletivo, social, compartilhado.

Todo delírio é racial, e isso não quer dizer racista, necessariamente. Não que as regiões do corpo sem órgãos 'representem' raças e culturas. O corpo pleno não representa absolutamente nada. Ao contrário, são as raças e culturas que designam regiões sobre este corpo, isto é, zonas de intensidades, campos de potenciais. No interior desses campos produzem-se fenômenos de individualização, de sexualização. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.118)

As zonas intensivas do corpo sem órgãos, é que designam os delírios do sujeito, portanto delírios sociais. De maneira que, a esta altura, já se percebe o projeto do entendimento de heterogênesse do sujeito e da sociedade bem como já o começo do que virá a ser o funcionamento do conceito de agenciamento coletivo, advindo de agenciamento do desejo. Uma raça, uma sociedade ou qualquer cultura indicam regiões, produção, territorialização intensiva do corpo sem órgãos. Ele, como já foi dito inúmeras vezes nesta pesquisa, não se trata de qualquer representatividade. São as categorias coletivas e sociais, que dizem sobre regiões intensivas do corpo sem órgãos. Através das intensidades, regiões intensivas do corpo sem órgãos, é que se colocam a delirar as raças, as culturas ligadas à produção desejante. A produção desejante assim foi transformada pela parada de anti-produtividade do corpo sem órgãos, e através deste, foi iniciado o caminho, a forma, o funcionamento da produção desejante enquanto delírio dos sujeitos, e conteúdo da sociedade. O sujeito e a produção social nascem juntos nesta perspectiva desejante. O caminho delirante foi produzindo ao mesmo tempo em que este sujeito o consumia. As zonas intensivas foram o passo a passo do sujeito delirante, onde o caminho quando trilhado é tido como alucinação, ou a efetuação e funcionamento do delírio. A individuação do sujeito é a composição destas zonas intensivas, sendo elas de raça e gênero. As zonas intensivas propiciam as categorias sociais enquanto delírio, e através destas surge o indivíduo: indivíduo pré-histórico, o indivíduo-medieval, o indivíduo-moderno, o indivíduo- contemporâneo saudosista dos tempos medievais.

O sujeito surge junto com o processo maquínico-desejante-social, porém, nestes campos intensivos é que se dão os processos que propiciam a individuação, ou a produção do indivíduo. “As individuações só se produzem em campos de forças expressamente definidas por vibrações intensivas, que só animam personagens cruéis como órgãos induzidos, peças de máquinas desejantes (os manequins)” (DELEUZE, GUATTARI, 2010 p.119). O indivíduo, sujeito

individuado, pensado também enquanto corpo-organizado-inscrito operado sobre um funcionamento de acordo com sua coletividade, seu meio, seria aquele que já está a trabalhar sobre as definições delirantes-sociais da produção desejante. Quando se diz sobre alguma pessoa cujo nome é José, isso implica dizer que foi através de uma zona intensiva, portanto, categoria coletiva, social é que se produziu este José. José é um indivíduo para a sociedade em que ele se faz, no entanto esta sociedade produz inúmeros Josés, e estes por sua vez, compartilham inúmeras categorias com outros tantos indivíduos.

Trata-se de identificar as raças, as culturas e os deuses com campos de intensidade sobre o corpo sem órgãos, de identificar os personagens com estados que preenchem estes campos, com efeitos que fulguraram e atravessam estes campos. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 120)

De maneira que o exemplo que aqui foi usado, o José seria então este efeito sobre estes campos intensivos, que ele consume. Não existe um sujeito que se identifica com estas categorias, oriundas dos campos intensivos, mas sim categorias que identificam zonas intensivas que produziram o indivíduo José. O gênero e a raça do sujeito correspondem a zonas intensivas sobre o corpo sem órgãos, já o indivíduo – com nome e função remetidos a uma organização social – remete por sua vez a vibrações intensivas dentro destes campos, à funções. Nada nesse processo desejante sobre o corpo sem órgãos é individual mesmo sendo individuante. Tudo se faz pela constante conexão maquínica desejante. Assim, a organização dessa produção – através das produções sociais – é que possibilita, através dos consumos das disjunções produtivas organizadas, o funcionamento através da animação de suas engrenagens, seus personagens, “indivíduos” delirantes, efeitos, estados destas zonas intensivas.

O real, ou onde acontece a materialidade da realidade, é então – a partir deste processo de produção de consumos em que a produção desejante foi transformada e incorporada à produção social – composto por infinitas disjunções, redes de quantidades intensivas, em que o sujeito se compõe pelo consumo, ou produção conjuntiva. Junto a este consumo do sujeito se dão as matérias do delírio, e junto a estas, processos intensivos dentro destes campos que produzirão o indivíduo, sempre correspondente a uma produção social. O real é, portanto, segundo estes autores, um produto que envolve as distâncias com quantidades intensivas, ou a composição de arranjo destas quantidades. De modo que, assim, o delírio se efetua como um grande funcionamento que “alucina” toda a produção desejante ao ponto de esta se reproduzir, constituindo a história da civilidade ocidental até os dias de hoje, bem como seus agentes sujeitos, individuados, sujeitados.

O recorte da obra destes autores no que se refere à produção desejante foi construído nesta dissertação para se pensar a relação do sujeito com a produção social. O sujeito visto através de *O Anti-Édipo* se faz através de consumos de intensidades. Não é um sujeito a priori, nunca se tratou de um sujeito transcendental, nem mesmo um sujeito que é produto de uma produção social. Mas sim como a produção social e o sujeito se dão através da produção desejante, e como neste processo se produzem os indivíduos correspondentes, funcionando através destas. O desejo – visto quando acontece o processo da máquina desejante – investe, como foi construído anteriormente, na produção social quando esta se apropria da produção desejante. As conexões desejantes nunca pararam de operar, no entanto, o que nos traz o pensamento destes autores, é como essa produção foi tomando outros caminhos através do surgimento de máquinas, das organizações produtivas advindas das produções sociais, zonas de intensidades. O desejo é quem produz os investimentos contra a própria produção desejante. O processo desejante é quem propiciou a produção do delírio e sua efetuação enquanto organização social, através da alucinação. A sociedade não é uma alucinação, mas a produção social, de acordo com a produção desejante é a produtora de fantasmas. A sociedade não é o correspondente da produção desejante como de fato ocorre, mas sim um funcionamento específico, defeituoso desta. O sujeito, quando individuado, quando organizado e funcionando dentro de uma organização de forças, se trata também de uma máquina biológica, portanto, uma organização de fluxos com finalidades.

A organização do corpo do indivíduo, os órgãos, não é resultado de uma produção social. No entanto, foi construído junto ao estabelecimento destas organizações de forças, através da transformação do corpo sem órgãos sobre a produção desejante. O corpo do indivíduo é o correspondente da identificação das zonas de intensidades, é a simulação que corresponde a este delírio. O nosso corpo-máquina não se trata de uma alucinação, mas sim de um correspondente de produções sociais que foram produzidas durante o processo civilizatório do planeta Terra. Máquina corpo, se conectando aos objetos, seres, à natureza e todo processo maquínico-desejante de maneira que o “como se conectar” foi construído como correlatos coletivos, territórios intensivos que balizaram a produção desejante, as conexões. Não é uma adaptação dos seres a uma exterioridade, mas sim como o processo de máquinas e fluxos vai tecendo o real, ao ponto de simulá-lo, ao ponto de ser apropriado por instâncias anti-produtivas, entendidas na obra destes autores também como a máquina capitalista. O sujeito, o indivíduo se produz através das conexões desejantes. Eles se relacionam com a exterioridade, com os objetos, fluxos a sua volta. Porém, o que nos trazem Deleuze e Guattari, contrariando a proposta psicanalítica, é que a maneira como se relacionam, identificam, atravessam, conectam e

reproduzem são oriundas do processo maquínico-desejante.

O desejo produz realidade, produz sujeito, produz sociedade, produz indivíduos e mecanismos que operam essa individuação, para que essa funcione, dentro de um específico funcionamento, funcionalidade. Dentro deste funcionamento, enquanto engrenagem de um sistema maquínico, os operadores não deixam de trabalhar para que a máquina funcione: máquina-religião, máquina-família, máquina-gênero, máquina-verdade, máquina-medo, máquina-amor, máquina-prosperidade, máquina-meritocrática, máquina-nação, máquina-capitalista. Fluxos cortados para que funcionem dentro de uma grande máquina, que não é a desejante, mas se apropria do desejo e através dele continue a funcionar. Assim, esse campo conceitual que entende o funcionamento do capitalismo nos dias atuais através da operação da produção desejante foi construído não com objetivo de desposar a psicanálise, mas para se entender a dimensão da produção desejante em relação à natureza, à produção social, à produção do consumo que se dá o sujeito bem como as limitações desejantes que cobrem a individuação pela servidão. No próximo capítulo desta dissertação será retomado esta construção conceitual de maneira que se pense o sujeito individuado, como agenciamento do desejo e agenciamento coletivo de enunciação, de onde, os mecanismos da máquina capitalista produzem uma fôrma, os contornos heterogêneos que compõem os processos máqunicos a serviço do capitalismo através da produção de subjetividade.

Segundo capítulo

Neste capítulo será desenvolvido o conceito de Agenciamento coletivo de enunciação através da obra *Kafka para uma literatura menor* de Deleuze e Guattari. Também abordaremos este conceito conforme apresentado pelo filósofo francês François Zourabichvili em seu livro *O vocabulário de Deleuze*.

O desenvolvimento do conceito de agenciamento coletivo de enunciação se faz necessário à construção do campo problemático o qual se dá o entendimento da relação subjetividade e a produção social no horizonte da produção desejanse. De maneira que o funcionamento maquínico da existência, ou o universo da produção das máquinas-desejantes tido aqui nesta pesquisa como o funcionamento do cosmos através da natureza, apresentado por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* – assim constituído pelas conexões de fluxos e máquinas, compondo-se, construindo-se, produzindo-se junto ao real, no que se refere aos objetos, os “sujeitos”, as produções sociais e seus operadores – nos permite pensar sobre a condição do “sujeito” contemporâneo capitalista, e evidentemente, a relação deste com a produção de subjetividade em questão, bem como os seus operadores. Construído de outra maneira: a problemática filosófica que norteia esta pesquisa seria a de pensar como o agenciamento coletivo de enunciação participa do funcionamento ético/estético da cidade capitalista através da arquitetura e do urbanismo, de onde, concomitantemente, se pensa a produção dos modos de vida desta. E para tal expediente é necessário fazer as “pontes conceituais” através da bibliografia destes autores, não que estas obras se estabeleçam necessariamente sob alguma ordem cronológica, no entanto, as paisagens conceituais visitadas e reconstruídas nesta pesquisa, mesmo com um alcance limitado, são as que se constroem com mais amplitude através de *O Anti-Édipo*, *Kafka para uma literatura menor*, *Micropolítica: cartografias do desejo*, *As três ecologias* e *Caosmose um novo paradigma estético*.

A relação dos modos de subjetivação no capitalismo – modos de existência, organização da produção desejanse – pensados no âmbito dos dispositivos arquitetura e urbanismo, coloca a problematização sobre como, ou em quais circunstâncias – através dos conceitos de Deleuze e Guattari – a produção social é inerente à produção do que se entende como “sujeito” e como este pode ser pensado através do conceito de agenciamento coletivo de enunciação. Assim, para se construir o como a arquitetura e urbanismo engrenam-se na máquina-cidade-capitalista, de onde por sua vez a engrenagem agenciamento coletivo de enunciação também se faz determinante neste funcionamento, seja preciso compreender como este se produz e se relaciona como componente decisivo do processo de produção de subjetividade da cidade capitalista.

O que se busca aqui não se trata da reconstrução conceitual em detalhes destes autores, porém, mesmo não se utilizando neste trabalho de uma ampla argumentação referente à reconstrução de teses específicas propostas por Deleuze e Guattari – quando se utilizam também da psicanálise, da linguística e da literatura para criarem seus conceitos de desejo, de inconsciente assim como o de sociedade, de agenciamento coletivo de enunciação e certamente o de capitalismo – o que se pretende é utilizar “pedaços” da criação conceitual destes autores. Estes fragmentos– mesmo reconstruídos aqui em formato de texto ou arranjo tortuoso de palavras – da vasta bibliografia destes filósofos, configuram a trajetória conceitual que tece esta pesquisa. Uma verdadeira “apropriação em partes” mesmo que “perigosa” do pensamento destes autores: uma tentativa de pensar junto a estes, se possível com potência e alegria através de seus conceitos a relação do agenciamento coletivo de enunciação no cotidiano urbano e arquitetônico capitalista. Assim como pensar a dimensão da máquina-cidade neste processo, contexto este em que Guattari desenvolve o conceito de Ecosofia para pensar as problemáticas do capitalismo do final do século XX. Não apenas uma cartografia das condições e modos de existir impostos pelos ditames sociais, mas o que nos propõem Deleuze e Guattari é produzir ferramentas para também buscar meios, construir formas de fazer a vida – em potência e alegria – acontecer, produzir-se onde ela é impedida. Ou dito de outra maneira: entender as dinâmicas maquínicas do capitalismo no viés desejante é também o indício de que essa dinâmima contém frestas, irregularidades por onde a vida escorre e não deixa de fluir, existir, acontecer como constante conexão.

Literatura Menor

O conceito de Agenciamento Coletivo de enunciação construído na obra *Kafka para uma literatura menor* se faz inerentemente ao entendimento do que, segundo Deleuze e Guattari, seria uma das características ou componentes desta literatura. De acordo com estes filósofos, através das obras e do estilo literário do escritor tcheco do início do século XX, ficam evidentes as características e o funcionamento do conceito de uma literatura menor através do entendimento do conceito de agenciamento coletivo de enunciação.

Segundo os filósofos, a literatura menor, assim como a feita por Franz Kafka, é constituída por três características: 1) *Ela produz grande coeficiente de desterritorialização* de uma língua maior, ou seja: ela desestabiliza os alicerces de uma língua ou uma lógica interpretativa, dominante e afetiva do real. De maneira que, uma vez que se trata das conexões e encontros do real enquanto produção desejante intermediada pela produção de enunciados –

dimensão não só interpretativa mas afetiva-maquínica, de reterritorialização, da linguagem como processo de funcionamento da produção social – na literatura menor 2) tudo é político. Não se tratando de uma literatura que constrói a intimidade de um sujeito, ou indivíduo, mas sim uma obra de arte que deixa pulsante os operadores da linguagem que constituem o processo deste, ou seus modos de funcionamento, modos de “vida”. Assim, 3) tudo tem valor conectivo neste gênero literário-subversivo, portanto revolucionário, onde este se trata também de uma cartografia das conexões desejantes vistas pelo prisma do enunciado, ou processo em que o conteúdo e expressão concomitantemente participam da produção das formas de vida do agenciamento coletivo de enunciação. Dito de outra forma: a terceira característica apresentada por Deleuze e Guattari de uma literatura menor deixa evidente que o caráter individual construído em tal gênero literário se trata de uma produção coletiva entendida aqui como social; não se dirige a um ou outro sujeito específico, mas para um povo porvir, ou seja, agenciamentos que produzirão outras formas de se enunciar, de se conectar, de confluência do campo de experiência destes contra a língua maior. Não há sujeitos ou individualidades mas sim um funcionamento, uma produção coletiva e social que implica agenciamentos coletivos de enunciação antes entendidos como “sujeitos”.

O conceito de Literatura Menor criado por Deleuze e Guattari – da maneira como é compreendido aqui – seria a prática ou o exercício político dado através da produção literária, onde por sua vez colocaria “a delirar” as convenções de dominação e autoridade, ou engrenagens que operam como “sociedade”, “meio social” e a subjetividade através da linguagem, língua maior ou língua materna. Construindo o campo problemático onde a linguagem é estabelecida como dispositivo autoritário de uma sociedade, enquanto organização da produção desejante, tecendo assim o pensamento sobre a produção de significados, de sentidos e valores através do processo de enunciação. De modo que neste processo se dá também a produção dos “sujeitos” destas enunciações como agenciamento coletivo de enunciação.

As relações sociais são uma organização de forças (produção desejante inscrita, delirante em vista do universo destas) de onde estabelece seu funcionamento através da engrenagem-linguagem. A operação da produção social se dá através dos enunciados que maquinam, se engendram nas máquinas desejantes, onde se estabelecem as engrenagens que produzem o caminho ou como o desejo poderá se efetuar enquanto funcionamento maquínico-social. O valor ou o significado atribuído – sob a perspectiva maquínica-desejante – ou as definições e as organizações que a linguagem produz sobre aquilo que se compõe e se constrói enquanto real, ou campo de experiência – se trata de um funcionamento de reterritorialização, ou

produção de regimes de forças que implicam enunciados e agenciamentos coletivos. A reterritorialização é pensada aqui como a mudança de regime de forças na produção desejante, produção da máquina (ou engrenagem) enunciado de onde por sua vez produzirá a linguagem como segmento, “consistência” que se fará os agenciamentos do desejo, ou máquina organizada funcionando como agenciamento coletivo de enunciação. Procedimento que caracteriza as operações da língua maior que estabelece a função e uso representativo da língua dominante que por sua vez engendra na produção dos modos de vida daqueles que funcionam (agenciamento máquinico) junto a ela: a maneira de se “estabelecer”, conectar-se, produzir-se, confluir-se e “existir” com o real (campo de experiência) é produzido também pela linguagem, ou como esta se coloca a funcionar. A linguagem organiza a produção desejante através dos enunciados, que por sua vez produzirão outras engrenagens, de maneira que essa junção de engrenagens produzidas pelo enunciado em funcionamento se tratam do agenciamento máquinico ou coletivo de enunciação.

De forma precisa e cautelosa, através da obra literária de Kafka, Deleuze e Guattari apresentam a dimensão da linguagem escrita, falada e transmitida como processo da organização social bem como a produção desta concomitantemente à produção de agenciamentos coletivos. Assim, estabelecer definições através da linguagem, representar os seres e objetos se tratam de produção de enunciados onde estes consistem em processo máquinico-afetivo de valores, como arranjos de máquinas da produção social, que não implicam apenas a interpretação ou lógica simbólica, mas sim um funcionamento máquinico-material, um regimento de forças, logo uma máquina que opera fluxos através do enunciado, que por sua vez é produzido pelas formas de expressão, que assim participam, produzem o conteúdo daquele.

O encontro de máquinas seria as formas da expressão, ou formas da enunciação desta máquina que se trata das maneiras em que o desejo irá se efetuar, instituindo assim uma cadeia (segmento) significante que enquadrará esses encontros, que engrenam estes encontros através de símbolos correspondentes, ou imagens do desejo, processo entendido como produção dos conteúdos através do funcionamento da enunciação. Definir um significado através da linguagem – realocado pelo conceito de literatura menor dos pensadores franceses – também e principalmente se trata de produção afetiva, ou conexão máquinica como produção, organização produtiva desejante.

Uma literatura maior ou estabelecida segue um vetor que vai do conteúdo à expressão. Um conteúdo ao ser apresentado numa forma dada, é necessário

encontrar, descobrir ou ver a forma de expressão que lhe convém. O que é bem concebido enuncia-se... (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.57)

A definição, ou a maneira de se produzir os conteúdos dos significados através do processo desejante da expressão ou enunciação, assim como a utilizada na língua maior e na linguagem enquanto “efetuação” daquela, é a organização das formas de existir e de se conectar com o real ou campo de experiência destas máquinas. A pronúncia implica a organização produtiva desejante dos enunciados através da linguagem, estabelecendo uma específica operação de forças, produzindo conexões (reterritorialização) destas por meio dos enunciados. De maneira que assim opera o desejo pelo estreito caminho dos signos que corresponde a esta operação, indicando a produção da máquina-social através do funcionamento dos agenciamentos coletivos de enunciação. Assim, Deleuze e Guattari junto ao escritor tcheco nos mostram como e quando este ordenamento, este funcionamento de modos e formas de existência operados pela linguagem são rearranjados, subvertidos contra a língua dominante através da literatura menor ou máquina literária.

Máquina literária

A literatura menor seria esta que produziria os modos de funcionamento da máquina coletiva de “expressão apta a tratar e exercitar conteúdos” (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.42), causando este movimento de desterritorialização dos enunciados. Advinda de uma língua maior, porém contra a dominação enunciativa desta, ou contra as organizações de produção desejante, regimes de forças, operadas por esta. “É que a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade ativa apesar do ceticismo”. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.40)

A máquina literária como construída pela literatura menor seria a que lida com as enunciações coletivas, ou com um “íntimo” compartilhado pelos “sujeitos” no contexto a qual ela se produz, este que não se trata de um nível pessoal, individual, mas “forças diabólicas por vir, uma nova sensibilidade” (IDEM, p.41) para além da produzida pela língua maior, nova sensibilidade esta, vista aqui nesta dissertação como novas formas de interpretar, compor, produzir-se, enunciar-se, existir com o meio em que se faz cotidianamente em cada gesto e palavra como função social. Funcionamento material, “utilização intensiva a-significante da língua” (IBIDEM, P.48), relação com o real ou campo de experiência através da desorganização

da produção de significado e expressão, (des) produção de sentido ou conteúdo destas, onde se é possível estar para além do regime de forças e funcionamento social, ultrapassando a imposição da linguagem, desterritorializando a língua para assim poder agitar novos conteúdos, ou formas de vida que se produzem através destes. Rebaixando a castração imposta pela língua de maneira que se eleve outras formas de vida.

Ir cada vez mais longe na desterritorialização... à força da sobriedade. E dado a aridez do léxico, fazê-lo vibrar em intensidade. Opor um uso puramente intensivo da língua a qualquer utilização simbólica ou mesmo significativa, ou mesmo significante. Chegar a uma expressão perfeita e não formada, uma expressão material intensa. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.43)

A literatura menor – através da argumentação sobre Kafka de Deleuze e Guattari – pensada como processo de produção de desterritorialização da língua maior, é levantada por estes pensadores com o intuito também de se pensar o alcance da linguagem sobre as formas de ser e existir do agenciamento coletivo enquanto engrenagem do funcionamento social. Pensar este alcance é pensar também a potência da operação da literatura menor sobre estas máquinas: máquina-linguagem, máquina-língua, máquina-social e os agenciamentos coletivos de enunciação. A literatura menor seria a que mudaria o funcionamento da máquina-social através da “máquina-língua-hackeada”, ou uso menor da língua maior, como funcionamento em que se desarticulam as funções dos enunciados desta, propondo outro corte, extração de fluxos, logo outra relação com a produção desejante e maneiras de existir e se compor com o real tecido por esta.

Enunciação

Pensar a linguagem como produção social é pensar como funcionam os agenciamentos coletivos de enunciação que dela participam. A operação de funcionamento de pronúncia das palavras, entendido aqui através destes conceitos, se trata de uma reterritorialidade ou mudança do regime de forças que compõem a própria máquina-boca. O funcionamento da máquina-boca transforma-se, reterritorializa-se na medida em que se produzem os sons e a eles imputam sentidos através da língua falada. A máquina-boca, segundo *Kafka para uma literatura menor*, antes de produzir palavras, produz as conexões necessárias com os alimentos (que se tratam de outras máquinas), ela reterritorializa-se, ela cria uma relação de funcionamento, portanto se cria também nesta conexão entre a máquina-boca e a máquina-alimento. Porém, ao se lançar no

plano de operação da máquina-linguagem, ao se produzir, pronunciando (enunciação como conexão desejante, organização de fluxos) as palavras (sons) e a estas atribuir significados (conteúdos enquanto cadeia de símbolos correspondentes às imagens do desejo), a máquina-boca se faz sob novo regime, reterritorializando-se através dos enunciados.

Há, pois, uma certa disjunção entre comer e falar – e mais ainda, apesar das aparências, entre comer e escrever. Pode-se, com certeza, escrever a comer, mais facilmente do que falar a comer; no entanto, a escrita transforma mais as palavras em coisas capazes de rivalizar com os alimentos. Disjunção entre conteúdo e expressão. Falar, e sobre tudo escrever, é jejuar. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.44)

A linguagem figurativa se estabelece assim como interface de conexão, ou maneira de funcionamento desejante, entre o agenciamento coletivo e seu campo de experiência de acordo com as funções, ordenamentos, caminhos do desejo que a língua constrói através dos enunciados. As palavras assim se tratam de organização, reterritorialização, onde estabelecem um funcionamento mais específico à boca do que a própria comida. Mostram-nos os pensadores que o órgão língua, máquina-língua, se reorganiza através de um novo funcionamento quando operado pela linguagem. Falar é mudar o regime da máquina-órgão-língua e conseqüentemente da máquina-corpo do agenciamento coletivo do desejo que assim se trata do agenciamento coletivo de enunciação; falar, assim, é produzir regime de forças sobre estas conexões do desejo, tratando-se então de produzir o agenciamento coletivo de enunciação. “A enunciação constitui com o desejo uma só coisa, acima das leis, dos Estados, e dos regimes. Enunciação, no entanto, ela própria, sempre histórica, política e social. Uma micro-política, uma política do desejo, que põe em causa todas as instâncias” (DELEUZE, GUATTARI, 2003 p.79). De onde, por sua vez, não se trata apenas de pronúncias de palavras, mas como esta pronúncia ou modos de expressão (modos de enunciação, modos de conexão com o universo das máquinas desejantes) implicam maneiras de se conectar e de se produzir, no campo de experiência, trata-se, portanto, de investimento do desejo através das intensidades das enunciações, que por sua vez produzem outras engrenagens forjadas pelos signos em correspondência através da organização de forças estabelecidas pela linguagem, ou através dos enunciados. Os modos de expressão, ou a enunciação, produzem o conteúdo onde o significado é o regime, organização do desejo, que produz a engrenagem ou os funcionamentos desta máquina-corpo, que só é “corpo” graças aos enunciados, ou melhor, pelas funções produzidas junto a produção social através deste.

Assim, argumentam os autores, que toda a sensibilidade ou capacidade de afetar e ser afetado pela exterioridade (universo da produção desejante), de confluir e se produzir no real torna-se possível através do uso da linguagem (como produção de enunciados) submetidos a esta. Capacidade de sentir (produzir no real, de funcionar junto a este) ou de ser afetado sendo submetida pela cadeia de significados do sentido (enquanto expressão) produzido pela linguagem, produzindo o regime da máquina-corpo e nela engrenando uma nova peça que realizará tal mudança. O uso da linguagem mudou ou confluiu com a produção da transformação da máquina-corpo, sendo esta última também componente da máquina social.

Não há apenas uma reterritorialização espiritual no “sentido”, mas física, através desse mesmo sentido. Paralelamente, a língua só existe pela distinção e pela complementariedade de um sujeito de enunciação, em relação ao sentido, e de um sujeito de enunciado, em relação à coisa designada, diretamente ou por metáfora. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.45)

A capacidade de ser afetado ou de se compor com o real, sendo este último pensado como campo de experiência advindo do universo da produção desejante, e o “ser afetado” pensado como o funcionamento da máquina-corpo neste universo, muda de regime quando junto à produção da organização social se dá também a produção da máquina-linguagem. Como desenvolvido no primeiro capítulo, através da primeira parte do livro *O Anti-Édipo*, a organização social se trata de um funcionamento específico do cosmos, ou natureza enquanto universo da produção-desejante. O agenciamento coletivo seria o resíduo, ou o consumo de intensidades produzidas pela terceira síntese, a conjuntiva do processo desejante. Este consumo entendido como processo de organização desejante que através da produção social e suas máquinas produziram as engrenagens que constroem a máquina “sujeito”. O sujeito assim pensado como composição de máquinas que produzem outras máquinas, ou seja, agenciamento coletivo como acoplamento desejante, agenciamento maquínico ou engrenagem da máquina/organização-desejante.

Já em outro momento, na criação conceitual destes pensadores através do conceito de literatura menor, o “sujeito” é pensado como agenciamento coletivo de enunciação, ou máquina que se produz junto à engrenagem da produção de enunciado, a serviço da máquina língua maior, máquina com funções. De maneira que a organização da produção desejante do primeiro capítulo é reconstruída aqui através do funcionamento da língua maior, funcionamento este que constitui a produção dos agenciamentos coletivos de enunciação. De onde o uso figurativo da língua se trata do processo de “nomeação” (máquina-de-criar-símbolos-pelos-sons) ou expressão, de onde se dão as condições desta última, ou a maneira que ela opera o regime de

forças sobre as máquinas que produzem os enunciados. Esses objetos, essas conexões, essas máquinas do universo da produção desejante quando esquadrihadas pela enunciação, são submetidas pelos conteúdos (maneiras organizadas de funcionamento do desejo) que delas derivam. Conteúdo que remete ao regime estabelecido através dos significados operados como imagens do desejo, como se a natureza do desejo fosse passível de ser determinada através de símbolos ou definições.

Tínhamos partido de oposições formais simples: para a forma de conteúdo, cabeça inclinada / cabeça levantada; para a forma de expressão, fotografia / som. Eram estados ou figuras do desejo. Mas é evidente que o som não age como elemento formal. Determina, de preferência, uma desorganização activa da expressão e, por reação, do próprio conteúdo. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.57)

Através da análise da produção literária bem como os personagens, cenários e circunstâncias construídos por Kafka, Deleuze e Guattari estimulam o pensamento no que se refere ao funcionamento da linguagem enquanto engrenagem da produção social. Pensada enquanto segmentos da enunciação, linha de montagem das imagens do desejo engendradas por símbolos correspondentes, onde o “enunciar” é se maquinar através daquilo que compõe a expressão desencadeando outras máquinas e seus funcionamentos. Não existe a estruturação a priori da linguagem através dos sujeitos nem da sociedade. Assim, não existe uma essência ou uma origem do sujeito. Não existe qualquer sujeito. Existe o consumo de intensidades, ou produção desejante que são organizadas através também da linguagem. Ou seja, o “sujeito” é uma engrenagem conforme a produção social foi “moldando” para que o fosse. Não existe designo natural, não existe finalidade ou plano que se possa estabelecer o papel do conceito de humanidade. O sujeito é mais uma engrenagem da produção social estabelecida através dos enunciados, este que são submetidos ao funcionamento dos componentes de expressão, processo maquínico-desejante de organização e inscrição de forças do universo desta, de maneira que tal funcionamento fica evidente quando se pensa o conceito de literatura menor proposta por estes filósofos.

Agenciamento coletivo

Para construir o funcionamento que constitui a relação de produção do agenciamento coletivo de enunciação e da máquina-social através das operações da máquina-linguagem, os filósofos franceses utilizam-se do estilo e do gênero literário de Franz Kafka para pensar as

circunstâncias e os modos em que operam estes conceitos. Tal proposta de pensamento, construída também no capítulo intitulado *O que é um agenciamento?*, permite assim desenvolver com mais elementos a produção deste conceito: onde se produzem as dimensões materiais (máquina-desejante) da linguagem e a relação com a engrenagem máquina-social através do conceito de agenciamento coletivo de enunciação.

O enunciado seria o processo maquínico social no qual, através da enunciação (produção de sentido em que o conteúdo submete-se ao funcionamento dos modos expressão), se organiza a produção desejante em virtude da linguagem. Só há máquinas e suas peças no universo da produção desejante que entendemos como natureza, como real ou campo de experiência destas. Permitindo pensar dessa maneira que as máquinas que consistem a produção desejante se tratam de agenciamentos, de encontros de máquinas e conexões, conectadas umas às outras, produzindo-se, proliferando-se, segmentando-se (de acordo com estes) ou como agenciamento maquínico do desejo.

[...]Kafka não pensa só nas condições do trabalho alienado, mecanizado, etc.; ele conhece isso tudo de perto mas o seu gênio está em considerar que homens e mulheres fazem parte da máquina, não só no trabalho, mas mais ainda nas suas atividades adjacentes, no repouso, nos amores, nos protestos, nas indignações, etc. O mecânico é uma parte da máquina, não só enquanto mecânico, mas no momento em que o deixa de ser. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.137)

A máquina social portanto é esta que funciona junto e com os agenciamentos coletivos de enunciação visto que a linguagem participa do funcionamento dela, onde por sua vez, engrena-se na produção do agenciamento coletivo de enunciação com o real ou natureza. Os agenciamentos são compostos pelas engrenagens forjadas pelo enunciado, este que se trata de uma produção da máquina social. A máquina social é a máquina desejante, ela participa da produção desejante, no entanto com um funcionamento específico onde se tem os agenciamentos de outras máquinas enquanto engrenagens, como parte integrante do funcionamento daquela. De onde o agenciamento coletivo, pensado através das obras do escritor tcheco, consiste no funcionamento concomitante do agenciamento maquínico do desejo, enquanto conexões desejantes (encontros e produção de máquinas) e o agenciamento coletivo de enunciação (modos de funcionamento maquínico) como regime de forças estabelecido pela linguagem, operador do enunciado como função destas conexões.

“O agenciamento maquínico de desejo também é um agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.13), de maneira que a máquina social compõe-

se através da engrenagem-enunciado, que por sua vez se trata de outras organizações de forças que pressupõe outras engrenagens, processo onde a expressão produz o conteúdo ao mesmo tempo em que organiza, acopla os agenciamentos coletivos de enunciação. O desejo “alimenta” essas máquinas, ele acontece nos encontros, nas conexões que compõe a operação de fluxos destas, desejo visto como funcionamento da natureza ou funcionamento do cosmos. Assim, através da construção do conceito de literatura menor, o agenciamento do desejo, a junção, ou arranjo das máquinas desejantes tratam-se também de agenciamento coletivo de enunciação. Sendo o enunciado como engrenagem, como canalização de encontros do desejo, portanto máquina com função, como componente da máquina social impondo seus regimes de forças sobre as máquinas desejantes, tecendo o campo de experiência ou funcionamento numa constelação maquínica-desejante.

A máquina social é composta pela máquina-linguagem que por sua vez implica o maquinismo do enunciado e o agenciamento coletivo de enunciação concomitantemente. Estes funcionamentos maquínicos pensados como produção social trata-se de um modo ou um funcionamento da natureza ou do cosmos enquanto organização de forças, conexões materiais. Onde a mudança de funcionamento advindas da parada improdutiva do corpo sem órgãos na produção desejante, fazendo que a organização de forças, inscrição de forças, regime de funcionamento, produzissem outras máquinas como a social e as que junto a estas funcionam. Visto desta maneira, não há uma sociedade que antecede o sujeito, não há um sujeito que é moldado pela sociedade. Existem processos de funcionamento no universo das máquinas desejantes, processos estes que produzem, de acordo com Deleuze e Guattari, o que pode ser pensado como a máquina social ou produção social. Essa máquina implica um arranjo, uma montagem, um funcionamento de maneira que se engrene a linguagem (através da máquina enunciado) bem como outras máquinas como a máquina que é composta por enunciados ou o agenciamento coletivo de enunciação, que enquanto engrenagem (enunciado) da produção da máquina-civilizatória-ocidental já foi pensada como sujeito.

E não basta dizer que o agenciamento produz o enunciado como faria um sujeito; ele é em si próprio agenciamento de enunciação num processo que não deixa espaço a um sujeito qualquer determinável, mas que permite tanto definir a natureza e a função dos enunciados, visto que estes só existem como engrenagens de um tal agenciamento (não como efeitos nem como produtos). (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.141)

Através da literatura menor se faz possível cartografar as funções dos enunciados como componentes do agenciamento coletivo de enunciação ou as maneiras ou modos de funcionamento em que o agenciamento maquina-se em seu campo de existência ou experiência. Assim, a face “coletiva” do agenciamento de enunciação mostra-se como operador, ou remonta à função geral em que este se estabelece na linha produtiva. A enunciação é assim pensada como o processo em que as engrenagens se remontam à máquina, restabelecendo suas funções, organizações do desejo que acoplam e produzem as formas de operar deste junto ao campo de experiência. De onde a função geral é pensada como dispositivo ou engrenagem forjada pelo processo em que se faz o enunciado através dos modos de enunciação, ou expressão, ou confluir (conectar-se com o real ou campo de experiência) através da intensidade expressiva de maneira que organize essa “expressividade” através de símbolos, ou seja, organização das conexões desejantes enquanto modos de conexão, ou máquina-enunciado.

O enunciado não é produzido pelos agenciamentos, mas ele organiza os modos de enunciação ou os modos de funcionamento destes enquanto máquina, ou seja, o próprio enunciado se trata de um agenciamento ou máquina enquanto função. “A enunciação precede o enunciado, não em função de um sujeito que produzirá este último, mas em função de um agenciamento que faz daquele a sua primeira engrenagem, com as outras engrenagens que vêm a seguir em que o mesmo se posiciona” (DELEUZE, GUATTARRI, 2003, P. 143). Fica evidente que a enunciação, ou expressão é quem vai trilhar o caminho dos significados, ou produção maquínica de conteúdo. A enunciação como conectores na produção do conteúdo (significados como correspondência das matérias ou produções desejantes) através da forma ou modos desta última (enunciação). Os modos de expressão do agenciamento produzem os conteúdos ou maneiras de funcionar deste. O agenciamento participa das enunciações (expressões) e evidentemente da produção do conteúdo (ou atribuição de sentido ou signos às conexões desejantes deste agenciamento) onde é pensado como produção de funções que o atravessam ou formas de produzir do desejo que compõe esta engrenagem da máquina social. “É a expressão que antecipa ou adianta, é ela que precede os conteúdos, seja para prefigurar as formas rígidas em que os conteúdos vão se fundir, seja para correr sobre uma linha de fuga ou de transformação” (IDEM, P.144). Expressão então se trata do funcionamento que consiste o processo maquínico e desejante da enunciação, que produzirá enunciados a serviço da máquina linguagem da língua maior, possibilitando o caminho ou os segmentos onde será percorrido o funcionamento do agenciamento do desejo ou agenciamento coletivo de enunciação. Funcionamento este em que se produzem as funções da organização desejante enquanto produção social segmentada pela linguagem, porém onde também reside a potência de produzir

novos enunciados que se voltarão contra os da língua maior (assim como a literatura menor propõe).

O agenciamento coletivo assim também se trata da operação de uma máquina composta por funções (como utilizado pela língua maior) que se estabelecem através dos segmentos, ou continuidade, funcionalidades antes pensadas enquanto “sujeito” que na verdade consiste, segundo Deleuze e Guattari apoiados em Kafka, à produção desejante: inscrita, organizada, pelas conexões da enunciação que por sua vez se tratam de outros modos de funcionamento da produção social.

Cada segmento é poder, *um* poder ao mesmo tempo que uma figura do desejo. Cada segmento é uma máquina ou uma peça de máquina[...]Não há um desejo *de* burocracia, para reprimir ou ser reprimido. Há um segmento burocrático, com o seu poder, o seu pessoal, os seus clientes, as suas máquinas. Ou, antes, todas as espécies de segmentos, de gabinetes, contíguos, como na experiência de Barnabé. Em realidade, há só engrenagens, iguais apesar das aparências, que constituem a burocracia como desejo, isto é, como exercício do próprio agenciamento. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.100)

Os segmentos, ou engrenagens, ou os desdobramentos do conteúdo enquanto organização, canalização de onde escorrerá o desejo, que compõe o agenciamento coletivo de enunciação, seriam estes que o esquadriham-no através do enunciado, colocando ele para funcionar de maneira “adestrada”, ordenando-o a operar sob determinado regime de forças, estabelecendo assim sua maneira contida (ilusória, transcendente) de fluir, dando-lhe um mapa de como e onde se conectar e lançar-se no real ou campo de experiência, através de funções ou linhas de segmentos. Pensados aqui como segmento-gênero, segmento-sexualidade, segmento-nome, segmento-“sujeito”, segmento-nacionalidade, segmento-religião, segmento-filho, segmento-criança, segmento-professor, segmento-dona-de-casa, segmento-pedestre, segmento-motorista, etc; funções imputadas ao agenciamento.

Os segmentos são, simultaneamente, poderes e territórios: eles também captam o desejo, territorializando-o, fixando-o, fotografando-o, colando-o numa fotografia ou numa roupa justa, dando-lhe uma missão, extraindo-lhe uma imagem de transcendência a que ele se prende, ao ponto de opor a si mesmo essa imagem. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p.144)

Segmentos inúmeros que compõe os caminhos trilhados pelo enunciado e que constituem as naturezas de funcionamento do agenciamento coletivo de enunciação, de onde o enunciado estabelece suas funções através das conexões das séries por onde este agenciamento irá se constituir. Segmento, mesmo se tratando da inscrição da produção desejante – portanto delirante

e ilusória— que age sobre a produção material enquanto produção desejante, como organização das engrenagens que operam as funções do agenciamento coletivo de enunciação.

Voltando à reconstrução de alguns conceitos da primeira parte dessa pesquisa que se lançou a pensar a amplitude do desejo no que tange a produção do agenciamento coletivo no horizonte da natureza enquanto produção desejante. Este desejo ou funcionamento da natureza é o que possibilitou a parada improdutiva no próprio processo de onde desencadeou e desencadeia por todos os lados a produção de máquinas. Pensando a natureza como processo de transformação aonde este vai engendrando-se e criando máquinas no constante movimento de produção que implica a caracterização e descaracterização dessas máquinas: montagem, desmontagem, remontagem de conexões ou movimentos de territorialização e desterritorialização que indicam a infinitude do funcionamento do cosmos. Desejo ou o movimento este que produz agenciamentos que por sua vez maquinam o conteúdo ao mesmo tempo em que se produzem enquanto tais: agenciamento coletivo de funções, ou enunciação, ou condições em que se produzem os enunciados.

O conceito de agenciamento coletivo de enunciação, como já foi dito, é nuclear para se pensar os modos de funcionamento do capitalismo e do desejo dentro do programa Ecosófico de Félix Guattari, de maneira que se trata de um conceito trabalhado e transformado durante toda a trajetória da produção conceitual, criação filosófica deste filósofo. As roupagens e as remontagens deste conceito também são recriadas através das obras que levam o nome de Deleuze, sem mencionar o ímpar desenvolvimento de Foucault sobre o mesmo conceito em vista do campo problemático do capitalismo no final do séc. XX no que se refere à importância dos processos de subjetivação para este. Assim, por se tratar de inúmeras entradas para lidar com o conceito de agenciamento coletivo de enunciação, sendo este inerente à produção desejante enquanto também produção social, não se trata aqui de uma pesquisa profunda ou mesmo genealógica ou cronológica sobre tal conceito: se trata de uma apropriação conceitual em que através desta seja possível funcionar o pensamento sobre as dimensões do capitalismo através da máquina-cidade assim como construído na obra *Caosmose um novo paradigma estético*.

Utilizando-se também aqui nesta parte da dissertação do verbete do conceito de agenciamento coletivo apresentado pelo filósofo francês François Zourabichvili, onde este se utiliza de uma longa travessia conceitual de Deleuze e Guattari para tal reconstrução. Zourabichvili nos fornece através da obra *O vocabulário de Deleuze* o conceito de agenciamento coletivo de maneira que permita a este trabalho construir através deste conceito

a maneira como Guattari com certa “fluidez” opera-o para pensar o capitalismo no prisma da Ecosofia.

Dir-se-á portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de uma agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. [...] grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, que se caracterizam por uma forma relativamente estável e por um funcionamento reprodutor: tendem a reduzir o campo de experimentação de seu desejo a uma divisão preestabelecida. Esse é o pólo estrato dos agenciamentos (que são então considerados "molares"). (ZOURABICHIVILI, 2004, p. 9)

De acordo com a reconstrução do conceito, ou do verbete de agenciamento coletivo apresentado por Zourabichivili, este implica duas formas de funcionamento distintas, porém inerentes uma à outra, como já apresentada no final de *Kafka: para uma literatura menor*. Existe uma das faces, ou um dos modos de funcionamento deste conceito, que implica a produção social como captura e organização da produção desejante, operada pelos segmentos produzidos pela enunciação em forma de enunciados ou *um* regime de signos correspondente. De maneira que assim estabelece o agenciamento coletivo de enunciação ou agenciamento como função comum, logo social, imputada sobre o maquinismo desejante ou conjunto de relações materiais deste. Como desenvolvido em *Mil Platôs* que dá continuidade ao período “Capitalismo e esquizofrenia” de Deleuze e Guattari, esta é a face estrato, ou molar do agenciamento. Esta é a parte territorializada, organizada, “estável” do agenciamento, onde a produção desejante se restringe às formas de funcionamento produzido pela organização social através dos enunciados. Os segmentos como construídos acima deixam em evidência o funcionamento molar instituído pelos enunciados, onde estes operam os modos existência ou conexão com o campo de experiência desta máquina.

No entanto, na tentativa de uma “completa” organização sobre a produção desejante gerada pelos enunciados enquanto funções, esta mesma produção, por se tratar de um princípio da natureza ou funcionamento incessante desta, “escapa” à organização, ou não se é captada por completo pela operação dos enunciados. “Mas, por outro lado, a maneira como o indivíduo investe e participa da reprodução desses agenciamentos sociais depende de agenciamentos locais, "moleculares", nos quais ele próprio é apanhado, seja porque, limitando-se a efetuar as formas socialmente disponíveis, a modelar sua existência segundo os códigos em vigor, ele aí introduz sua pequena irregularidade [...]” (ZOURABICHIVILI, 2004, p. 9). Esta face do agenciamento é a face máquina abstrata ou o funcionamento molar da máquina, onde se dão as

pontas de desterritorialização do agenciamento por onde escapam as linhas de fuga deste. É onde o agenciamento experimenta o universo da produção desejante sem a interface das engrenagens-enunciados produzidas pela produção social, ou organização de forças. São os “tentáculos” do agenciamento que buscam, que escapam às estratificações das funções da enunciação, onde aí reside a potência do funcionamento da máquina de expressão da literatura menor, a máquina literária: produzir novos enunciados, descaracterizar os antigos conteúdos da língua maior. Assim, implicando novas conexões desejantes que desarranjam as imposições dos modos de existir do agenciamento enquanto organização da produção desejante. Entendido aqui nesta pesquisa como a face que permite o agenciamento ser afetado, ser atravessado por novas conexões de onde abalarão as estruturas e operações das antigas, é “a porta dos fundos” do agenciamento, onde o desejo pode fugir, escapar dos cômodos de formas de existência dos enunciados da produção social.

A remontagem conceitual aqui proposta neste capítulo refere-se à dimensão imanente, portanto material e desejante entre o agenciamento coletivo de enunciação e a produção social ou organização desejante através de máquinas com funções coletivas, organizadoras, distribuidoras do desejo. Não se trata do indivíduo como engrenagem da sociedade, mas sim a produção social desencadeada pela parada anti-produtiva da produção desejante, que implica a organização dessa produção através do funcionamento de outras máquinas que por sua vez produzem o agenciamento coletivo de enunciação, que de maneira equivocada foi pensado como o “sujeito” não só pelo senso comum, mas também por boa parcela da tradição filosófica. De maneira que assim permite pensar o funcionamento material, portanto maquínico-desejante, da relação da máquina social e suas engrenagens-agenciamentos-coletivos; onde inerentemente se pensa também a relação da “capacidade de afetar e ser afetado” como funcionamento que desencadeia a produção de enunciados que por sua vez organizam essa capacidade afetiva. “Se a instituição é um agenciamento molar que repousa em agenciamentos [...] o indivíduo por sua vez não é uma forma originária evoluindo no mundo como em um cenário exterior ou um conjunto de dados aos quais ele se contentaria em reagir: ele só se constitui ao se agenciar, ele só existe tomado de imediato em agenciamentos” (ZOURABICHIVILI, 2004, p. 9). O indivíduo visto pelas cartografias desejantes construídas através dos conceitos destes pensadores, são os agenciamentos que nele se constituem como camadas, como linhas segmentadas, como propriedades, como formas organizadas do desejo enquanto funções produzidas através da máquina social o qual este participa como engrenagem. Dito de outra forma: a maneira de pensarmos através da produção social as funções do agenciamento que compõem este resíduo do processo de produção desejante quando operada pela produção social,

se valem também a esta que pensa o próprio máquina-corpo como estabelecido por funções do enunciado, ou como organização da produção desejante através deste. Sendo as máquinas-pernas, as máquinas-ouvido, as máquinas-seio, máquinas-pulmão, máquinas-boca, máquinas-olhos que por sua vez constituem a produção desejante (ou modos de funcionar do desejo enquanto natureza) do agenciamento coletivo e seus segmentos: como segmento-brasileiro, segmento-masculinidade, segmento-namorado, segmento-consumidor, segmento-amigo, segmento-vizinho, segmento-leandro, segmento-evangélico, segmento-contador, segmento-esposa etc., onde tudo consiste em um funcionamento desejante da máquina social em que se realiza tal processo.

É válido pensar as condições de produção subjetiva ou sujeição capitalista brasileira, ou os modos de funcionamento da produção desejante destes agenciamentos coletivos de enunciação, através dos enunciados nos quais este se agencia, o compõe, assim como é válido pensar a complexidade maquínica desejante da linguagem, dos enunciados, das definições estabelecidas pelas línguas maiores, mesmo que no caso agenciamento coletivo de enunciação brasileiro se trate do “silenciamento” de várias línguas menores, enquanto projeto de colonização de múltiplas formas de vida que se fizeram e fazem na organização da máquina social brasileira. Não se trata simplesmente do poder das palavras para estabelecer formas de se produzir o real, se trata do desejo tomando caminhos, sendo eles artificiais ou os que se escapam, fogem pelas frestas. Compreender assim o funcionamento da existência a partir do maquinismo desejante, cartografar onde e como o desejo é impedido de fluir de maneira que assim deixe evidente as máquinas que produzem o funcionamento social. Pensar que este funcionamento se trata também de como a cidade é uma máquina que compõe a máquina-capitalista, de maneira que a arquitetura e o urbanismo são engrenagens de enunciação desta máquina, de organização desejante, territorialidade intensiva, assim como a engrenagem agenciamento coletivo de enunciação que se produz junto a estas. Pensar que a enunciação produzida pelos encontros, pelas conexões maquínicas enquanto modos de vida, modos de conexão (enunciado ou produção de conteúdo) no que se refere à produção desejante da máquina-cidade-capitalista-brasileira também consiste outras máquinas ou engrenagens desta, como a máquina-edificação, máquina-rua, máquina-casa, máquina-mobilidade, máquina-elevador, máquina-calçada, máquina-sofá, máquina-fogão, máquina-jantar-de-domingo, máquina-corpo-feminino-que-cozinha, máquina-corpo-feminino-que-lava-as-louças, máquina-vagina-depósito-de-esperma, máquina-dona-de-casa, máquina-corpo-negro, máquina-trabalhador e todas as funções “castradoras” do desejo que consolidam a tentativa de normatividade ou o padrão de existência maquínica do “sujeito” ocidental de nosso tempo. Ou

seja, inúmeras máquinas que compõe a engrenagem-agenciamento coletivo de enunciação, produzindo-se, conectando-se, existindo também através das máquinas-de-comunicação, máquina-propriedade-privada, máquina-conforto-do-lar, máquina-cama-de-marquise, onde se organizam enquanto funções, enunciados da produção social, engrenagens desta produção geradas pela organização do desejo que constrói a condição urbana da cidade brasileira assim como o campo problemático em questão.

Não há essência do sujeito, não há sujeito, não há inconsciente como depósito de frustrações, não há desígnio espiritual, não há desígnios, não há nada que não seja de caráter maquínico-desejante. Não há nada além da produção desejante e suas máquinas que tecem o seu campo de experiência. Há máquinas, apenas máquinas e o desejo que as produz. Entender por onde este flui e onde ele é contido é cartografar o funcionamento da produção de subjetividade ou modos de existir (através das conexões desejantes) do capitalismo. Se trata também de desmontar as funções desta máquina e perceber o quanto o cotidiano, o “nosso” cotidiano é atravessado pela produção de sentido e modos de existir, de se produzir, (se conectar com a natureza, o real) de se enunciar do capitalismo, desde a cor da escova de dentes que nos deparamos logo pela manhã, assim como os nomes “próprios” até o conforto do sapato, se tratam de máquinas que nos compomos, modos de enunciação, os quais juntos nos produzimos enquanto segmentos dos enunciados que nos atravessam. Assim operando a produção social do capitalismo: no desejo e nos modos que lhe são permitidos a fluir, ou no desejo em funcionamento através doenciamento coletivo de enunciação.

Terceiro Capítulo

Esta última parte da dissertação consiste em um recorte da problemática do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) proposto por Guattari, pensado através do conceito de Ecosofia bem como os demais conceitos que o constrói no que se refere a cidade, a arquitetura, o urbanismo e os agenciamentos coletivos de enunciação. Dinâmica esta que configura, segundo o filósofo, a produção de subjetividade capitalística, ou modos de enunciação, modos de existir de acordo com o funcionamento deste sistema, desta máquina. Tal programa de pensamento foi apresentado pelo filósofo na travessia que percorre dos anos 1980 aos anos 1990, de maneira que tais circunstâncias ainda reverberam com inquietante emergência “nos tempos de hoje”, onde a “mundialização” bem como a uniformização seriada da produção dos modos de vida do capitalismo ainda se fazem, a cada momento, mais pulsantes.

A trajetória conceitual construída até aqui se trata de ampliar o pensamento, ou construir um campo problemático no que se refere as dimensões maquínicas-criativas da natureza, ou do cosmos, que se fazem também nos processos de produção social (pensada enquanto funcionamento específico e organizado da produção desejante) bem como a produção dos modos de existência dos agenciamentos coletivos de enunciação. Assim tal dimensão de funcionamento da produção dos modos de vidas através do movimento de produção desejante da natureza ou do cosmos, que consiste em infinitas conexões maquínicas, fluxos que engendram formas de existir através da enunciação (o vir a ser das máquinas através dos seus componentes heterogêneos) que tecem o universo maquínico ou os universos maquínicos, se fazem válidos para pensar as condições de produção do real, produção da sociedade e dos “sujeitos” no prisma do capitalismo.

A Ecosofia de Guattari se trata de um proposta de pensamento que coloca as dimensões micropolíticas em um eixo de funcionamento determinante na relação “sujeito” e sociedade. Onde se pensa as condições políticas e sociais em operação através da organização e funcionamento social e sua relação com o agenciamento coletivo de enunciação, ou seja, quando ambos estão correlacionados aos mesmo processos de produção, engrenando-se um ao outro e a outros componentes configurando desta forma a grande máquina capitalística. A micropolítica assim, colocada para pensar o capitalismo nos dias atuais, consiste no entendimento das relações que se fazem em todos os níveis entre o macro e o micro no horizonte social e por assim ser no contexto de relação com natureza que este implica. Deslocando um pouco o exemplo, a micropolítica apresentada por Guattari é esta que constrói o pensamento que compreende que o nível macro é este que se faz junto ao micro, onde as instituições, como

por exemplo o próprio funcionamento da máquina-democrática, se fazem através da produção afetiva e desejante, portanto produtiva e transformadora dos “sujeitos” concomitantemente ao funcionamento social. A máquina-democrática, a máquina-família, a máquina-religião e a grande máquina capitalista que se apropriou, que “melhorou” estas, implica a engrenagem sociedade e a engrenagem agenciamento coletivo de enunciação em seu funcionamento.

Ficando evidente que o desejo enquanto operação criativa das conexões e produções maquínicas, participa – também através dos agenciamentos e dos componentes que os compõe – da “atualização e manutenção do capitalismo”. Da maneira como nos coloca o autor não existe “O capitalismo” ou mesmo uma passividade irreversível dos agenciamentos coletivos de enunciação em relação a este, porém, na verdade se trata, do funcionamento das máquinas sociais em todos os níveis, que foram regimentando-se enquanto máquina capitalística, ou modo de funcionamento maquínico, regime de forças desejantes organizadas sob este funcionamento, o que denominou o capital.

A Ecosofia de Guattari deixa claro que uma vez que o modo de vida capitalística – mediante à infinitude de modos de existência, mesmo como possíveis modos de existir e se produzir ao universo das máquinas desejantes – se trata de uma maneira de enunciação (modo de existir e se produzir através de seus componentes) muitíssimo restrita e reduzida dos agenciamentos coletivos. Mediante aos universos dos “possíveis maquínicos” (possíveis que são tidos também como modos de enunciação, produção dos modos de existência), o capitalismo produz modos de vida “insuficientes”, assustadoramente vazios, insignificamente reduzidos perante aquilo em que o universo maquínico desejante se dispõe.

As potências ou as possibilidades de modos de produção social e produção dos agenciamentos coletivos são indizivelmente maiores e múltiplas do que o modo capitalístico de vida reserva às suas peças, suas máquinas, engrenagens. Ou seja: de acordo com Guattari, na mesma esteira teórica subversiva contra as forças dominantes que trilharam Marx e Espinosa, a “humanidade” pode muito mais do que a sociedade produz, se faz e apresenta de acordo com o capitalismo.

Porém para reconstruir essa tese Guattari utilizou-se de outros meios, outros paradigmas, onde se ampliou a reflexão do capitalismo e sua produção através da sociedade e os modos de vidas dos agenciamentos. Pensou assim como aqueles filósofos a relação natureza, sociedade e sujeito porém encontrando aberturas inéditas nessa relação no que se refere às dimensões autônomas das máquinas, que dão consistência ao funcionamento social e dos agenciamentos,

o que nos permite pensar as condições em que se estabelece a máquina-social-capitalística e seus desvios nos dias atuais.

No horizonte do funcionamento social em que consiste a máquina-capitalística hoje, esta não apenas reduz o campo de experiência destes agenciamentos coletivos de enunciação mas também ameaça, principalmente, o futuro da própria biosfera através da natureza e a relação que as sociedades do planeta têm com os recursos naturais.

Se é evidente que a sociedade como conhecemos hoje (pensando os seus modos de vida) também se constitui através da relação que estabelece com os recursos naturais (alimentação, matéria prima, água potável etc), não fica difícil afirmar que a necessidade de pensar esses recursos se faz juntamente ao pensamento do próprio porvir da comunidade deste planeta. O fato de que no próprio imaginário cotidiano, ou na produção discursiva da subjetividade capitalística, como no caso do Brasil atual, não se pense a importância da manutenção dos recursos naturais (mesmo estando diretamente ligados a condição de vida da humanidade) remonta a problemática entre a humanidade e sua relação com o meio, com as cidades, a natureza e a máquina capitalística. A falta de esclarecimento na relação entre os recursos naturais e a humanidade faz parte do funcionamento capitalístico segundo Guattari, essa relação com o meio e a falsa percepção de infinitude tanto dos recursos quando da comunidade em questão é parte, engrenagem desta máquina. Implicando assim que o funcionamento subjetivo capitalístico consiste em produzir o falso discurso que os modos de vida desta máquina não implicam a degradação irreversível da natureza enquanto fonte destes recursos, ou mesmo a própria degradação dos modos de viver das máquinas sociais e os agenciamentos coletivos.

Para pensar o funcionamento e os possíveis desvios sobre o capitalismo é preciso pensar a relação e as condições da natureza, da sociedade e do agenciamento coletivo de enunciação, assim se tratando de uma complexa dinâmica de como os modos de vida se produzem também através das condições, ou meios em que se encontram. Para Guattari, pensar a natureza, a sociedade e o agenciamento coletivo como peças da máquina capitalística é pensar necessariamente o funcionamento das cidades e seus operadores como constituintes dessa máquina. Portanto reconstruir o funcionamento do sistema capitalístico é pensar no futuro não apenas da sociedade e de seus modos de vida mas também o futuro do próprio planeta. Nessa relação entre os recursos naturais, a sociedade, o “sujeito” e o capitalismo é onde o filósofo pensa o funcionamento do conceito de Ecosofia. A Ecosofia de Guattari é entendida aqui como um território conceitual que foi sendo construído pelo autor através de sua bibliografia, onde esta durante um importante período fez-se junto a Gilles Deleuze. Porém esse território

cultivado junto à Deleuze sofreu transformações quando Guattari propõe a Ecosofia, que se trata de um novo pensamento sobre o funcionamento do capitalismo na transição do século XX para o século XXI, momento este em que consiste a explosão tecnológica e informacional que reflete um novo momento desta máquina.

A Ecosofia é uma nova leitura sobre as produções de subjetividade capitalísticas que levam em consideração o funcionamento maquínico-social, tecnológico, informacional, afetivo e suas relações com a natureza e os agenciamentos coletivos. Porém, é dentro deste prisma de supercrescimento urbano, demográfico, e devastação dos recursos naturais em detrimento à corrida tecnológica-de-consumo é que o filósofo propõe o conceito de Caosmose. A Ecosofia são as lentes conceituais que Guattari criou para pensar a problemática e os desvios da conjuntura de produção dos modos de existência tangenciados pelo capitalismo, onde em tal horizonte se cartografou a dinâmica criativa, ou o processo do conceito de Caosmose.

Assim neste último capítulo serão trabalhados os conceitos de produção de subjetividade capitalística, Três Ecologias ou Ecosofia e Caosmose bem como os demais conceitos que remontam à estes. Nesse campo conceitual será apresentado o funcionamento da máquina-cidade bem como os componentes arquitetura e urbanismo que a constitui. A cidade e seus componentes, segundo Guattari, são de suma importância para se pensar as condições de funcionamento e desvios da máquina-capitalística. No viés do entendimento da micropolítica proposta por este filósofo será reconstruído as dimensões produtivas entre o agenciamento coletivo de enunciação e a máquina-cidade através das dimensões enunciativas, ou de subjetivação da arquitetura e o urbanismo, ou como estes participam na produção da subjetividade, dos modos de vida capitalísticas.

Portanto este capítulo será dividido em três partes: a primeira parte consiste na reconstrução do conceito de produção de subjetividade capitalística e agenciamento coletivo de enunciação através da obra *Micropolítica cartografias do desejo*, esta que foi organizada e transcrita pela filósofa brasileira Suely Rolnik, quando Félix Guattari esteve no Brasil no início dos anos de 1980, em oportunidade de encontros, conferências e seminários em várias cidades deste país com o proposta de discussão à problemática do capitalismo através dos conceitos deste autor. A segunda parte será reservada para a reconstrução do conceito de Ecosofia através da obra *As Três Ecologias*. Já a última parte será a reconstrução da relação dos conceitos de produção de subjetividade capitalística através da cidade (quando se pensa a arquitetura e o urbanismo como componente de subjetivação), agenciamento coletivo de enunciação e Ecosofia apresentados na obra *Caosmose um novo paradigma estético*.

Produção de subjetividade

O conceito de produção de subjetividade será aqui apresentado no intuito de se pensar as dimensões em que se produzem e se realizam às formações de produção do agenciamento coletivo de enunciação (antes entendido como sujeito) em relação ao meio social que este se encontra, bem como às máquinas técnicas e sociais que o implicam. A subjetividade através das obras de Guattari pode ser pensada como os componentes que participam para a produção de formas de vida, formas de viver, formas de se produzir, se conectar ao universo maquínico-desejante que configura o real e a natureza, consistindo assim a dinâmica de funcionamento tanto do agenciamento coletivo de enunciação quanto da sociedade em que este participa. Através da produção conceitual de Guattari o funcionamento da sociedade e dos agenciamentos coletivos que junto a ela funcionam, se tratam de operações maquínicas do desejo, este enquanto princípio produtor e criador da natureza ou dos cosmos.

Como construído nos primeiros capítulos desta pesquisa a sociedade ou a organização social como a conhecemos, se trata do funcionamento e surgimento de máquinas que organizaram, ou regimentaram as forças produtivas da natureza. Nesse regime de forças da produção desejante, ou seja, nessa cadeia, nesse universo de máquinas que compõem o real ou a exterioridade, a organização social foi produzida enquanto máquina, funcionamento organizado do desejo, ou do princípio produtivo e criador da natureza: as conexões produtivas. Essa organização por sua vez se deu graças aos componentes que participaram para a produção desta máquina, ou seja: esse funcionamento, essa dinâmica maquínica de conexões de inúmeras máquinas, constituíram-se através dos componentes que as produziram, componentes de expressão que desencadearam em formas de se produzir, ou enunciar enquanto funcionamento destes. Componentes que podem ser pensados também como máquinas, onde a coletividade e sua relação com o meio e seus “sujeitos”, a criação da comunicação em forma de fala, de escrita, as organizações hierárquicas deste grupo formam o “desenho” ou a subjetividade do funcionamento desta máquina social. Não há uma sociedade que molda o sujeito, através do pensamento deste autor, existem processos maquínicos em que formam concomitantemente “os sujeitos”, o “meio social” e suas engrenagens.

A subjetividade então consiste no funcionamento maquínico-desejante através da produção social, funcionamento este que se faz através de uma específica dinâmica da heterogênese dos componentes. Heterogênese entendida através deste filósofo como diferença, alteridade entre os componentes, contra a tentativa de submeter essas diferenças à uma categorização ou fundamento absoluto. Válido pensar assim os componentes enquanto aqueles

que constroem as circunstâncias de funcionamento desta máquina, deste agenciamento coletivo. Assim, todas as máquinas-sociais que implicam tais componentes, os mais diversos possíveis, enquanto engrenagens de seu conjunto concerne a estes funcionamento específico, um modo de funcionar, de operar. Esses componentes em funcionamento conjunto produzem as intenções ou finalidades desta máquina, essa organização, ou produção social, como por exemplo o componente máquina-família, componente máquina-gênero, componente máquina-condição-social, componente máquina-religião, componente máquina-moradia, componente máquina-emprego etc O regimento, ou a maneira como estão dispostos estes componentes para que a máquina funcione implica a produção subjetiva, ou a complexidade do funcionamento que a máquina opera sobre estes.

A organização coletiva ou social, precisa forjar-se junto a essas engrenagens, enquanto os objetivos ou finalidades da máquina e para tal expediente essa organização não apenas estabelece produções de sentidos ou cadeias de significados, produzem enunciados, ou maneiras de se conectar e se relacionar com a natureza, ou o meio, ou o grupo social, ou produção desejante de forma organizada. A subjetividade ou modos de existir funcionam como mediadores da produção da existência dos agenciamentos coletivos. Não se trata apenas de produção de crenças, tabus, verdades, qualquer cadeia de produção simbólica que organiza esta produção, mas sim de funcionamentos, de operações de produção maquínica desejante, ou seja, um arranjo que se estabelece e funciona no universo maquínico e desejante enquanto universo de referência, modo de ser e de se produzir.

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou de identificações com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas de controle social e as instancias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.(GUATTARI, ROLNIK 2013, p.35)

Para pensar a condição do indivíduo, segundo Guattari, é preciso abolir o entendimento construído sobre o próprio conceito de indivíduo. Não se trata de um “ser”, não se trata de personalidade, de identidade ou representatividade, trata-se de funcionamento processual. De forma que para se entender as dimensões de funcionamento deste indivíduo é preciso pensa-lo enquanto agenciamento coletivo de enunciação, ou formas em que acontecem a produção de enunciados, as formas de existir do contexto deste agenciamento através dos componentes que o constitui.

Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular com o tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho e com a ordem social suporte dessas forças produtivas. (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.34)

Os indivíduos são produzidos junto as forças coletivas que implicam este enquanto engrenagem, assim como estas mesmas forças produtivas se tratam de processos maquínicos que envolvem as conexões e funcionamento dos meios, componentes e circunstâncias. O que nos mostra o pensador é que todo processo de individualidade, de intimidade, de personalidade, de perceber, de produzir valores e significados sobre o meio em que se encontra, na verdade consiste em processos de produção social, onde estes processos inúmeros são entendidos como a produção de subjetividade, de autoposicionamento e autoreferência entre este agenciamento e o meio externo, a produção do indivíduo enquanto funcionamento de engrenagem à máquina social se dá através da subjetividade.

Para Guattari a matéria-prima de qualquer produção de caráter social e coletivo é esta em que implica na formação, na modelização dos modos de vida dos agenciamentos coletivos, operando sempre uma escolha, uma finalidade, um objetivo dentro deste contexto ou funcionamento social. A produção subjetiva assim é trazida ao primeiro plano tanto do funcionamento quanto das problemáticas sociais em vista do fato desta fazer com que os agenciamentos coletivos funcionem através da organização social, onde, estes agenciamentos se moldam, existem e se produzem de acordo com a lógica, mesmo que complexa e limitadora, do desejo da máquina social dominante. Neste prisma os agenciamentos coletivos não só se “sentem” participantes desta máquina social, mas acima de tudo, creditam toda a complexidade de sua existência e funcionamento a ela, onde as percepções (relações de conexões maquínicas desejanter) com a exterioridade e as máquinas que a constroem se fundam através de seu funcionamento, através das produções em que o ordenamento desta máquina implicam, enquanto função nesta organização maquínica.

O agenciamento coletivo assim se produz através da sua capacidade, e “o preço” existencial produtivo desejanter que isto implique, de engrenar-se, de participar da produção da máquina social, de moldar-se, produzir-se através desta. Assim a produção de subjetividade capitalística é esta que se faz nas relações, em todos os níveis, entre o agenciamento coletivo e o meio social. O nome, o sobrenome, a família, o bairro, a religião, o time esportivo favorito, a predileção sobre parceiros amorosos e sexuais, as cores prediletas, os artistas que veneram, a

predileção de alimentação dada através do consumo: qualquer face que seja considerada pessoal na verdade se trata do funcionamento social operando, forjando suas engrenagens, para que estas continuem investindo “suas” forças, “sua vida”, “seu” desejo, sua produção “modelizante” no funcionamento desta máquina, a social. Trazendo assim o pensamento que consiste em que toda produção de sentido, de significado, independente da máquina que implique – linguagem, família, religião, nacionalidade – na verdade se trata de produção social operando a produção de subjetividade, produzindo modos de existir, modos de viver, produzindo relações produtivas maquínicas ou enunciados.

A questão de Guattari ao criticar o estruturalismo dos linguistas remonta assim o seu conceito de produção de subjetividade. Não é a produção de sentido e significado do mundo através da linguagem e dos símbolos que fez a dinâmica social e a realidade ser como se “conhece”. Mas sim a “infundável”, inclassificável e “inteorizável” produção desejante do cosmos ou da natureza (com seus componentes que são do universo maquínico, de terras ou funcionamentos ontológicos distintos uns dos outros, em sua alteridade, velocidades diferentes) que quando assumida como funcionamento social – portanto organizado, canalizado desta produção – enquanto máquina, é que produziu os agenciamentos coletivos e junto à estes às máquinas de sentido, os símbolos correspondentes a estes funcionamentos, as cadeias significantes e seus componentes de difusão, os semióticos

Essa produção do domínio semiótico depende de sua confecção pelo campo social como um todo: é evidente que para fabricar um operário especializado não há apenas a intervenção das escolas profissionais. Há tudo o que se passou antes, na escola primária, na vida doméstica, toda uma espécie de aprendizado que consiste em ele deslocar-se na cidade desde a infância, ver televisão, em suma, estar em todo um ambiente maquinico. (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.35)

Assim o que constrói Guattari é que não se trata da produção de subjetividade enquanto “aquela” que lança o poder de controle sobre os sujeitos através da sociedade, mas sim a dimensão do desejo que canalizado vai regimentando-se, através de suas conexões, enquanto máquina social e agenciamento coletivo. Não se trata de poder mas de modelização, vontade de ordenamento, serialização da produção subjetiva através dos suas engrenagens ou agenciamento coletivo. O “Capitalismo Mundial Integrado” (GUATTARI, ROLNIK 2013, p36) é essa maneira de modelizar a subjetividade em nível planetário graças aos desenvolvimentos da tecnologia da informação e comunicação. Essa larga e vasta estrada onde se conecta as informações em nível mundial que permitiu assim essa evolução da máquina

capitalista, que consiste através dessas conexões informacionais o esmagamento de qualquer modo de vida ou subjetividade resistente a este. Qualquer engrenagem ou modo de existir com as conexões produtivas desejantes que não participarem para o funcionamento da máquina capitalística é logo abolida, reintegrada forçosamente à esta. Essa massificação dos modos de vida capitalista é onde o pensador coloca o sufixo “ístico” ao funcionamento de capital, ficando assim capitalístico, remetendo à força em que este sobrepõe-se sobre os modos de vidas diferentes ao que ele produz neste contexto de desenvolvimento tecnológico-informacional. Nos dias de hoje, os enunciados ou modos de vida impostos, vendidos, reverenciados estão por todos os lados, naturalizando as propagandas e os estímulos para consumo, de maneira, que para Guattari, se trata da produção semiótica e subjetiva capitalística, usando todos os meios maquínicos possíveis, para “nos lembrar quem somos”, engrenagens consumidoras.

A força da máquina capitalística através da produção subjetiva para tentar borrar outras formas de existência e produção enquanto coletividade e meio social, entre as relações de grupo e as relações entre os meios, os lugares, as circunstâncias e componentes, é esta em que as evoluções dos meios de comunicação contribuem para a modelização do sujeito, ou tentativa em cada instante de o territorializar “de uma vez por todas”, ou não deixar escapar de tal funcionamento os agenciamentos coletivos. “[...]A produção essencial do CMI não é apenas representação, mas a de uma modelização que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória, às relações sociais, às relações sexuais, aos fantasmas imaginários etc.” (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.36).

A subjetividade então não se refere à identidade dos agenciamentos, ou a representação em que este produz da linguagem enquanto interface social, mas sim à modelos de modos de existir, à produção da “fórmula” ou caminhos de viver através do engendramento dos modos de funcionamento da máquina-social-capitalística. “Ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos.” (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.36) Entende-se assim que a produção de sentido não se dá apenas pela representação, pela linguagem ou pelos símbolos, mas por componentes de expressão, de enunciação heterogêneos, territorialização intensiva, maneira de produzir-se junto ao real, maquinar-se. Ou seja, inúmeros funcionamentos, imperativos, internos ou externos concorrem para criar essa intensidade em que o agenciamento se produz e se veste entendida como processo de produção de subjetividade.

Implicam o funcionamentos de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos,

sociais, tecnológico, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante).(GUATTARI, ROLNIK 2013, p.39)

O modo de produção desejante, que configura o real bem como o funcionamento das forças produtivas coletivas, entendidas como produção social, que por sua vez se fazem a ser pensadas como máquinas, corte, extração de fluxos ou organização dessa produção, abre um novo campo para pensar o agenciamento enquanto engrenagem nesta máquina. Assim a psique ou qualquer categoria que remeta para um “receptáculo” ou “alma” deste humano – que produzirá as diretrizes de seu comportamento, de seus valores, da reação “deste indivíduo” com o mundo externo que irá contribuir com a idéia de uma individualidade também através dos corpo biológico – de acordo com o que nos apresenta o pensador francês, na verdade se trata de agenciamentos de enunciação que consomem, se organizam através das produções de subjetividade, ou os modos em que máquinas se criam, se enunciam, mesmo que a preço da extinção de outras. Assim nesse funcionamento, o que é externo (ou fora do corpo individuado, extensivo ao real) à este agenciamento coletivo concomitantemente se faz no mesmo processo em que se repousa a organização do interno, ou seja, o processo de conexões maquínicas que se produzem sob a égide da organização social.

A produção subjetiva capitalística se faz tanto nas atmosferas da pele humana em seu contato com o mundo externo bem como nas profundezas do agenciamentos, na sua percepção sobre o que lhe compete no arranjos do mundo. Qualquer relação será mediada pelo funcionamento da subjetividade em questão. A roupa que vestimos, a rua que escolhemos transitar, o cigarro mais barato, o yoga mais sofisticado, qualquer que seja a relação de alteridade de cunho ontológico, material, ético, estético, espiritual, “fármacopornográfico” (PRECIADO, 2018, p.38) etc consistirá numa orquestra maquínica que toca as sinfonias dos modos de vida, de enunciação, da subjetividade em questão: capitalística.

O problema de se construir um território conceitual que critica de maneira muito precisa a produção de modelos, e como estes modelos se encarnam e nos assediam em todos os campos em que nossa atenção se volta, reside em tentar não se construir um outro modelo. O que erroneamente pode ser levado em consideração como um exercício de imaginação, fantasia, abstração, “metafísico” e etc. O que se propõe mesmo que de maneira muito ineficiente através

desta dissertação, em vista de todo o cuidado de anos, décadas, de produção filosófica que implica a criação conceitual de Deleuze e Guattari, é remontar as intensidades – ou engrenagens que se juntam ao “nosso processo” de agenciamento coletivo – que produzem esses conceitos, desviando-se desta subjetividade uniformizante. É tentar utilizá-los (os conceitos), como já se é sabido, como ferramentas para arranjar máquinas, desarranjando outras.

Assim pode ser ingênua a tentativa de tentar explicar os processos em que se dão os modos de funcionamento do cosmos, ou do universo – através da natureza, a produção social e os agenciamentos coletivos como engrenagem dessa produção – enquanto funcionamento maquínico, dirigido pela máquina capitalística, sem que não se caia num reducionismo conceitual, que é justamente a esteira crítica destes pensadores: não reduzir a complexidade do funcionamento da existência. Funcionamento subjetivo, portanto social que organiza “as nossas vontades”, os “nossos desejos” da mesma maneira em que se organiza uma fila imaginária em frente ao caixa eletrônico sem que “ninguém” tenha que pedir, de maneira semelhante produz também à máquina de guerra no corpo de uma travesti todas as vezes em que se tem que ir pra rua, decidida a ser quem é(ou convicta de quem não seja) caminhando (errante porém decidida), pelas cidades que não toleram no sentido mais cínico as diferenças da existência, ou os diferentes modos de existir. A mesma produção subjetiva que “te ajuda” a escolher a decoração do apartamento é a que produz o medo sobre aqueles diferentes modos de existir, infelizmente ativo nos dias de hoje na sociedade capitalística brasileira. A subjetividade capitalística é a formatação, modelização constante dos modos de vida. Ela não busca apenas definir o gênero, a roupa certa, ou o cidadão de bem, mas sim busca, em todos os cômodos e ruas, empregos e discursos, anseios e medos e etc canalizar a parcela de existência do cosmos que cabe ao agenciamento coletivo, para que continue a existir os modos de produção da máquina capitalística. A boa parcela da sociedade que clama pelo bons costumes, pela volta dos valores religiosos sobre o funcionamento desta, que não aceitam em hipótese alguma qualquer forma de vida diferente ou desviante – segundo Guattari – se trata do ruídos desta máquina capitalista, temendo o curto circuito no seu funcionamento, uma cisão em seu modo subjetivo de existência.

Quem são os indivíduos?

A individualidade como nos apresenta o autor consiste na produção maciça dos modos de vida pela subjetividade capitalística. Não existe o indivíduo, existe sim um processo que consiste que os agenciamentos coletivos enquanto máquinas, engrenem uma peça, ou seja, mude seu funcionamento à partir da engrenagem, a ideia de indivíduo. Os indivíduos para Guattari “[...]são o resultado de produção em massa, serializado, registrado, modelado[...].

(GUATTARI, ROLNIK 2013, p.40) distinguindo assim este entendimento de indivíduo enquanto o centro ou núcleo da produção subjetiva. “A subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social.” (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.40). Assim a subjetividade é os caminhos ou formas de viver em que o “sujeito” ou “indivíduo” são forçados a trilhar, mas para entender como esse caminho se faz é preciso pensar as dimensões subjetivas dos componentes que o atravessam enquanto agenciamento coletivo de enunciação. Assim as formações sociais em que se encontra este agenciamento, as organizações do “pequenos grupos” como a família ou religião, as relações que se tem com a tecnologia da informação, internet, aparelhos celulares, aparelhos domésticos, aparelhos de transporte, aparelhos de moradia, linguagem, vestimenta, predileção musical, promoção de comida japonesa se tratam desses componentes, nesse caminhos ou modos que se cruzam, e neste cruzamento está o consumidor, ou o agenciamento coletivo. Ou seja: o indivíduo é aquilo que subjetividade capitalística produz, como nos lembra Zourabichivili, o sujeito, ou indivíduo “só existe ao se agenciar” (ZOURABICHIVILI, 2004, p. 9).

No ato de dirigir um carro, não é a pessoa que está dirigindo; a individuação desaparece no processo de articulação servo-maquínica com o carro. Mas a produção da fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo não se cola absolutamente a essa representação do indivíduo[...]Essa produção é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquinica, a mutações de universos de valor e de universo de história. (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.40)

Através destes conceitos se faz válido pensar que este entendimento de “individualidade” na verdade se trata de uma forma, equivocada, de encarar o funcionamento dos agenciamentos coletivos de enunciação. Essas formas de existir, de enunciar, de vir a ser do mundo externo, da produção material capitalística que vai subjetivando, moldando os funcionamentos deste agenciamento. O automatismo, ou a realização de algumas atividades cotidianas mostram que não há um indivíduo, mas formas de existir que se cruzam, montando, colocando a funcionar o agenciamento coletivo. A relações sociais bem como suas ferramentas de comunicação, de civilidade, de comportamento e de crenças são tidos como esses componente sempre sociais, coletivos, grupais de subjetivação. Nesse ponto a produção da ideia de um modelo se faz válida como “forma geral” da subjetividade capitalística, ou como este agenciamento participa da própria existência a partir das “opções” da produção subjetiva. Por se tratar esta subjetividade, dos interesses da indústria de consumo como o “coração” do capitalismo, e como esses produtos industrializados pelo capitalismo se fazem aos modos de vida destes agenciamentos – eles os querem, os desejam, se produzem, se moldam a partir dos anseios difundidos por essa

industrialização dos modos de vida – fica pulsante a problemática em que consiste que o que produz a industrialização e a participação destes agenciamentos enquanto “os terminais” de consumo, na verdade se trata dos próprios modos de vida dos agenciamentos.

A indústria assim produz a vida, a percepção, as formas de viver destes agenciamentos, ou dito de outra maneira, a indústria através da produção de subjetividade participa da produção dos universos de referência destes agenciamentos, os mundos ou as formas de se conectar com o mundo destes. O lucro capitalista é fundamentalmente produção de poder subjetivo. A subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material. (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.41) O real assim, para o agenciamento coletivo, se mostra como as formas de existir que a subjetividade capitalística proporciona. Existe o processo de relação entre a natureza (ou recursos naturais imprescindíveis à forma de vida humana e terrestre), a máquina social e o agenciamento coletivo, processo este que hoje se faz através da subjetividade capitalística. A sociedade, a comunidade “terrestre” bem como seus agenciamentos conhecem a realidade através das lentes do capitalismo. Não existe sujeito. Não existe indivíduo. Existe uma formação desejante complexa, organizada maquinicamente, em processo que se faz existir aos modos da subjetividade capitalística. O nome, sobrenome, o gênero sexual, a religião, as máquinas morais produtoras de verdades no horizonte capitalístico, as formas de vida que se dão nos móveis do local de trabalho, o sofá de *palet's*, a cama *king-size*, o ar-condicionado do carro, a “verdadeira” linha filosófica, a receita bolo, o porte de arma, até o conceito de “marxismo” como anda sendo trabalho, são modos de existência em que a subjetividade capitalística produz através do funcionamento dos agenciamentos coletivos como componente da máquina social.

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, no qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como recebe, ou uma relação de expressão e de criação, no qual o indivíduo se reapropria dos componentes de subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. [...] (GUATTARI, ROLNIK 2013, p.42)

O agenciamento coletivo assim tem dois pólos, um deles consiste a face “individuante”, molar, esta que submete-se aos modelos de modos de vida da produção social capitalística (que foi desenvolvida até aqui neste capítulo) que é moldada por esta subjetividade. Já a outra face é a face singularizante, ou de singularização, molecular. É uma parte, ou uma forma de funcionamento do agenciamento coletivo que não se submete a esta subjetividade e apropria-se de seus componentes para criar seus próprios modos de existir, de se produzir e de se

enunciar. Ela borra, desmorona mesmo que através de processos, os modelos subjetivos do capital. É quando algo de diferente ao modelo emerge, algo de singular. Basta um pequeno gesto fora da ordem do capital ou dos padrões difundidos por este para que se coloque toda a regra a delirar, por isso que se trata de processo. A estabilidade da subjetividade capitalística consiste numa “harmonia”, mesmo que injustificável, transcendente, do funcionamento maquínico. Assim ela está através de seus inúmeros componentes, a todo momento, assediando os agenciamentos, de maneira sempre parcial, ou seja, nunca encerrada em si mesma mas ligada a um ordenamento maquínico que acontece tanto no “íntimo” dos agenciamentos quanto aquilo que o rodeia “externamente”.

Essa singularidade, entendida aqui, é quando se cria novas formas não-capitalísticas de se fazer no mundo, de se produzir a vida, de enunciar-se. Através das incongruências que sempre são evitadas pelo modelo capitalístico, é possível perceber que nem toda a complexidade do funcionamento do agenciamento coletivo consegue caber no aquário existencial, limitadíssimo, do capitalismo. Quando se ameaça os modelos gênero, os modelos de verdade, de prazer, de “felicidade”, quando se busca as fundações desses modelos impostos por tal subjetividade o que se encontra são justificativas impalpáveis à realidade material. Assim o modo violento em que os agenciamentos defendem a própria servidão capitalista, com medo de desmoronar o binarismo de gênero, ou “a harmonia” mais do que ilusória do funcionamento da máquina-família-cristã que implica a servidão (entre outras) não-remunerada da figura da mulher, quando se ameaça a liberdade não-heteronormativa de se viver, quando não se reconhece que as diferenças em que a condição social, a cor da pele, o jeito de se andar, falar e vestir implica imposições e conseqüentemente privilégios, deixa claro que o modelo de subjetividade capitalística não corresponde a vida como se produz em seus infinitos modos. Esses desvios para uma nova forma de se estabelecer e produzir no mundo, essas muitas vezes inaceitáveis formas de vida implicam essa singularidade, essa busca inerente à condição existencial de se fazer outras vidas, histórias, ou “uma nova suavidade” como nos propõe o filósofo. Implicando processos em todos os registros ecológicos (portanto de funcionamentos e dinâmicas específicas) que estão ligados, ou conjuntamente operantes como a ecologia ambiental, social, tecnológica-comunicacional e da psique humana, entendidas como componentes da problemática Ecosófica deste autor.

Ecosofia

O que se construiu até então nesta terceira parte da dissertação se trata do funcionamento das produções existenciais capitalísticas, quando operam as máquinas sociais, os agenciamentos coletivos bem como as relações com o meio ambiente e ou recursos naturais. O que se tentou construir foram as dimensões em que o meio social, os agenciamentos coletivos e os recursos do planeta são organizados pelo modo de existência do capitalismo através de sua produção subjetiva. A relação que temos com a alimentação, com a moradia, com o funcionamento urbanístico, com as nossas casas, nossas relações amorosas, nossas angústias e “vontades” etc. são produzidas para o funcionamento e ordenamento – através da modelização subjetiva – da máquina-de-existência-reduzida-do-capitalismo. Para Guattari pensar o funcionamento de tal máquina implica pensa-la através de seus componentes e suas finalidades, ou como os níveis de funcionamento, portanto ecológicos, juntos produzem essa grande máquina. O livro *As Três Ecologias* apresenta a leitura conjunta que o filósofo faz das condições do capitalismo mundial integrado, entre a Ecologia Ambiental, a Ecologia Social e a Ecologia da subjetividade dos agenciamentos coletivos.

Três registros que reconstróem a problemática da máquina capitalística e seus modos de vida e a operação no contexto do capitalismo midiático e tecnológico. A Ecosofia assim se trata desse novo campo conceitual do capitalismo recolocado pelo filósofo, onde se fará emergir as novas práticas de criação e invenção alheias a subjetividade dominante. Tal proposta são as bases do novo paradigma estético que constrói o autor – fugindo dos modelos científicos, religiosos e capitalísticos – que consiste novos modelos de criação e por assim ser novas formas de vida, novos enunciados, novas subjetividades. Já em outro momento através da obra *Caomose um novo paradigma estético*, Guattari adiciona mais um registro das lógicas e funcionamentos da dimensão criativa existencial no prisma capitalístico, em relação às máquinas sociais e aos agenciamentos coletivos de enunciação. Ecologia do virtual é nome dessa eco-lógica que se propõe a pensar “[...]as condições de criação e formações subjetivas inesperadas” (GUATTARI, 1992, p.108), consistindo assim mais um componente do proposta Ecosófica de Guattari.

[...]É concebível [...] que a nova referência ecosófica indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto a vida cotidiana quanto a reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc, – trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma ressingularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de

uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (GUATTARI, 2015, p.15)

Para o filósofo a mudança das formas capitalísticas de existência se dará em todos os níveis do funcionamento da máquina capitalística. Assim as relações que temos em todos níveis compreende o funcionamento da subjetividade capitalística. A economia do mercado está ligada, ou funcionando juntamente, com a maneiras de existir dos agenciamentos coletivos, que por sua vez se fazem também através do funcionamento da máquina-cidade, máquina-nação. A cidade, a nação, o país, as casas, os bairros, os agenciamentos coletivos se tratam da produção capitalística como forma de existir. Desarticular esta máquina implica cartografar, trabalhar e decompor suas engrenagens em todos os níveis: na relação dos recursos naturais, ou natureza, na relação das máquinas sociais, nas relações “pessoais” etc. Desarranjar a máquina capitalística é reconstruir o conceito de funcionamento do próprio planeta. O que nos traz o autor é que as questões ambientais ou as preocupações com o meio ambiente estão diretamente ligadas as formas de viver nas cidades, as formas de se perceber/conectar com o mundo e a sociedade. Assim as Ecosofia seria esta capaz de abarcar os níveis existenciais produzidos pelo capitalismo.

Se para o filósofo existe uma necessidade de se pensar os recurso naturais assim como os problemas sociais e os que se referem aos agenciamentos coletivos, hoje, também necessário pensar uma reversão deste funcionamento. Existe uma “aceitação”, uma miopia generalizada que impede a sociedade e os agenciamentos de encarar com franqueza e maturidade as questões que se apresentam. Em algum nível debater tais problemas também é questionar as próprias crenças e formas de ver o mundo e a sociedade. É preciso pensar o porvir do meio ambiente. É preciso pensar o porvir da máquina-social assim como os modos de existência dos agenciamentos coletivos.

Portanto essas novas práticas, esse novo eixo de problematização implica arranjos, escolhas, transformações através da produção de meios para realiza-las, e a Ecosofia de Guattari nos mostra em que consiste esses processos ético-políticos. A ecosofia ou a eco-lógica do meio ambiente é esta em que assume a emergente necessidade de repensar o capitalismo enquanto “o tirano” que determina as relações que temos com os meios e os recursos naturais que estão diretamente ligados as maneiras de se pensar a sociedade (ecologia social) e as maneiras em que se produzem assim os agenciamentos coletivos de enunciação (ecologia da psique humana).

A ecosofia social consistirá portanto em desenvolver praticas especificas que tendam a modificar e a reinventar maneira de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc. [...] A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidade ser-em-grupo. Não apenas pelas intervenções comunicacionais, mas também por mutações existenciais que dizem respeito a essência da subjetividade. Nesse domínio faríamos funcionar praticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores (GUATTARI, 2015, p.15)

A ecosofia social assim consiste em novas práticas do funcionamento da relação entre o agenciamento coletivo e a máquina-social. Assim essa reconstrução das formas de vida assim como no funcionamento urbano, nas maneiras coletivas de se estabelecer como o grupo-família, as dimensões de produções coletivas passarão pela cartografia destas máquinas bem como os meios de se produzirem outras formas de vida para além da subjetividade capitalística. Já a ecologia mental consistirá na invenção da relação do agenciamento coletivo com o corpo, com as angustias assim como as vertigens, medos que se geram ao pensar as singularidades da vida como a própria morte. “Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc.” (GUATTARI, 2015, p.16) Onde ambas as práticas serão levadas a pensar, a criar assim como os artistas, em que um pequeno componente, uma pequena relação com estes agenciamentos são possíveis para desmoronar as significações, modos de se enunciar, os modos de viver através da subjetividade capitalística. Por isso se trata de um novo paradigma estético, ou um novo modelo que implica a criação e renovação dos modos de se estabelecer entre os agenciamentos coletivos, as máquinas sociais e a natureza, ou o cosmos.

Essas dimensões existenciais, esses componentes de natureza heterogenética, subjetivos, que atravessam os agenciamentos, que compõem este, criam, formam, um funcionamento específico a esta máquina. Esse funcionamento implica o caráter autoreferencial, ou seja, capaz de produzir uma autoconsistência, um autofuncionamento através de repetições, velocidades, intensidades entendidas pelo autor como Ritornelos Existenciais. Que aqui nesta pesquisa é entendido como essa intensidade, essa maneira territorializada, organizada, autorreferente de existência. Assim essa consistência dada pelo funcionamento dos ritornelos existenciais consiste quando este agenciamento é atravessado pelos componentes subjetivos, dando-lhes um forma, uma maneira, intensidade, modo de existir. O que a subjetividade capitalística faz é justamente assediá-los os agenciamentos a todos momento para que essa consistência, essa ritornelização não cesse de trabalhar. Por isso que o caminhar na rua, a fila imaginária do banco, os sinais de trânsito, os componentes semióticos das tecnologias da informação, a objetificação

e a sexualização dos corpos no horizonte modelizante, estão nos atravessando, para que assim a repetição existencial do capitalismo não pare de produzir modos de vida.

No entanto, através do novo paradigma estético de Guattari, é possível detectar e fazer emergir novas formas de existir singulares, que escapam a esta repetição existencial produzida pela subjetividade capitalística. É pensando as dimensões de imposições subjetivas sobre os agenciamento através dos componentes que é possível cartografar a cisão destes ritornelos existenciais capitalísticos. É pensar o quanto a modelização dos agenciamentos, tanto internas quanto externas, se fazem por produção de intensidades existenciais repetitivas. Onde a incongruência, ou a disritmia se fazem presentes também.

Através desse desvio pseudonarrativo trata-se apenas de configurar uma repetição suporte de existência, através de ritmos e ritornelos de uma infinita variedade. O discurso, ou qualquer cadeia discursiva, se faz assim portador de uma não discursividade que, tal como um rastro estroboscópico, anula os jogos de oposição distintiva tanto no nível do conteúdo quanto no da forma de expressão. Somente nessas condições podem ser gerados e regenerados os Universos de referencia incorporais que pontuam de acontecimentos singulares o desenrolar da historicidade individual e coletiva. (GUATTARI, 2015, p.19)

A repetição existencial produzida pela subjetividade capitalística então confere a um modo fechado, cíclico de funcionamento. A não-discursividade proposta por Guattari é essa forma, maneira, intensidade de existir que não remete necessariamente a registros definidos por símbolos ou linguagem, mas sim pela intensidade. Funcionar, existir, produzir modos de viver já implica essa repetição existencial. Porém o que nos mostra a Ecosofia do filósofo é que existem outras referências, outras formas, outras intensidades como maneiras de se produzir. Essas intensidades, outras, que ainda não tomaram corpo, que ainda não se fazem junto ao funcionamento subjetivo dos agenciamentos são este Universos Incorporais. Que são possíveis, que não são atuais porém correspondem também a materialidade, a realidade e ao concreto enquanto aquilo que pode ser, aquilo que pode vir a ser. E aí neste ponto, reside o núcleo da Ecosofia deste autor. Produzir modos de vida, modos de conexão, intensidade, ritornelos existenciais, outras maneiras de perceber e viver o real que ainda não se atualizaram, ou seja, que não se fazem junto à subjetividade capitalística mas esta inerente aos processos desta. “O que estará daqui em diante na ordem do dia é o resgate de campos de virtualidade “futuristas” e “construtivistas” (GUATTARI, 2015, p.20)

“Lógica das intensidades” (GUATTARI, 2015, p.27) seria essa cartografia, esse novo prisma sobre a produção de existência, sobre as novas formas de existir diferentes da

capitalística. Que busca sua constituição, a autoprodução e desterritorialização no horizonte da subjetividade dominante. Processo que consiste em verificar, e fazer fluir as linhas de fuga que não foram territorializadas pelo capital, onde a lógica das intensidades se faz imprescindível para a produção de novas referências de vida ou novo paradigma de criação, o paradigma estético. Essas rupturas assignificantes, ou esses “catalizadores existenciais” (GUATTARI, 2015, p.28) estão presentes nas formas em que o capitalismo produz subjetividade. O que confere a Ecosofia é criar os modos, ou produzir forma, intensidades no agenciamento coletivo para que sirva como meio de vir a ser dessas novas existências.

A produção de subjetividade produz-se através de componentes que assediam e assim participam do funcionamento dos agenciamentos coletivos de enunciação. Como já foi dito esses componentes fazem-se como enunciadores parciais, ou aqueles que não são localizáveis mas rementem sempre ao funcionamento capitalístico, esses componentes que produzem as intensidades existenciais da subjetividade capitalística sobre os agenciamentos.

Os regimes semóticos,[...]instrumentos sobre os quais repousa tal o capitalismo mundial integrado: a) as semióticas econômicas (instrumentos monetários, financeiros, contábeis, de decisão...); b) as semióticas jurídicas (título de propriedade, legislação e regulamentações diversas...); c) as semióticas técnico-científicas (planos, diagramas, programas, estudos, pesquisas...); d) as semióticas de subjetivação, das quais [...] acabam de ser enumeradas, mas conviria acrescentar [...] tais como aquelas relativas à arquitetura, ao urbanismo, aos equipamentos coletivos etc. (GUATTARI, 2015, p.31)

Assim os instrumentos de subjetivação em que o modo capitalístico produz as intensidades existenciais sobre os agenciamentos coletivos são essas representações e símbolos que concernem as imposições da relações econômicas-monetárias, os de regulamentação moral-coletiva (como as leis), os de tecnologia e relações com as máquinas técnicas e os que concernem à arquitetura, urbanismo e as relações coletivas. Assim essa relação das atividades humanas são chamadas para as transformações ecosófica que nos propõe o filósofo. São nas dinâmicas em que se fazem estes instrumentos capitalísticos acima citados que Guattari pensa essa reversão dos modos de vida dominante. Ou seja, são nessas esferas em que o capitalismo “atualiza” o seu funcionamento sobre os agenciamentos coletivos, lugares e processos estes, que se fazem também para se pensar os desvios, ou quem sabe, as novas sensibilidades. Que se tratam de novas formas de encarar, participar e produzir o entendimento de “cultura, de sociedade, de conhecimentos e de sensibilidade.” (GUATTARI, 2015, p.33) Lembrando que

uma transformação no nível ecológico ambiental, se faz juntamente a uma transformação social e subjetiva, portanto, também nos agenciamentos coletivos.

Portanto através do edifício conceitual que nos apresenta Guattari no que se refere a produção dos modos de vida do capitalismo em todos os níveis, ambientais, sociais e da psique ou agenciamento coletivo, é que se faz a proposta da reversão do mesmo. Ecosofia é a metodologia processual das novas práticas de existência, enquanto cartografia do funcionamento capitalístico diante do maquinismo do universo produtivo desejante que implica pontos, processos de cisão ou linhas de fuga. Não só se trata de perceber como acontece essas singularidades mas também como coloca-las em processo de autoprodução existencial, e conseqüentemente novos universos de referência, novas formas de viver e produzir o mundo.

Caosmose

Meu problema é recomeçar da posição do ser-no-mundo no estado nascente. Mas o estado nascente não é algo pronto diante de nós, é algo que construímos e trabalhamos.(GUATTARI, 2016, p.107)

Esta última parte da dissertação se fará sobre uma certa delimitação do campo conceitual de Guattari, através da sua obra, talvez a última, Caosmose um novo paradigma estético. O motor desta pesquisa se fez com a “costura” de alguns conceitos, para que assim, através deste arranjo, mesmo que impreciso, seja possível pensar as condições e os modos de produção de existência, ou seja, de criação de vida e por assim ser, de universos de referência que se fazem na vida cotidiana dos “agenciamentos coletivos brasileiros”.

Mesmo que diversas condições, inúmeras, sejam as que se dão ao conceito de “agenciamentos-coletivos-brasil”, nos colocam a pensar os conceitos deste filósofo as que se referem às formas de vida urbana, estas que se fazem através da máquina-moradia, máquina-mobilidade, máquina-rua, máquina-calçada, máquina-emprego, máquina-tecnológica-de-informação, máquina-espaço-público, máquina-igreja, máquina-embriagada, máquina-maquiada, máquina-religiosa etc. O maquinismo que contribui à produção dos modos de vida no capitalismo em nossos dias são muitos, estes que consistem, neste caso, nas formas de ver e se relacionar com à máquina-social-brasileira. A questão urbana de organização e funcionamento dos territórios, bem como as funções de moradia e mobilidade, para os especialistas, Geógrafos, Urbanistas e Arquitetos é pensada também através da dinâmica econômica. O que nos propõe Guattari é que estas questões sejam pensadas também através de

conceitos filosóficos, através da economia do desejo, que estes problemas relacionados as formas de vida que implicam os processos urbanos sejam pensados como emergentes às ciências humanas como um todo.

Esses conceitos que Guattari produzem para pensar a condição urbana que anuncia a força do capitalismo na entrada no século XXI, nos abrem caminhos para pensar diversas questões relacionados a própria condição da filosofia, do ensino de filosofia, das artes e do ensino de artes, ou o quanto o programa de produção da sociedade brasileira, o projeto de ensino e “formação” que se faz para “um futuro” deste país deveria assumir as discussões no que se referem as dimensões de criação inerentes à condição dos agenciamentos nos dias de hoje. Ou sem que se tenha um objetivo de formação, mas pelo menos se propor a pensar como a vida particular, religiosa, profissional, de vontades, de medos e alegrias etc passam pela produção social engendrada pela subjetividade capitalística.

Neste país há três gerações atrás, menos de cinco décadas, que coincide com a migração do campo para a cidade, era comum uma criança de 16 anos ser considerada esposa de alguém, evidentemente na maioria das vezes, “sem o consenso”. No entanto, anos se passaram e as gerações seguintes puderam presenciar, a muito custo, a mudança mesmo que pouca porém significativa da condição dessas crianças, e a transformação necessária do amplo conceito de “mulher”, não mais balizado pela heteronormatividade e a máquina-falocêntrica que dela participa. Se as gerações de hoje, de 2019, participam mesmo que involuntariamente de uma transformação necessária dos modos de pensar e viver no que se refere ao funcionamento da máquina social, é também pelo fato de algumas delas terem se produzido, se agenciado às máquinas contra à dominação capitalística. Não apenas acessaram qualquer informação desviante das formas de imposição, mas acima de tudo, se desviaram com elas. Portanto este trabalho faz coro às vozes desviantes, principalmente as que desviaram. Vozes estas que habitam também o deus buscado na igreja, os conceitos deste autor, e também nas crianças que pelo processo industrial e urbano brasileiro foram forçadas a se tornarem adultas.

Não se trata apenas em pensar as dimensões de funcionamento da subjetividade capitalística em operação nas vidas urbanas, através das casas, apartamentos, edifícios, ruas e máquinas tecnológicas. Mas também de uma cartografia das subjetividades que se fizeram na primeira década dos anos 2000 no Brasil, estas que indicavam que a mudança de funcionamento política de uma máquina-país também se tratava de uma produção de modos de vida através da educação, das artes e ciências humanas. A dinâmica de funcionamento da política brasileira indica que mais do que forças cínicas e indiferentes à vida dos “diferentes”, das minorias,

estiveram presentes nos vários estágios desta máquina, mas também as forças de criação, de busca por outras formas de se produzir e viver. Pelo processo histórico de escravidão também de destruição dos povos indígenas, de comunidades tradicionais que tinham outras relações entre a coletividade e o meio natural, junto à densa imigração que se fez nestes processo, fica evidente que o processo de produção de modelos sobre esta máquina-brasil daría-se de maneira específica. O modelo de civilidade, de sujeito sempre foi a questão. Questão está que pela complexa dinâmica fez do “viralatismo” brasileiro se tornar um conceito, de criação de outras formas de vida, pois a vida do modelo dominante nunca lhe coube.

Heterogênese

O conceito de heterogênese construído por Guattari confere as dimensões de funcionamento e criação do agenciamento coletivo no prisma da produção de subjetividade capitalística. Para entender tal funcionamento em que o agenciamento coletivo se dá através dos componentes de subjetivação, como a arquitetura e o urbanismo, se faz necessária a reconstrução desta dinâmica através da obra *Caosmose um novo paradigma estético*. Guattari confere uma importância notável à construção do conceito de heterogênese, onde tal expediente ocupou praticamente metade das páginas de *Caosmose*. A reconstrução tímida que se fará nesta última parte do trabalho será com a finalidade de se poder explorar a discussão que o filósofo apresenta da subjetivação capitalística dada através da arquitetura e o urbanismo, bem como o lugar dessa discussão no que se refere ao conceito de *Caosmose*, ou processo de tensão que existe entre a complexidade do funcionamento maquínico-desejante dos agenciamentos coletivos no horizonte da subjetividade capitalística e a infinitude do caos, ou natureza.

Para o filósofo as máquinas sociais ou os “equipamentos coletivos” (GUATTARI, 2012, p.14) assim como as máquinas da tecnologia da informação participam para modelizar o funcionamento, ou o “núcleo da subjetividade humana” (GUATTARI, 2012, p.14), quando se pensa a maneira como esses agenciamentos se produzem e se conectam ao mundo, entendidos também como sensibilidade e afetos destes.

A consideração dessas dimensões maquínicas de subjetivação nos leva a insistir, em nossa tentativa de redefinição, na heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade, já que encontramos aí: 1) componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2) elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc.; 3) dimensões semiológicas assignificantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam as axiomáticas propriamente linguísticas.” (GUATTARI, 2012, p.14)

Portanto a subjetividade capitalística quando em operação sobre os agenciamentos coletivos, se faz através da dinâmica de “atravessamento” destes componentes. Que implicam o funcionamento de cadeias de significação e sentido construídas pelos contextos deste agenciamento, como por exemplo a máquina-família, a máquina-escola, a máquina-meio-ambiente, assim como as máquinas-religiosas, as artísticas etc. O núcleo familiar e religioso, a exemplo destes que acabam de ser citados, produzem uma enunciação, um modo de ser e de se produzir através destes significados, destas cadeias de produção de sentido da língua maior em questão. Da mesma maneira as produções de imperativos, de significações vindas dos aparelhos técnicos de informação, como por exemplo a grande mídia que “entra” na casa de uma boa parcela da sociedade, através do sinal de canal aberto de transmissão televisiva, bem como aquilo que chega pela internet através dos aparelhos eletrônicos e celulares. Enfim, todo um oceano técnico, maquínico-discursivo do capitalismo assedia, bombardeia os agenciamentos coletivos desde quando estão na mesa de almoço de domingo com a família, até quando se masturbam ou defecam no banheiro de porta fechada, “sozinhos”, com o aparelho celular na mão.

Porém, esta última categoria de componente, os de regime semiótico assignificante é que Guattari vai debruçar-se para construir o funcionamento de Autopoiese dos agenciamentos, que desembocam em ritornelos existenciais complexos, dando consistência a esta máquina, quando este componente, assignificante, servirá de suporte existencial para os demais. O conceito de Autopoiese tomado emprestado por Guattari, dos filósofos e biólogos *Francisco Varela e Humberto Maturana*, se fez no intuito de configurar a dimensão autoprodutiva e autoreferencial dos funcionamentos maquínicos, estes que se fazem através dos agenciamentos coletivos.

Para o pensador francês a mesma força midiática e subjetiva que tenta reduzir as formas de existência, com a ilusória idéia da homogeneidade dos componentes de subjetivação, carrega nestes componentes uma força de singularização, assim, mesmo que a massificação de caráter modelizador das forças capitalísticas imponham uma serialização, esta mesma implica um devir polifônico, desuniforme de outros universos de referência, e portanto, dos modos de existir. No entanto, essa desarticulação implícita na heterogênese dos componentes precisa ser trabalhada enquanto processo de produção de singularidade, do contrário cairá no colo das significações e subjetividade do capitalismo dominante.

Assim Guattari apresenta um funcionamento autônomo do processo de produção subjetiva dos agenciamentos coletivos. Existe um componente assignificante que estabelece o

funcionamento transversal, portanto concomitante aos demais componentes. Assignificante no que se refere a não ter consigo um regime de cadeias linguísticas, significacionais. Ele produz significações, ele produz referências mas não carrega consigo significações linguísticas e simbólicas. A maneira como ele “organiza” os demais componentes que consiste à produção de sentido. Ele produz sentido, mesmo sendo assignificante, através do arranjo que faz dos componentes, ou seja, a maneira em que estes irão se enunciar, sendo assim uma forma, uma intensidade de funcionamento sobre os agenciamentos. Ele utiliza-se dos demais componentes heterogêneos para produzir referência, ou um estado de intensidade nessa máquina-agenciamento, intensidade esta que implica uma velocidade, assim essa velocidade entendida por Guattari como ritornelos complexos, ou seja “ritornelos existenciais” (GUATTARI, 2012, p.26), quando este agenciamento cria sua consistência, sua autoreferência, universos de referência, modos de funcionar os enunciados, produzindo subjetivação a partir desta intensidade.

Este componente é entendido pelo autor como “enunciador parcial” (GUATTARI, 2012, p.24) que remete ao objeto “a” da psicanálise de Lacan bem como a função autônoma do objeto estético de Bakhtin, como funcionamento da autonomização dos componentes subjetivos quando engendrados por este enunciador. Assim, esse enunciador parcial que se destaca das cadeias significantes tem um papel fundamental no processo de produção de subjetividade capitalística. É através destes enunciador parcial que a consistência discursiva do capitalismo se fará em todos os níveis e formas de funcionamento do agenciamento coletivo. Essa noção de objeto parcial, ou enunciador parcial é trazida por Guattari como componente de subjetivação, ou maneira de colocar os demais componentes num funcionamento subjetivo regido por este. Esta autonomização dada por este processo é que será compreendida na dinâmica da arquitetura e do urbanismo enquanto componentes modelizadores de subjetividade através do capitalismo. Mais adiante será desenvolvido como a arquitetura e os componentes urbanísticos encontrados no funcionamento da máquina-cidade produzem, participam desta subjetividade parcial.

Assim, esse enunciador parcial, que coloca a funcionar os componentes de subjetivação que participam do modo de existência do agenciamento coletivo, refere-se a uma demarcação, rítmica, existencial. Essa intensidade em funcionamento diz como este agenciamento funcionará, como este irá se relacionar com os demais componentes e assim produzir a si mesmo, demarcando um território existencial ou uma maneira de existir a partir de tal dinâmica. “Este módulo temporal catalizador” (GUATTARI, 2012, p.27) que o enunciador parcial produz sobre os demais componentes, discursivos, significantes, são perceptíveis em todas as

instâncias dos modos de vida dos agenciamentos. Portanto através do funcionamento do conceito de ritornelo complexo, reside a cisão ou o modo polifônico de produção subjetiva característica do processo maquínico.

Quando olho para o aparelho de televisão, existo no cruzamento: 1) de uma fascinação perceptiva pelo foco luminoso do aparelho que confina ao hipnotismo; 2) de uma relação de captura com o conteúdo narrativo da emissão, associada a uma vigilância lateral acerca dos acontecimentos circundantes (a água que ferve no fogo, um grito de criança, o telefone); 3) de um mundo de fantasmas que habitam meu devaneio...meu sentimento de identidade é assim assediado por diferentes direções. O que faz com que, apesar da diversidade dos componentes de subjetivação que me atravessam, eu conserve um sentimento relativo a unicidade? Isso se deve a essa ritornelização que me fixa diante da tela, constituída, assim, como nó existencial projetivo. Minha identidade se tornou *speaker*, o personagem que fala na televisão. (GUATTARI, 2012, p.28)

Este ritornelo então capta os componentes de significação, mesmo não abalando a alteridade entre eles, assim a heterogênese ainda esta a funcionar, mas sobre o domínio existencial deste ritornelo complexo. Essa subjetividade parcial é entendida como a maneira de se produzir intensidade sobre o agenciamento coletivo e os componentes que o atravessam. Neste procedimento em que o funcionamento da máquina, ou do agenciamento coletivo é tomado por uma forma de funcionar em que reabilita as maneiras de enunciar e existir de componentes de significação. O que nos mostra o filósofo que o processo de agenciamento coletivo, compreendido dentro do funcionamento enunciativo-existencial-organizacional do capitalismo, dentro da esteira da produção subjetiva, implica componentes e funcionamentos alheios a qualquer resquício de humanidade. As máquinas têm vida própria, ou, elas funcionam de maneira autônoma, sem que haja necessariamente qualquer coisa que lembre uma individualidade ou livre arbítrio. A vida, os gestos de humanidade, de carinho, de raiva são pensados de maneiras distintas através dos conceitos deste autor. Portanto a consistência maquínica que se dão as máquinas-apartamentos, as máquinas-casas, as máquinas-automóveis, as máquinas-ruas e máquinas-de-sinalização-do-trânsito, são funcionamentos das dinâmicas autopioéticas, autônomas das máquinas. Configurando assim o modo de subjetivação do capitalismo no que se refere aos seus dispositivos, estas máquinas que acabaram de ser citadas.

O produção de subjetividade capitalística é essa que opera de maneira existencializante, ela produz intensidades de existência, que organiza a produção enunciativa, ou seja, os modos de vir a ser, de se conectar maquinicamente com o real, ou dito de outra maneira, ele molda o formato enunciativo, ela se refere a uma escolha, um organização, uma “discursividade”

existencial. A casa, a moradia, o caminhar na calçada, segundo os conceitos deste autor, se tratam de processo de enunciação parcial, ou seja, de produção de intensidade sobre os agenciamentos, colando-os, moldando-os, através das funções enunciativas de ritornelização dos componentes de subjetivação parcial. Quando a máquina habitação ganha consistência através “da vida”, da dinâmica existencial e enunciativa dos agenciamentos coletivos, na verdade se trata da produção capitalística, produzindo intensidades, modos de funcionar que remetem à grande dinâmica de vida sobre os agenciamentos enquanto funcionamento da máquina-capitalística. Essa intensidade que organiza a maneira de se produzir destes agenciamentos implica o surgimento do que o filósofo chama de “Universos de Referência” (GUATTARI, 2012, p.28)

Domínios de entidades incorporais que se detectam ao mesmo tempo em que são produzidos [...] presentes, desde o instante em que os produzimos[...]eles são dados no instante criador, como hecceidade e escapam ao tempo discursivo; são como os de eternidade aninhados entre os instantes[...]implicam a consideração dos elementos em situação (familiar, sexual, conflitiva) mas também a projeção de todas as linhas de virtualidade, que se abrem a partir do acontecimento do seu surgimento. (GUATTARI, 2012, p.29)

Nessa dinâmica de funcionamento da produção subjetiva, que implica a participação decisiva do enunciador parcial, emerge a cisão que confere o caráter de estratificação, onde essa intensidade produz a reprodução repetitiva na subjetividade que ali emerge, fazendo de foco enunciativo existencializante os componentes de significação. Esse face deste modo de funcionamento confere a subjetividade capitalística o seu controle sobre os agenciamentos. Já o outro lado, ou a outra maneira de se fazer o processo é a que se refere na produção de novos universos de referência, portanto novas formas de existir do agenciamento. Nesse ponto de tensão, ou na criação subjetiva em estado latente, emergente, estão os universos incorporais, ou os modos de existir em potência, em virtualidade, outros mundos e formas de viver possíveis que ainda não se enunciaram mas podem vir a ser. Nessa face criadora é que Guattari propõe os processos de novas formas de existir através da Ecosofia, “[...]Fazer funcionar o acontecimento como portador eventual de uma nova constelação de Universos de referência.” (GUATTARI, 2012, p.29) Nessa tensão existencial entre a complexidade do funcionamento de organização dos componentes heterogêneos – essa intensidade existencial, ritornelização – e o caos (ou os mundos possíveis e infinitos que residem o universo, a natureza, a infinitude, o porvir, onde estão todos os seres e formas de ser em potência, em virtualidade) é que se encontra

“a posição do ser-no-mundo no estado nascente” (GUATTARI, 2016, p.107) o ponto de “crispação” caótica (GUATTARI, 2012, p.66): Caosmose.

Portanto esse processo Caósmico de criação de novos referentes subjetivos, novas intensidades e por assim ser novos universos de referência, que acontece nesse momento fecundo da produção do ser, enquanto processo maquínico heterogenético intensivo é “controlado”, pelo funcionamento da produção subjetiva capitalística, “procede por um poder de coação reterritorializante, fundado no primado das semióticas econômicas e monetárias e corresponde a um tipo de implosão geral de todas as Territorialidades existenciais” (GUATTARI, 2012, p.67). Assim o bombardeio semiótico de significados, de enunciações parciais do capitalismo não permite emergir a singularidade, ou o estranhamento, ou a incongruência nesse processo nascente de produção de formas de vida. A maneira como essa reterritorialização da subjetividade capitalística impede a produção de novos modos de se produzir implica a necessidade que esta máquina-capitalística tem que enquadrar, definir, descrever, criar uma referência, uma organização para qualquer fagulha de “diferenciação”. Assim, no mesmo processo em que este enquadra os agenciamentos coletivos é também o processo que impede que estes agenciamentos produzam novas formas de vir a ser. Utilizando-se do processo de autopoiese maquínica para que neste mesmo processo impeça a vida de fluir, ou o desejo de fluir sem canalização-social-dominante. Esses dispositivos de produção subjetiva capitalística, como a máquina família, a máquina-arquitetura, a máquina-urbanismo não apenas dizem, organizam as formas de existir, mas também, acima de tudo, impedem que outros modos possam vir a ser.

O mundo só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna uma posicionalidade subjetiva. Sob o efeito de um tal foco de caosmose, o conjunto dos termos diferenciais, das oposições distintivas, dos polos de discursividade é objeto de uma conectividade generalizada, de uma mutabilidade indiferente, de uma desqualificação sistemática. Esse vacúolo de descompressão é ao mesmo tempo núcleo de autopoiese sobre o qual se reafirmam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os Territórios existenciais e os universos de referência incorporais. (GUATTARI, 2012, p.94)

A dinâmica de funcionamento de produção subjetiva se trata desse movimento de tensão entre a repetição das formações subjetivas em situação (as mundanas-capitalísticas) e entre o porvir infinito do caos, ou os mundos possíveis que nele habitam. Onde, neste processo se produzem a repetição do territórios existenciais e também os universos incorporais, com outras

referências, outro mundos possíveis. Essa formação de subjetividade se faz antes das organizações significantes do espaço e tempo. Ou seja, os modos de vida e as dinâmicas que os produzem não dependem das máquinas sociais e suas produções de significação. A criação, ou melhor, o processo de criação é o processo de produção da vida, dos agenciamentos e da natureza, uma vez que estes se tratam de um funcionamento, de uma dinâmica caótica de regimentos de forças e intensidades. A subjetividade capitalística é esta que tenta esconder estes nós, ou estas pontas de desarticulação de sentido e de existência. As novas formas de viver, de sentir e de se produzir não se referem ao imaginário destes agenciamentos, mas sim a estes contextos de ruptura, de diferenciação, de desarticulação de significantes e de referência. Intensidade esta que precisa de um agenciamento para vir a ser, ou seja, precisa de componentes que propiciem novas enunciações, mas para tanto, é necessário uma nova e distinta articulação entre estes componentes subjetivos, ou seja, uma nova forma de conexão, nova intensidade, ou “uma repetição não redundante, autoafirmativa de sua própria consistência e da promoção de focos de alteridade parciais não “identificáveis” (GUATTARI, 2012, p.100) Portanto se trata do processo de fazer emergir e dar consistência aos pontos de singularidade, que escapam a modelização da subjetividade capitalística.

A cartografia conceitual proposta por Guattari nos permite pensar que o processo em que se cria as formas subjetivas de se conectarem e se produzem ao real, é o mesmo processo que implica a apropriação deste funcionamento pelas balizas do capitalismo e também emerge as circunstâncias de se produzir os possíveis. A questão política para Guattari se trata também das formas de se produzir o possível. Pois a situação, o atual, o funcionamento do capitalismo no processo de produção dos modos de vida produz esse medo do desconhecido, essa vertigem daquilo que não corresponde a suas referências de significação, ou as singularidades. Portanto pensar maneiras que possam construir possibilidades de reversão se trata também de desmoronar a modelização proposta pelo capitalismo. Modelização impregnada aos agenciamentos através da normatização discursiva, afetiva, sexual, religiosa, urbanística e arquitetônica. Existe, de acordo com o capitalismo, a maneira certa ou os modelos de se viver. Assim o paradigma, ou o modelo proposto pela subjetividade capitalística é esse que implica a serialização dos modos de se produzir e viver. O modelo capitalístico é este que produz a indiferença às singularidades, ou aos pontos de cisão do que se poderiam pensar outras formas de viver, ele faz emergir indícios constantes, ao mesmo tempo em que os reterritorializam, pois para tal funcionamento é preciso neutralizar algumas questões que deveriam ser o fio condutor para se pensar a reversão do mesmo.

Assim o modelo capitalístico de formas de vida é este que neutraliza questões que deveriam ser a pauta de todos os dias. O modo de vida capitalista que produziu o funcionamento urbano das cidades brasileiras, bem como acentuou as diferenças sociais através da distribuição de território e modelos de mobilidade, é este que leva a óbito cinco brasileiros por hora no trânsito deste país[1]. Apenas na mobilidade e locomoção pelo tecido urbano, por dia, temos um mais de 100 corpos, vidas, agenciamentos coletivos, que saem de suas casas e nunca mais retornarão. Que vivem e deixam a sua vida sobre a superfície asfáltica do capitalismo. Portanto o modelo capitalístico urbano, é esta “roleta russa”, que aceitamos diariamente e que pode custar a existência de muitos. Sem levar em conta aqueles que passam anos na dinâmica urbana de mobilidade e habitação, e a cada dia vai deixando uma parcela do seu “tempo”, de seu processo de existência e funcionamento para operar e funcionar a máquina subjetiva capitalística. A vida entre essas máquinas, não apenas moldam o corpo destes agenciamentos mas podem custar a própria existência destes. Que o trânsito brasileiro pode matar, isso é de conhecimento de todos, porém através do pensamento de Guattari o que nos mostra é que como (e por quê não é considerada como pauta emergente) esse modelo de existência, de vida do capitalismo, implica a morte, a destruição não apenas de formas possíveis de viver, mas também daquelas que tentam sobreviver ao cotidiano urbano capitalista, mesmo “sabendo” que talvez um dia qualquer possa ser o último.

Arquitetura, Urbanismo e subjetivação capitalística.

Félix Guattari através do seu projeto conceitual pensado enquanto Ecosofia propõe a realocar as problemáticas e práticas sociais, no que se referem ao funcionamento subjetivo capitalista utilizando-se das dinâmicas maquínicas da existência. Pensa o autor que a relações moleculares dos agenciamentos coletivos compõe o funcionamento do capitalismo em escala global. Portanto este mesmo funcionamento capitalístico que se faz como força motriz no desmatamento das áreas de preservação ambiental, sobre o pretexto de desenvolvimento, por todo o planeta (ignorando as consequências irreversíveis de tal atividade) se faz também nas atividades cotidianas urbanas, nas vidas que se produzem nos lares e nas ruas da máquina-capitalística. O funcionamento político que acontece no mundo é este que também se produz através dos nossos gestos, nossas crenças, nossas vontades e angústias. A dinâmica política global é esta que passa pelas nossas casas, que estão presentes nas ruas de qualquer

cidade e que assim participam para a produção “do nosso olhar”, “nossos sentimentos” sobre a realidade e o meio social. De maneira que assim se fazem válidos para pensar através dos conceitos deste autor, e também a maneira como são colocados a funcionar, a relação do capitalismo com o meio ambiente, com as máquinas sociais e os agenciamentos coletivos, os processos em que se produzem a polifonia dos sujeitos. Para o filósofo cartografar o funcionamento do capitalismo se faz concomitantemente à maneira que este compreende a sua dinâmica tanto em esfera social quanto nas que se referem à “individualidade”. Nesse horizonte, pensar o capitalismo é pensar a dinâmica de produção subjetiva que acontece nas cidades através do urbanismo, como a maneira de arranjo de bairros, ruas, serviços públicos, mobilidade, habitação etc. bem como o funcionamento do próprio elemento arquitetural no que se refere à organização dos espaços que implicam os modos de se viver. A arquitetura assim compreendida como a atividade de desenhar, projetar os espaços onde se darão as formas de se viver dos agenciamentos coletivos, como aquela que projeta as habitações, as casas, as moradias. O objeto arquitetônico portanto é visto como uma máquina determinante não só na consistência da máquina cidade mas também do próprio capitalismo, uma vez que consiste a própria relação destes agenciamentos coletivos entre o meio social.

Foi necessário fazer uma travessia conceitual através deste autor para que se reconstruísse a dinâmica que acontece entre o agenciamentos coletivo e o capitalismo, compreendidos através da produção de subjetividade, está que se faz, como já foi dito, em todos os níveis maquínicos-sociais, inclusive nas “nossas casas”, nos nossos meios de se mobilizar pelo tecido urbano. Portanto esta, enfim, última parte do trabalho confere-se em arranjar os conceitos apresentados até então para que se possa pensar como o capitalismo opera através dos elementos arquitetônicos e urbanísticos. Ou seja: como a máquina-cidade, implica o funcionamento das máquinas-ruas, máquinas-bairro, máquinas-tecnológicas-de-mobilidade e como o agenciamento coletivo participa deste funcionamento enquanto modos de vida do capitalismo.

“Os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciantes. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação” (GUATTARI, 2012, p.140). As máquinas enunciantes são aqui compreendidas como à dinâmica a qual se refere à organizações dos componentes para que assim haja uma enunciação, uma expressão, modo de se conectar com o real, de se vir a ser. A expressão assim referindo-se não necessariamente à produção de linguagem, mas como os componentes concorrem para produzir sentido, entendido através da enunciação, ou produção de modos de existir.

As esquinas, as ruas, os becos e vielas, mesmo quando encontram-se sem sinalização são compreendidos como enunciadores, ou como a organização de seus componentes produzem uma forma de existir, de se conectar-se com o real. Essa modo de enunciação, é munido de intencionalidade através do funcionamento da subjetividade parcial, é ela que de maneira transversal, faz com que os componentes confluam em modo de existência, criam uma certa harmonia entre os diferentes componentes, fazem essas diferenças criarem uma máquina, uma intensidade, um modo de funcionar e existir. Assim no cruzamento dos componentes, as edificações e as construções funcionam como este elemento que não é discursivo mas que produz intencionalidade: a igreja de estilo barroco, o grande edifício empresarial, a casa de papelão embaixo do viaduto, não remetem necessariamente à uma discursividade, porém produzem maneiras de se fazer perante estes, maneiras de se conectar, de se relacionar com aquilo que está a sua volta naquela circunstância, as edificações assim, junto aos componentes que se compõem ao redor, organizam a forma dos agenciamentos se produzirem ao real, produz uma intensidade existencial, uma enunciação.

São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas[...] máquinas portadoras de universos incorporais que não são toda via Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto ao de uma ressingularização libertadora da subjetividade individual e coletiva. (GUATTARI, 2012, p.140)

Através dos conceitos de Guattari é válido pensar que os modos de existir, de se conectar, e produzir junto ao real se fazem através das circunstâncias, estas que podem ser entendidas através de seus componentes. Somos aquilo que nos atravessa e como nos atravessa, atravessar entendido aqui como composição, como troca, conexão. Se sentados em frente ao computador ou televisão compreendemos que há algo intensivo que seja entendido como “eu” ou “nós” é porque as formas de existir, de vir a ser, de se enunciar, se fazem através do funcionamento, destes componentes com uma certa “harmonia”, caótica e complexa, porém material, existencial e extensiva. Assim somos levados a pensar que as edificações também se tratam de componentes que se fazem junto a nós os agenciamentos, concorrem, confluem, para que participem da produção destes. Assim esse agenciamento se trata daquilo que nele atravessa, naquilo que aquele corpo absorve, naquilo que ele se agencia. Portanto a subjetividade capitalística brasileira é essa que compreende que os modos de vida são produzidos pela maneira que vivemos, pelos lugares que habitamos, assim como a comida que comemos e aos deuses que veneramos.

As edificações, a decoração do apartamento bem como a velocidade da internet participam como componentes dos agenciamentos coletivos brasileiros. A questão da moradia se faz também assim válida para pensar a condição do capitalismo neste país, através dos modos de vida que este implica, não só os que “tem moradia”, mas principalmente os que não tem. É válido pensar que o capitalismo se utiliza das enunciações, das produções do modo de ser através da arquitetura, da máquina-moradia, uma vez que muitos desses agenciamentos brasileiros, grande parte da população, se lança em desumanas formas e jornadas de “trabalho remunerado”, justamente para serem “proprietários” de suas residências, para que tenham uma caverna, uma casa, uma “vida” através desta que implica um ilusório conceito de liberdade. Se a produção material se faz através dos processos que nela participam, se o tempo de trabalho reflete a transformação de vida deste agenciamento (mesmo que assalariado), se nossa realidade se tece através do processos em que “ocupamos nosso tempo” e transformamos a nossa energia, parece então válido pensar que o os agenciamentos coletivos capitalísticos são estes que transformam a sua vida para produzir a própria cela. A casa pode ser “própria” mas a maneira de viver é capitalística. Assim esse corpo, essa forma de individuação biológica do agenciamento coletivo se transforma, se faz através dos processos produtivos que implicam o tempo, ou processo de se produzir a vida. A conta não fecha, e é feita para não fechar! A exemplo de um motorista de caminhão bem como a “dona de casa”, as formações, as modelizações dos modos de vida e também do corpo, são de acordo com os processos em que estes se colocam a produzir. Se o “camioneiro”, aquele que caminha, é forte e “barrigudo” e a dona de casa, a responsável pela ordem da habitação tem hérnia de disco, pode ser por inúmeros fatores, mas não há de se negar que se tratam de processos em que estes se colocaram a viver, a modelos que estes investiram para se enquadrar, ao capitalismo que nestes agenciamentos funcionam. Aqueles que caminham e aqueles que fazem da moradia um lugar “limpo” e “organizado” podem ser vistos como indicadores da máquina subjetiva brasileira, através do transporte e da habitação.

Para Guattari os processos de produção subjetiva capitalística se dão nas relações em que os agenciamentos participam, processos estes que estão presentes também através dos elementos arquitetônicos e urbanísticos, de maneira que o funcionamento e perpetuação do capitalismo reside no funcionamento da cidade. Assim pensar a cidade, pensar a arquitetura e o funcionamento urbano é necessariamente pensar as condições de vida dos agenciamentos bem como o funcionamento do capitalismo.

Mas se é verdade que as interações entre o corpo e o espaço construído se desdobram através de campos de virtualidade cuja complexidade beira o caos [...] talvez caiba aos arquitetos e aos urbanistas pensar tanto a coletividade quando o caos [...] de um tal paradigma científico devemos rapidamente passar para um paradigma estético[...] O projeto (*dessin*) do arquiteto [...] o objetivo, a finalidade axiológica – parte em busca de um enunciador parcial que dá consistência ao conjunto dos componentes em questão. (GUATTARI, 2012, p.141)

Guattari assim imputa ao ofício de arquiteto um horizonte de responsabilidade, no que se refere aos modos de vida que este produz, desenha, através de sua obra. Este então, o arquiteto, não apenas desenha a moradia mas pensa também através do projeto arquitetônico os modos que os agenciamentos se produzirão através de seu trabalho. Se a subjetividade capitalística modeliza os modos de vida através também do moradia, das casas, cabe ao arquiteto remodelizar estes modos de produzir dos agenciamentos. Encontrando-se então a problemática da funcionalidade arquitetônica: como produzir através do objeto arquitetônico novas formas de se viver, produzir, diferentes da modelização subjetiva capitalística? Se os elementos que constituem a máquina-arquitetônica são componentes maquínicos e assim são produtores de subjetividade, cabe aos arquitetos encará-los como “sistemas autopoieticos” (GUATTARI, 2012, p.142) como máquinas que quando em operação produzem sua própria consistência, sua própria intensidade existencial em processo de ritornelização.

[...] A consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquínicas e incorporais que lhe conferem sua autoconsistência subjetiva. Pode parecer paradoxal deslocar assim a subjetividade para conjuntos materiais, por isso falaremos aqui de subjetividade parcial; a cidade, a rua, o prédio, a porta, o corredor...modelizam, cada um por sua parte em e composições globais, focos de subjetivação. (GUATTARI, 2012, p.143)

A consistência das máquinas que implicam o horizonte arquitetônico se dão através da subjetividade parcial que ela implica, ou seja, como suporte de enunciação dos componentes heterogêneos, de significação que naqueles processo se fazem. O projeto de uma casa, ou apartamento já implicam um entendimento restrito do que seja a moradia, assim enquanto aqueles que desenham, os arquitetos, seriam estes que buscariam cartografar as dimensões de existência e intensidade que se dão através daquilo que compõe o projeto arquitetônico.

Na construção de autopoiese das máquinas, foi desenvolvido o quanto este processo de intensidade existencial implica uma escolha, uma forma de vida. Essa escolha do atual que se faz neste processo, desta intensidade em que se faz o agenciamento, implica também aquilo que

foi “deixado de lado”, aquilo que existe em potência, em virtualidade. O processo de intensidade produzido pela subjetividade capitalística através de suas máquinas, como a máquina-casa, máquina-apartamento portanto implica um vasto campo potencial, virtual, o que restou das arestas do vir a ser do modelo dominante. Assim como se tratam, os elementos arquitetônicos, e em outra escala e componentes os urbanísticos, de modos de produzir intensidade existencial, caberia a estes “artistas” dos modos de vida, pensar como colocar em processo não a modelização, mas a singularidades que residem à este na produção existencial, produção enunciativa.

Não nos propõe o filósofo uma teoria urbanística ou arquitetônica que seja seguida para que “assim subverta o capitalismo”. O que propõe consiste em uma cartografia dos modos de existência – que se desdobre em uma ou umas práxis, a Ecosofia – os modos em que se dão a consistência enunciativa dos elementos que compõe também o objeto arquitetural e urbanístico. Seguindo assim “o rastro” das singularidades ou daquilo que foge a modelização, podendo a partir daí pensar processos onde estas outras intensidades e modo de existir tomem consistência, maquinem-se junto e através da funcionalidade arquitetural. Fugindo do modelo científico, capitalístico, pensando a criação ou o paradigma estético. Se a máquina-arquitetônica consiste no suporte, ou seja, a maneira como os componentes heterogêneos produzirão o modo de funcionamento do agenciamento coletivo, componentes estes que são de funcionamento maquínico, de ordenamento como a máquina-família, máquina-reposo, máquina-descanso, máquina-relação-amorosa, máquina-de-alimentação, os fantasmas (ou imagens afetivas produzidas pela subjetividade dominante) consiste a este suporte funcionar de modo não modelizante, de modo novo, criativo, “criacional” intensivo: estético. Quais são os modos de se viver dentro de uma casa, em relação a todos os objetos e vidas que esta implica, que podem ser pensados enquanto processo de singularidade, ou autoconsistente, autopoietico, criativo? Caberia ao método cartográfico do arquiteto e urbanista vasculhar as aberturas que se dão através deste problema, buscar estes objetos e subjetividades mutantes, ou através do conhecimento pático.

O que caracteriza este conhecimento[...] é o fato de que ele não procede de uma discursividade concernente a conjuntos bem-delimitados, mas antes por agregação de Territórios Existenciais. Ele nos permite postular a existência de um mesmo enunciador parcial por detrás de entidades tão diferentes e heterogêneas quantos as formações do eu, as partes do corpo real e do corpo imaginário, o espaço doméstico (GUATTARI, 2012, p.143)

Conhecimento pático assim compreendido como aquele que consegue fornecer “um significado geral”, geral entendido como a forma que juntos confluem os componentes, e significado como uma percepção, modo afetivo de compressão que só se dá pelo funcionamento do foco enunciativo, intensidade de ritornelização. É o mesmo conhecimento que se dão das formas de apreensão de “ambientes” onde sabe-se, percebe-se, que existe uma atmosfera, um clima, uma tensão, um intensidade que se faz naquele momento e circunstâncias. O arquiteto e o urbanista assim não seriam esses mágicos da semiologia, da semiótica, mas sim estes que conseguem arranjar os funcionamentos dos componentes de maneira que não confluem para a produção de uma univocidade, mas sim contribua para a polifonia dos modos de enunciação, ou polifonia dos modos de se viver dentro de uma casa, de uma cidade ou bairro que não leve esta intensidade existencial a jogar a criação dos mundos possíveis pelo ralo.

Arquitetura e Urbanismo vistos assim como formas que participam da produção de enunciação que se podem fazer para além dos modelos do capitalismo, pois elas produzem modos de vida, modos de se entender, modos de se relacionar com as alteridades e exterioridade que tem como potência virtual uma nova sensibilidade sobre si mesmo e o mundo, uma nova forma de encarar a sociedade e evidentemente a natureza. Novos modos, novas sensibilidades de se viver e se produzir através do componente estético, ou seja, de criação e certamente de vida. “Não será mais apenas questão de qualidade de vida, mas do porvir da vida enquanto tal, em sua relação com a biosfera.” (GUATTARI, 2012, p.146). Portanto através dos conceitos que Guattari se coloca a pensar a temática urbana no horizonte capitalístico, conceitos estes que reconstroem o pensamento entre a materialidade e a subjetividade, os materiais, os objetos e a vida humana. Pensados enquanto processos de produção da vida, ou como esta consiste uma forma de funcionamento do cosmos ou da natureza, ou do universo. No entanto na atual situação, na maneira como se dão essas produções de vida no prisma do capital, é emergente, é necessário, é latente, é gritante a busca de novas formas de se viver coletivamente, e essa tensão mesmo que imperceptível à sensibilidade capitalística, é real, material, tecendo o que se pode pensar como possível. Possível que pode ser entendido como um dos conceitos que se fazem ao núcleo da nova prática Ecosófica, possível como desmoronamento da modelização subjetiva, possível como força de criação contra o cinismo e insensibilidade da atual situação, aquele que produz o gesto do desdém, do medo, da repulsão às diferenças que desfilam, que moram, que comem, que vivem, que se drogam e se produzem nas esquinas e calçadas deste país.

Junto ao pensamento que Guattari propõe sobre as dinâmicas entre o espaço construído e os agenciamentos coletivos, colocando neste campo problemático não só os meios que o

capitalismo através da máquina cidade produz os modos de vida destes, mas também como tal funcionamento implica um campo de possível, um desconhecido virtual, material, que existe em potência de enunciação, de vir a ser. Para o filósofo a questão urbana é central na Ecosofia que propõe como nova maneira prática e teórica de lidar com as produções do capitalismo. Sendo a cidade e seu modo de funcionamento de suma importância para pensar o futuro dos recursos naturais, das práticas coletivas e particulares. Cabe ao funcionamento urbano enquanto tentativa de mudança, de reversão da dinâmica capitalística, operar a busca pelos processos singulares, estes que levam os modos de vida para outros territórios de referência, de existência. “Tudo dependerá da refinalização coletiva das atividades humanas e, sem dúvida, em primeiro lugar, de seus espaços construídos [...] o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano.” (GUATTARI, 2012, p.150)

Portanto através de Guattari se faz válido pensar nas condições de criação que se dão no funcionamento da máquina-urbana-capitalística. Máquina esta que tenta borrar, apagar qualquer tentativa de resistência existencial contra o capitalismo, como ordenamento, e modelização que opera maquinicamente em todos os sentidos e níveis da vida deste agenciamento. Guattari esteve neste país há décadas atrás, mas desde suas vindas aqui sempre deixou evidente a potência criadora que se faz nas multiplicidades, desuniformes, dos modos de vida e criação que aqui se produzem. A tentativa de ordenamento da amorfa condição de vida dos brasileiros cria essas tensões, essas intensidades, esses desdobramentos que fazem novos universos de referência, mesmo que momentâneos, porém como nos lembra o autor, irreversíveis. Basta um simples gesto, basta o surgimento de uma dúvida, basta uma incongruência para que todo o regime de forças se desestabilize para nunca mais voltar a ser o mesmo. Outros mundos se abrem.

Assim o que se tentou construir aqui foi uma tentativa de confluência com as desestabilidades criadoras das condições do brasileiro médio, condições quase invisíveis mas reais, tecendo dessa maneira esse conceito de devir urbano do autor. Devir urbano talvez este que se faz quando a presença de um corpo não normativo anda pela calçada, produzindo o seu mundo também pela cor do batom assim como o caminhar. Talvez também se faça emergir tal devir urbano quando se pensa o motivo que o cadeirante é impedido de acessar lugares públicos devido sua especificidade de locomoção, ou através das ocupações dançantes sobre beco e vielas das cidades históricas brasileiras, que outrora levavam em suas ruas sangue e sofrimento mas que hoje se servem de alegria, quando se produzem intensidades novas e assim se despem do medo. Talvez, este devir urbano se faça através das expressões artísticas assumidas como

oriundas das ruas, onde o corrimão não mais sustenta o corpo mas sim um deslizamento de liberdade, assim como os escritos para muitos inelegíveis, “frutos de vandalismo”, o pixo, que se fazem nos enormes prédios das metrópoles brasileiras, emergindo o fato de que não se trata apenas de deixar uma marca, mas mais ainda de profanar os modelos normativos-urbanos do capitalismo. Nos leva a pensar o autor a condição dos próprios modos de funcionamento conceitual-filosófico urbano nos dias de hoje no Brasil. Assim, neste país onde a produção estética também está a serviço das intensidades que se produzem nas igrejas, que se buscam de maneira pura e feliz aceitar o capitalismo de forma quântica e não-limitante, é o país que é chamado a fazer poesia através deste caos. Neste caos onde se encontram as formas não-identitárias que abrigam não necessariamente aqueles que se sentem diferentes, anormais, mas acima de tudo, aqueles que foram obrigados a perceber que viver se faz com alegria através dos desvios. Neste trabalho então, pensa-se, que não é só com natureza, com a sociedade e com os agenciamentos coletivos que Guattari se preocupa, mas acima de tudo, de como produzir a vida, e dado ao contexto, como produzir a vida como modelo de criação, como paradigma estético.

Conclui-se então este trabalho com um trecho do poema/música “Afirmção da vida” do poeta e Mc, Shaw: “[...]A cidade tem mil e uma coisas boas de ter, de se ver, de sentir, de comprar, de vender. Porque a cidade tem vida mas nunca ousou te dizer: você não vive na cidade, ela quem vive em você.”[2]

Referências Bibliográficas:

Livros:

GUATTARI, F. Caomose: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed.34,1992.

GUATTARI, F. As Três Ecologias. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1995

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Tradução e organização Suely Rolnik, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1985.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. Tradução de Luiz B.L. Orlandi. São Paulo, Ed.34,2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa, Ed. Assírio e Alvim, 2003;

ZOURABICHVILI, François; O vocabulário de Deleuze. Tradução André Telles. Rio de Janeiro, 2004.

UNO, Kuniichi; SANTOS, Laymert G. dos; Guattari confrontações. São Paulo, 2016.

PRECIADO, Paul B. Texto Junkie. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, Ed. n-1, 2018.

Sites:

[1] Trânsito mata 5 pessoas por hora no Brasil e custa R\$ 3 bilhões ao SUS. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2019/05/23/transito-mata-5-pessoas-por-hora-no-brasil-e-custa-r-3-bilhoes-ao-sus.htm>> Acesso em 29 de agosto de 2019.

[2] AFIRMAÇÃO DA VIDA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CR--OOoaho0>>. Acesso em 28 de agosto de 2019.